UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
PPGLI - MESTRADO EM LITERATURA E INTERCULTURALIDADE

FELIPE PEREIRA DA SILVA

A REPRESENTAÇÃO DO NEGRO NA LITERATURA INFANTOJUVENIL DE ANA MARIA MACHADO

Linha de pesquisa: Literatura, Memória e Estudos Culturais

Orientadores: Profª. Drª. Maria Goretti Ribeiro

CAMPINA GRANDE – PB
2016

FELIPE PEREIRA DA SILVA

REPRESENTAÇÃO DO NEGRO NA LITERATURA INFANTIOJUVENIL DE ANA MARIA MACHADO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba, área de concentração Literatura e Estudos Interculturais, na linha de pesquisa Literatura, Memória e Estudos Culturais, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de mestre.

Orientador (a): Prof. Dr.ª Maria Goretti Ribeiro

CAMPINA GRANDE - PB
2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586r Silva, Felipe Pereira da
Representação do negro na literatura infantojuvenil de Ana Maria Machado [manuscrito] / Felipe Pereira da Silva. - 2016.
130 p. : il. color.

Digitado.
Dissertação (Mestrado em Literatura e Interculturalidade) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.
"Orientação: Profa. Dra. Maria Goretti Ribeiro, Departamento de Letras e Artes".

1. Literatura Infantojuvenil 2. Negro - Gênero Literário 3. Estereótipos - Desconstrução I. Título.

21. ed. CDD 808.1

FELIPE PEREIRA DA SILVA

REPRESENTAÇÃO DO NEGRO NA LITERATURA INFANTOJUVENIL DE ANA MARIA MACHADO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba, área de concentração Literatura e Estudos Interculturais, na linha de pesquisa Literatura, Memória e Estudos Culturais, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de mestre.

APROVADA EM 05 / abril / 2016

BANCA EXAMINADORA

PROF.ª Dr.ª MARIA GORETTI RIBEIRO
ORIENTADOR (A)

PROF. Dr. ANTÔNIO DE PÁDUA DIAS DA SILVA (PPGLI/UEPB)
EXAMINADOR (A)

PROF.ª Dr.ª MÁRCIA TAVARES SILVA (POSLE/UFCG)
EXAMINADOR (A)

DEDICATÓRIA

Dedico,
a Deus.
Aos meus pais, José Pereira da Silva (in memória) e Maria Luís
por todo amor, carinho e confiança
em mim depositados.
A minha estimada avó Maria das Dores
(in memória), pelo amor e dedicação e pelo sonho que alimentou essa
realização.
A minha irmã Tatiane, meus sobrinhos,
A eles, DEDICO esta grande vitória.

AGRADECIMENTOS

> "Elevo os olhos para os montes: de onde me virá o socorro? O meu socorro vem do SENHOR, que fez o céu e a terra." Salmos 121:1-2.

Cícero, filósofo grego, disse que “A gratidão não é apenas a mais rica das virtudes, mas sim, a mãe de todas as outras”. Diria que é um sentimento que faz bem, uma arte que enobrece a alma e vivifica forças. Por isso...

Agradeço sobretudo a Deus, o autor e criador de tudo, pelo dom da vida e por ter me permitido viver em um mundo de beleza surpreendente e em um universo de diversidade, e pela força que me concedeu nas horas mais difíceis. Elevo a Ele minha prece de gratidão; meu coração se volta ao Único que fez tudo e sustém tudo. Ele me conhece e me ajudou até aqui. Obrigado Senhor!

Agradecer é, também, aceitar o outro e aceitar a Vida. Quando percebemos a importância do momento presente, passamos a ser gratos pelas oportunidades que nos rodeiam o tempo todo. Agradecer é um ato de amor incondicional, e é um exercício de desapego. É uma opção pelo suficiente, e contém em si a semente da humildade. É por isso que...

Agradeço à minha família, em especial, meus pais José Pereira da Silva (em memoriam) e minha mãe Maria Luís Pereira da Silva, pelo zelo e dedicação para com meus estudos e por tudo que me ensinaram.

À minha inesquecível avó, Maria das Dores Pereira da Silva (in memoriam), inesquecível professora e mestra que tanto me ensinou e sonhou com esse momento. Agradeço vovó e também lhe dedico este título, que mais que um documento é uma realização, como prova do meu carinho e gratidão.

À minha irmã Tatiane, meus sobrinhos Rhayssa, Rhaylsson, Rhyan e Rhayanne, pela paciência e compreensão nos momentos mais difíceis.

À professora e orientadora Maria Goretti Ribeiro, pela paciência para comigo, por contribuir na minha formação e acreditar em mim.

A todos os professores que fizeram parte de minha formação no Mestrado Geralda Medeiros, Elisa Mariana, Rosangela Queiroz, Antônio Carlos Magalhães, Luciano Justino, Zuleide Duarte, Rosilda Alves, Sueli Liebig, Eli Brandão, Marinete Luzia, pela contribuição e por seu exemplo de dedicação e amor à pesquisa em Literatura.

Aos funcionários da coordenação PPGLI, em especial Aldaiza, nossa Aldinha, pela dedicação e zelo em atender nossas solicitações.

Às professoras Wanilda Vidal de Lacerda e Ivonildes Fonseca que durante a graduação e pós no Campus III me ajudaram a trilhar os caminhos para a realização deste sonho, e mesmo à distância continuaram a incentivar e colaborar. A elas meu muito obrigado!

Agradeço aos professores componentes da banca examinadora, Prof. Dr. Antônio de Pádua Dias da Silva e à Prof.ª Dr.ª Márcia Tavares Silva por todas as considerações e valiosas contribuições para a conclusão desse trabalho.

Aos amigos e colegas de turma Andréa Marques (mais que amiga, irmã!), Gabriela Paz, Rafaella Ribeiro, Dione Costa, Maria Dnalda, Anne Tarsis, Laura, Luiz Paulo (em memoriam), pelos momentos vividos juntos e pela aprendizagem construída.

Aos amigos de sempre Aryane, D. Gilmaci Cavalcante, Edy Soares (pela acolhida em sua casa e todo apoio concedido), Cida Almeida (irmãzinha de caminhada e amiga. Obrigado Cidinha pelos conselhos e revisões de textos, pelo apoio nas horas de desespero e por sempre ter uma palavra amiga), Josinalva Silva e Crislani Amorim (pelas palavras proféticas na véspera dessa conquista e pela intercessão em todos os momentos).

Aos amigos Alexandre Almeida, Karlos Roseno e Willame Lima pelo apoio constante.

Aos colegas de trabalho e grande incentivadores Cleide Marques, minha eterna professora Cláudia Ribeiro, M.ª da Paz Marcolino, Sylvia Avelino, Juraci Duarte, Azenaite, Fernando Miranda, Mônica Cardoso, Rosana, Rita Monteiro, Gilvanete Domingos, Edilene e todos que, direta ou indiretamente, contribuíram com a concretização desse sonho.

Ao prefeito constitucional do município de Cuitegi, Guilherme Madruga Jr. e sua esposa Ìsis Madruga. À M.ª José Batista de Lucena (Sec. de Ed. em Mulungu) e à prefeita Joana D'Arc Bandeira, pela liberação para o estudo.

Aos meus alunos na Escola José Tomaz de Aquino (minha casa de aprendizagens).

A Olavo Barreto (grande amigo, irmão de fé e conselheiro pelo apoio e sugestões); à Dona Graça Camilo, ao Pe. Heriberto Gomes (por todas as orientações espirituais e orações), a Eduardo Araújo (pela revisão técnica), e a todos que acompanharam de perto minhas lutas.

Aos amigos Iêda de Souza Freitas, Nandara Flor, Larissa Soares (Lari), Maysa Morais, Du, Danildo, Edivaldo Barros, Raphaella Pinheiro, Patrícia Karoline e todos que compõem a página Amizade Brasil-África, um instrumento na internet a serviço do combate ao preconceito racial e à desconstrução de estereótipos.

E não poderia esquecer e deixar de agradecer a Roberta Barbosa e Simone Silva pela leitura crítica e contribuições na hora do desespero.

Eu não sou parda!
Eu não sou mulata!
Eu não sou morena!

Meça suas palavras
Me chame com garra
Negra não é ofensa

O seu colorismo
É a negação
De minha referência

Encha a boca e fale
Negra! Negra! Negra!
Tenha consciência.

Iolita Costa

RESUMO

É perceptível, nos últimos anos, uma tendência de desconstrução dos estereótipos acerca do negro na literatura infanto-juvenil brasileira, o que é ratificado quando observamos a forma como as narrativas contemporâneas oportunizam as personagens falarem sobre si e aos leitores ouvirem as vozes das margens. Tal tendência reflete um movimento de invocação ao supracitado gênero literário, inaugurado no Brasil por Monteiro Lobato, na década de 1920, e seguido por outros autores como Ana Maria Machado, a qual apresenta em sua produção ficcional uma ressignificação da imagem do negro, rompendo com os moldes da tradição e desconstruindo estereótipos e preconceitos historicamente construídos. As personagens aqui analisadas, através das suas construções físicas e psicológicas, permite-nos refletir acerca do racismo, mascarado pelo "mito da democracia racial" em nosso país, porém a evocação da miscigenação é refutada na prática, haja vista a persistência do que se convencionou denominar "racismo à brasileira". Pelo exposto, torna-se notório que a proposta aqui empreendida objetiva analisar a desconstrução de estereótipos acerca do negro na obra de Ana Maria Machado, evidenciando a presença de um estilo de discurso inovador, que valoriza as características étnico-raciais do negro. Para tanto analisamos as personagens que compõem as obras: *Do outro lado tem segredos*, *Menina Bonita do Laço de Fita*, *Do outro mundo*, *O mistério da ilha: mandingas da Ilha Quilomba*, *O canto da praça* e outras obras que seguem a mesma linha. Este trabalho pretende, portanto, contribuir, através de reflexões e contrapontos, com a desconstrução de estereótipos que acometem a população negra no âmbito literário, o que favorece uma autoaceitação identitária desde a infância. impulsionada por um processo de valorização das características fenotípicas do negro e evocação à cultura da africanidade. Para tanto valemo-nos teoricamente dos mais renomados autores que se dedicam a linha de pesquisa aqui proposta tais como Rosemberg (1979 e 1985); Abramovich (1983 e 2004); Gouvêa (2005); Palo e Oliveira (2011) e Jovino (2006) dentre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Infantojuvenil. Personagens negros. Desconstrução de estereótipos. Ana Maria Machado.

ABSTRACT

It is noticeable in recent years, a deconstruction trend stereotypes about blacks in Brazilian children's literature, which is ratified when we observe how contemporary narratives give opportunity the characters talk about themselves and the readers hear the voices of margins. This trend reflects a movement of invocation to the aforementioned literary genre, inaugurated in Brazil by Monteiro Lobato, in the 1920s, and followed by other authors such as Ana Maria Machado, which has in its production fictional one reframing of the black image, breaking the molds of tradition and deconstructing stereotypes and prejudices historically constructed. The characters analyzed here through their physical and psychological constructs allows us to reflect about racism, masked by the "myth of racial democracy" in our country, but the evocation of miscegenation is refuted in practice, given the persistence of that conventionally called "Brazilian racism". From the foregoing, it becomes clear that the proposal here undertaken aims to analyze the deconstruction of stereotypes about the black in the work of Ana Maria Machado, evidencing the presence of an innovative style of speech, that values ethnic and racial characteristics of black. Therefore we analyze the characters that make up the works: Do outro lado tem segredos, Menina Bonita do Laço de Fita, Do outro mundo, O mistério da ilha: Mandingas da ilha Quilomba, O canto da praça and other works that follow the same line. This work therefore aims to contribute, through reflections and counterpoints with the deconstruction of stereotypes that affect the black population in the literary context, which favors an identity self-acceptance from childhood. boosted by a process of appreciation of the phenotypic characteristics of the black and recall the culture of Africanity. For this, theoretically we make use of the most renowned authors who are dedicated to research line proposed here such as Rosemberg (1979 and 1985); Abramovich (1983 and 2004); Gouvêa (2005); Palo e Oliveira (2011) and Jovino (2006) among others.

KEYWORDS: Children and Youth Literature. black characters. Deconstructing stereotypes. Ana Maria Machado.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1: Capa do livro Gente bem diferente 50

FIGURA 2: Capa do livro Bento-que-bento-é-o-frade.....51

FIGURA 3: Capa do livro Raul da ferrugem azul.....52

FIGURA 4: Capa do livro Bem do seu tamanho.....53

FIGURA 5: Capa do livro O pavão do abre-e-fecha.....54

FIGURA 6: Capa do livro De olho nas penas.....55

FIGURA 7: Capa do livro O canto da praça.....56

FIGURA 8: Principais cenas do livro MBLF.....85

FIGURA 9: Capa do livro MBLF.....89

FIGURA 10: Valorização do fenótipo negro em MBLF.....90

FIGURA 11: Ênfase na representação de criança feliz em MBLF.....90

FIGURA 12: Descendência étnica do coelho.....92

FIGURA 13: Miscigenação/reprodução do coelho.....93

FIGURA 14: Capa do livro Do outro mundo.....95

FIGURA 15: Rosário (personagem do livro DOM).....99

FIGURA 16: Capa do livro OMDIMIQ.....103

FIGURA 17: Carlos (personagem branco) da obra OMDIMIQ.....104

FIGURA 18: Luana (personagem negra) da obra OMDIMIQ.....107

FIGURA 19: Comparação dos fenótipos de Carlos e Chico.....108

FIGURA 20: Chico (personagem negro) da obra OMDIMIQ.....108

FIGURA 21: Trabalhos realizados na aldeia.....110

FIGURA 22: Avô de Luana (ênfase na oralidade).....111

FIGURA 23: Avô de Luana em trajes africanos.....112

LISTA DE ABREVIAÇÕES

AMM – Ana Maria Machado

DOLTS – Do outro lado tem segredos

DOM – Do Outro Mundo

MBLF – Menina Bonita do Laço de Fita

OMDIMIQ – O Mistério da Ilha: Mandiga da Ilha Quilomba

OCDP – O canto da praça

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....12

CAPÍTULO 1 – O NEGRO NA LITERATURA INFANTO-JUVENIL: PERCURSO HISTÓRICO – CRÍTICO.....16

1.1 – Trajetória do negro na literatura infanto-juvenil.....22

1.2 – O negro na literatura infanto-juvenil brasileira.....28

1.3.1– Tradição e modernidade na literatura infantojuvenil de Monteiro Lobato.....32

CAPÍTULO 2 – O ESTILO INOVADOR DA LITERATURA INFANTO-JUVENIL DE ANA MARIA MACHADO: A NEGRURA E OUTROS TEMAS.....44

2.1 – O canto da praça.....55

2.2 – Tradição e modernidade: o negro na produção literária de Ana Maria Machado.....63

2.3. A importância do nome na construção identitária em AMM.....68

CAPÍTULO 3 – FACES DO NEGRO EM ALGUMAS OBRAS INFANTO-JUVENIS DE ANA MARIA MACHADO.....74

3.1 – "Do outro lado tem segredos.....75

3.2 – "Menina bonita do laço de fita".....80

3.2.1 – A harmonia entre texto e ilustrações.....86

3.3 – "Do outro mundo".....93

3.4 – "O mistério da ilha: mandigas da ilha Quilomba.....102

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....120

BIBLIOGRAFIA.....126

REFERÊNCIAS.....128

INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea tem exigido dos indivíduos que a compõem a revisão de muitos conceitos e preconceitos, em especial, aqueles voltados para o entendimento de aspectos étnicos e culturais, sobretudo os que envolvem a questão racial, os estereótipos e estigmas em torno do indivíduo negro. Isto porque vivemos numa sociedade multiétnica e plurirracial, mas que há muito conserva em seu seio uma série de dogmas e mitos em torno de uma suposta "democracia racial" que, na verdade, não passa de uma máscara que encobre a presença de um preconceito vivo e latente em nossa sociedade.

Cada período histórico encerra em seu contexto uma série de medidas e iniciativas que visam à consolidação de um ideal de homogeneização racial, isto é, de igualdade étnica e cultural, no entanto percebemos, a cada dia, que todas elas ocultam a verdadeira face de uma sociedade elitista e racista. Pois, o negro no contexto histórico brasileiro sempre foi deixado para segundo plano. Desde sua forçada migração da África e sua dura escravização em terras brasileiras que sua história é marcada por dores e humilhações. E, mesmo depois de decorridos mais de um século do fim da escravidão sua condição permanece praticamente a mesma. Embora não seja oficialmente escravo, não goza da total liberdade, pois os grilhões da exclusão e da discriminação continuam a lhe oprimir. Em outras palavras, apesar de algumas conquistas que culminaram em melhorias na condição de vida, em muitos aspectos, os negros continuam sendo vítimas de uma segregação socioeconômica que está enraizada nas relações de poder existentes em nossa sociedade e que é uma herança do período de colonização do nosso país.

Tendo em vista que a literatura se torna fonte importante para a compreensão desse fenômeno, uma vez que, além de proporcionar o deleite e encantamento a partir da leitura, a mesma propicia a transmissão de valores e, por que não dizer, normas que norteiam o convívio em sociedade. E, ao mesmo tempo, também pode contribuir para a manutenção e construção de protótipos que acabam legitimando o surgimento de um imaginário social racista e preconceituoso. Nessa perspectiva, analisar criticamente a produção literária dentro de seu contexto histórico, bem como identificar as mensagens contidas nas entrelinhas do texto configura-se num importante instrumento de compreensão do processo de atribuição de estereótipos ao negro no decorrer da história.

Desde criança, temos contato com obras da literatura que apresentam, quase que em sua totalidade, personagens brancos. Diante dessa situação nos perguntávamos o porquê do negro não fazer parte das histórias que líamos, e seguíamos nosso percurso pelo mundo mágico da literatura sem encontrar uma resposta no mínimo plausível para essa indagação. Crescemos tendo como referência o padrão de beleza e estilo de vida considerado ideal e que nos era apresentado, um padrão que excluía pobres e negros, ou pior, que associava estes à criminalidade e todas as mazelas da sociedade. Por esse e outros motivos decidimos investigar a relação existente entre a literatura infantojuvenil e as representações raciais.

A literatura pode ser considerada um dos principais, senão o mais eficaz, instrumento propulsor de transmissão de cultura e, como tal, de tradições, costumes, conceitos e preconceitos. Seja ela em sua forma oral ou escrita, tem servido como meio de transmissão da herança cultural da humanidade desde o seu surgimento sobre a Terra, levando de uma geração a outra sucessivamente, tradições e valores considerados essenciais à vida em sociedade.

A literatura abre, portanto, um leque infinito de possibilidades para interpretação e construção do conhecimento. A literatura infantojuvenil por ser direcionada àqueles cujo pensamento e identidade estão em formação, exerce importante papel nesse processo.

Para tanto, com intuito de contribuir com o debate em torno do reconhecimento identitário do negro em nossa sociedade, bem como a valorização de sua cultura e contribuição desta na formação da nossa própria cultura, levando em consideração os avanços na legislação a esse respeito e os estudos já existentes em torno dele, propomos um estudo de análise literária da obra de Ana Maria Machado, fazendo o recorte dos personagens negros por ela criados. Debruçar-nos-emos em específico sobre s obras *Do outro lado tem segredos*, Menina *Bonita do Laço de Fita, Do outro mundo e O mistério da ilha: Mandingas da Ilha Quilomba,* obras em que identificamos a presença de personagens negros e de um discurso antirracista.

Nossa pesquisa tem como objetivo geral analisar a representação das personagens negras na produção infantojuvenil brasileira verificando se há pontos de desconstrução do estereótipo negativo historicamente criado em torno do negro nessa produção ou a permanência dos mesmos, tomando como objeto a obra de Ana Maria Machado, considerando a forma de representação desses personagens e como objetivos específicos, traçar um percurso de representação de personagens negros na Literatura Infantojuvenil, apontando a presença de

estereótipos negativos que inferiorizavam a sua imagem, bem como a ruptura com essa ideologia na atualidade; evidenciar a presença de um estilo diferenciado e de um discurso de valorização do negro, sua cultura e sua história na produção literária de Ana Maria Machado.

Os pressupostos teórico-metodológicos que nortearam essa pesquisa consistiram na revisão bibliográfica e na leitura interpretativa das narrativas tomadas como *corpus* para nosso estudo, a partir dos elementos estruturais da narrativa literária. Dessa forma, o estudo se voltou para os elementos da narrativa: enredo, tempo, espaço e os personagens, estando neste último nosso enfoque. Com relação à crítica, a pesquisa se voltou para a representação dos personagens negros na literatura infantojuvenil, enfatizando Monteiro Lobato e a permanência de estereótipos em sua produção e o estilo diferenciado adotado por Ana Maria Machado ao rompe com esses estereótipos com base em estudos anteriores, tais como os trabalhos de Rosemberg (1979 e 1985), Abramovich (1983 e 2004), Gouvêa (2005), Jovino (2006) e Oliveira (2003) dentre outros que se debruçaram sobre esta temática. Trata-se, portanto, de uma pesquisa de base interpretativa e bibliográfica.

A análise interpretativa das obras escolhidas como *corpus*, enfocando os personagens – suas características e atributos – se pautará à luz da teoria referente à literatura infantojuvenil em nosso país, com vistas a responder ao questionamento: nas narrativas infantojuvenis de Ana Maria Machado escolhidas para análise nesta pesquisa, os personagens negros são caracterizados de maneira inovadora? Há o rompimento com estereótipos negativos que inferiorizam a sua imagem, silenciam sua voz e os tornam invisíveis?

Partimos da hipótese de que na produção literária da referida autora encontramos um discurso de valorização da imagem do negro e de respeito à diversidade, à cultura, à história e às tradições desse sujeito e do povo a que representa o que leva à reflexão e à formação de uma consciência crítica no leitor que com ela tem acesso, contribuindo, dessa forma, para o alargamento de seus horizontes, enriquecimento e transformação de sua vida e, inclusive motivando a formação de uma consciência crítica.

Todo o percurso deste trabalho encontra-se registrado em três capítulos, conforme descrevemos a seguir:

No primeiro capítulo, O NEGRO NA LITERATURA INFANTOJUVENIL: PERCURSO HISTÓRICO-CRÍTICO, apresentamos a forma como o negro foi representado na literatura infantojuvenil no decorrer de sua história, desde sua gênese nos contos de fadas de matriz europeia, quando tínhamos a ausência desse elemento, até a sua inclusão, com o

estilo inaugurado no Brasil por Monteiro Lobato, analisando a permanência de estereótipos nessa produção.

O segundo capítulo, O ESTILO INOVADOR DA LITERTURA INFANTOJUVENIL DE ANA MARIA MACHADO: A NEGRURA E OUTROS TEMAS, consiste numa abordagem analítica e interpretativa da obra de Ana Maria Machado. Neste capítulo apresentamos elementos que constituem a abordagem diferenciada no fazer literário da autora, tais como a abordagem de temas como o respeito à diversidade étnica e cultural que constitui o nosso povo.

No terceiro capítulo, FACES DO NEGRO EM ALGUMAS OBRAS INFANTOJUVENIS DE ANA MARIA MACHADO, apresentamos como a produção literária da autora rompe com o estilo de representação do negro que o inferiorizava e estigmatizava, contribuindo para a desmistificação e desconstrução de estereótipos. Para tanto, vamos retomar alguns pontos já abordados, acrescentando outros, tais como a inclusão da temática da diversidade na literatura infantojuvenil contemporânea.

Por fim, temos as considerações finais em que apresentamos nossas conclusões e, em seguida, as referências bibliográficas que nortearam e fundamentaram nossa pesquisa.

Esperamos que este trabalho possa contribuir com a crítica já existente e venha fomentar o surgimento de mais discussões em torno da temática do negro na literatura infantojuvenil, questão que ainda necessita de muito debate. Embora não seja nosso intento levantar e defender a bandeira do movimento negro, esperamos contribuir com a reflexão acerca do papel do negro na sociedade, almejando que este alcance dignidade e respeito na sociedade atual, uma vez que nesta ainda demonstra haver muita discriminação.

1. O NEGRO NA LITERATURA INFANTOJUVENIL: PERCURSO HISTÓRICO-CRÍTICO

No decorrer da história da literatura, como na sociedade em geral, os negros foram estigmatizados ou excluídos, considerados como elemento marginal e sem valor, quase não apareciam nas produções literárias e quando apareciam, ocupavam um lugar inferior ao do branco ou eram representados em oposição a estes, sendo os vilões da história. Uma realidade que a literatura refletiu e contribuiu para que se consolidasse e permanecesse por muito tempo.

Segundo Rosemberg (1984), a ausência da representação de personagens negras na literatura infantojuvenil ou sua representação estereotipada, foi o reflexo de uma prática de preconceito e exclusão que imperava na sociedade. Preconceito este que a autora classificou como "acintoso" e "revoltante" e que, segundo ela, se manifestou, também, por meio da anulação e do silenciamento dessas personagens nas histórias infantojuvenis veiculadas num determinado período da nossa produção literária ou pela representação caricata e estereotipada desses indivíduos.

A anulação e o silenciamento das personagens negras são evidenciados na forma de construção e de representação dessas personagens. As personagens brancas sempre foram mais frequentes nas histórias e, em sua grande maioria, sempre ocuparam posição privilegiada e de destaque na sociedade. Eram sempre os heróis e heroínas, mocinhos e mocinhas inocentes que, por mais que sofressem e enfrentassem dificuldades, ao final, alcançavam a felicidade e obtinham o êxito almejado durante sua caminhada. Eram sempre dotados de virtudes e de inteligência, além de que eram considerados os indivíduos ou sujeitos "normais".

Aos personagens negros restava o papel de subalternos, de seres inferiores ao branco, além de estarem no patamar de "anormalidade"; são os diferentes, os pobres, marginalizados e que estavam numa condição social, econômica e cultual inferior com relação ao branco. Basta visitar os clássicos da literatura infantil e juvenil para constatar tal fato: as princesas e príncipes, heroínas e heróis das histórias seguem sempre um modelo europeu de ser, tanto no que se refere à aparência física, quanto aos costumes, conforme podemos comprovar ao visitar qualquer conto de fadas que compõe o universo dos contos infantis. A possibilidade de encontrar um personagem negro nessas histórias é quase nula.

Diante disso, podemos afirmar que a literatura infantojuvenil refletiu por um tempo a invisibilidade do negro na sociedade. Uma invisibilidade que se refletia de diversas formas: na ausência de sua representação em obras da literatura; no silenciamento de sua voz ou, mais frequentemente, na redução de sua imagem à condição de ser inferior e subalterno ou na associação de sua imagem com a pobreza e seu enquadramento em uma classe social ou *status* inferior ao do branco, o que não deixa de ser verdade, uma vez que, em virtude da condição de escravidão a que foram submetidos durante séculos e a forma como foram "introduzidos" na sociedade após a abolição. Despedido de mãos vazias, não restaram muitas possibilidades de ascensão social para o negro na sociedade. O suposto racismo e a consequente discriminação estariam, assim, associados à pobreza e esta é consequência da exclusão a que o negro foi submetido. A literatura refletia assim, o preconceito e a discriminação que os negros sofriam na sociedade.

A inferiorização atribuída aos negros toma, dessa forma, uma conotação de condição social inferior, pois biologicamente não se pode falar em "distinção" de raças quando nos referimos ao ser humano, pois não há uma base cientifica que fundamente a noção de distinção de raças entre os seres humanos, ou seja, não há, biologicamente, diferentes raças humanas. A noção de "raça" seria, assim, segundo Haufbauer[1] (2006) uma construção social baseada em diferenças físicas e, também, culturais. Basta analisar boa parte das produções literárias infantojuvenis que circulam em nossa sociedade, em sua grande maioria, mostram famílias brancas, pertencentes a uma classe média alta, felizes e bem sucedidas, cujos filhos, são crianças brancas, bonitas, bem vestidas e que estudam nos melhores colégios e gozam de todos os privilégios que o *status* social pode conceder.

Em estudo realizado entre os anos de 2005 e 2006, a pesquisadora Eliane Santana Dias Debus se voltou para a inclusão da cultura africana e afro-brasileira na literatura infantojuvenil brasileira, com intuito de verificar se a referida inclusão se dava por uma questão de valorização do sujeito negro ou seguia "um modismo" impulsionado pela promulgação da Lei 10.639 de janeiro de 2003 que, reza acerca da inclusão do estudo da História e Cultura africana e dos africanos, dentre outros temas a eles relacionados, no currículo das escolas brasileiras.

Em seu estudo, a autora, catalogou os títulos que tornavam possível a abordagem da temática ou apresentavam personagens negras. Os dados, por ela levantados, evidenciavam que entre os 1.785 títulos publicados por 7 editoras apenas 79 apresentavam personagens

negras (DEBUS, 2012, p 142). Um número que nos leva a constatar que a valorização da imagem do negro na literatura infantojuvenil brasileira é um fenômeno que ainda está em processo de construção se considerarmos o número de produções que apresentam o negro como protagonista ou que sinalizam para uma realidade de valorização da cultura africana e afro-brasileira.

Se nos voltarmos para a história desse gênero literário constataremos que, durante muito tempo, quando o negro aparecia nas narrativas, não era como protagonista ou ocupando um lugar de destaque. Mas sempre como o empregado, o serviçal, o motorista, a doméstica, a babá; ou ainda o "bandido" que perturba a segurança das famílias ricas; o miserável que mendiga favores, ou o favelado que estuda na escola pública ou que precisa abandonar os estudos para trabalhar e ajudar no sustento da família, grande e miseravelmente representada. Se mulher, é aquela que engravida na adolescência e precisa abandonar os estudos e todos os sonhos para cuidar dos filhos.

Entretanto, temos que levar em consideração o contexto em que estas histórias circulavam. O continente europeu é um continente cuja etnia de povoamento sempre foi de maioria branca e o momento histórico em que estas histórias foram compiladas não era favorável à valorização do negro, uma vez que este era um elemento desconhecido advindo de outro continente cuja história e cultura ainda não haviam sido reveladas. Em outras palavras, autor/compilador, não vai registrar o que não vê, isto é, aquilo a que não tinha acesso. Vale ressaltar ainda que, os contos de fadas provinham das classes pobres e inferiorizadas da sociedade formadas, exclusivamente, por camponeses e artesãos que constituíam os extratos rígidos e imutáveis da sociedade vigente (ZILBERMAN e MAGALHÃES, 1982, p. 15).

É certo que não queremos generalizar e afirmar que apenas os negros eram assim representados ou excluídos das histórias, pois estaríamos cometendo uma injustiça, uma vez que também encontramos representações de personagens brancos ocupando posições de marginalidade, no entanto, para estes, por mais difícil que seja sua condição há sinais de "esperança", de perspectiva de mudança na sua condição social e econômica, ou seja, estes personagens estão sujeitos a uma ascensão social e econômica, conforme acontecido com a Cinderela do conto compilado pelos Irmãos Grimm no século XIX. Mas o negro, não tinha essa perspectiva, mesmo que ocupasse um lugar de destaque na narrativa, sempre demonstrava dependência do branco.

Na literatura contemporânea encontramos uma tendência nova. Ela é um espaço de discussão de assuntos que extrapolam o convencional e diante dessa realidade, observamos a inclusão do negro sob uma nova ótica de representação. Percebemos uma preocupação política em valorizar a identidade cultural do negro, seus costumes, sua importância e autonomia expressiva representando-o como herói de sua própria história. É este aspecto da literatura infantojuvenil que queremos destacar neste trabalho, porém para compreendermos essa mudança de perspectiva, se faz necessário tecermos algumas considerações acerca das formas como o negro foi representado durante a história da literatura infantojuvenil, para que possamos "comprovar" as mudanças significativas ocorridas na atualidade, tendo como base, sobretudo, a produção literária que compõe o *corpus* de análise deste estudo.

No próximo tópico, prosseguiremos com nosso percurso de contextualização do nosso objeto de pesquisa, discorrendo brevemente acerca do percurso da representação do negro na literatura infantojuvenil, partindo de sua gênese nos contos de fadas de matriz europeia até chegar na literatura infantojuvenil brasileira inaugurada por Monteiro Lobato na década de 1920.

1.1. Trajetória do negro na literatura infantojuvenil

A primeira forma de manifestação de uma literatura voltada para crianças e jovens foi, sem dúvida alguma, os contos de fadas, as fadas e fábulas que circulavam no meio popular transmitindo valores e ensinamentos de uma geração a outra. Estes textos foram recolhidos da oralidade e faziam parte da cultura popular, sendo transmitidos de uma geração para a outra como veículo de transmissão de valores e tradições de um povo. Histórias que uniam a realidade ao fantástico e ao maravilhoso num misto de entretenimento e instrução moral. Quem nunca se maravilhou com as histórias narradas por Charles Perrault, os Irmãos Grimm ou Hans Christian Andersen? Quem nunca se identificou ou sonhou se tornar como os personagens por eles criados? É nesta questão que queremos nos deter.

Segundo Zilberman (1987) e Hunt (2010) a primeira coletânea de contos de fadas de que se tem conhecimento na cultura ocidental foi organizada pelo francês Charles Perrault no século XVII que recolheu da tradição oral histórias que ainda hoje encantam crianças de todo o mundo. Sua obra, então, é considerada o marco inaugural de uma literatura voltada para o público infantil e juvenil. Mas, foi no século XVIII, a partir de pesquisas linguísticas

realizadas na Alemanha pelos irmãos Jacob e Wilhelm Grimm que essas histórias ganharam repercussão maior e uma ampla divulgação. No âmbito de suas pesquisas, os Irmãos Grimm recolheram, também da oralidade, um variado acervo de histórias que eram transmitidas de uma geração para outra e serviam como forma de educar e disseminar valores e ideais considerados fundamentais pela sociedade da época.

Ao nos debruçarmos sobre a leitura desses contos, percebemos que todos os personagens que os compõem seguem um padrão de representação eurocêntrico. São inúmeras as histórias de princesas, príncipes, fadas, bruxas e outros seres mágicos que vivem aventuras em um mundo em que quase tudo é possível, um mundo em que as virtudes são cultuadas e o bem sempre vence o mal. As personagens que povoam esses contos são sempre brancas, louras e de olhos claros, seguindo um padrão de beleza que se convencionou como sendo o perfeito e ideal algo que era próprio do momento histórico em que circulavam. Não encontramos em nossas leituras uma representação do povo negro e sua cultura nesses contos.

Em uma vasta quantidade de contos compilados pelos Irmãos Grimm no século XVIII, encontramos uma única menção à personagens negros um conto intitulado *Noiva branca e noiva negra.* Este está presente em uma coletânea dividida em oito volumes que reúne inúmeras histórias e foi publicada pela editora Edgraf. A narrativa segue a linha dos demais contos de fadas compilados, nela percebemos a presença de elementos fantásticos em harmonia com a realidade e um tom moralizante que é típico dessas narrativas, além de uma explícita alusão à profunda religiosidade que imperava na época.

O espaço em que o enredo se desenvolve é um ambiente rural. O tempo é indefinido, atemporal, sendo marcado pela presença de verbos e expressões impessoais “Houve uma vez”, “Certo dia” (Grimm, 1998, p. 180), o que nos leva a perceber a intencionalidade de que o conto se atualize e vença os limites do tempo. O narrador, observador e onisciente, conhece a fundo a história e o interior das personagens e narra os acontecimentos sem fazer juízo de valor de suas ações.

O conto narra a história de uma mãe, sua filha e a enteada que ceifavam feno no campo e, certo dia, recebem a visita de “Deus” disfarçado como um pobre mendigo. A narrativa diz que o homem chega ao local em que estavam as personagens e pede uma informação acerca de como chegar a determinado local. Ao solicitar a informação, Deus, na figura do pobre homem, obtém da mãe e da filha uma ríspida resposta:

> Houve uma vez, uma mulher que tinha uma filha e uma enteada. Certo dia, estavam as três ceifando feno no campo e delas se aproximou o bom Deus, disfarçado de mendigo, e perguntou:
> - Por onde passa a estrada que vai à aldeia?
> - Se queres sabê-lo, vai procurá-la! -- respondeu grosseiramente a mãe. E a filha acrescentou:
> - Se receias não encontrá-la, arranja um guia.
> (GRIMM, 1998, p. 180).

A enteada, comovida, decide ajudar ao pobre homem "- Vem, pobre homem, eu te conduzirei até lá; segue-me" (GRIMM, 1998, p. 180), mesmo sem saber de quem se tratava. Como em todos os contos de fadas, a virtude e a bondade são sempre premiadas e a maldade, castigada. É a eterna luta entre o bem e o mal que tem como objetivo "transmitir" valores que estimulem uma conduta correta. Com a atitude maldosa da mulher e sua filha:

> O bom Deus, então, encolerizou-se com a mãe e a filha; deu-lhes as costas e, como castigo pela sua ruindade, determinou que se tornassem pretas como a noite e feias como o pecado. Ao passo que à enteada dispensou grande magnanimidade (GRIMM, 1998, p. 180).

Percebe-se neste conto que a negrura é encarada como um castigo e está associada à feiura e numa visão religiosa ao pecado. Um aspecto que está diretamente ligado à discriminação com o negro e que, por muito tempo, foi pregado pelas religiões. Segundo Hofbauer (2006) era comum à associação da negrura à tristeza, ao mal ou à falta de fé, enquanto o branco representava o bem, o divino, a fé verdadeira. Dessa forma, não é nada incomum encontrar na literatura a negrura associada à maldição e ao castigo e o embranquecimento como recompensa ou gratificação.

A narrativa segue e nela se afirma que, como prêmio por sua bondade, "Deus" concedeu à bondosa moça, três pedidos a que ela responde:

> -Quisera ser tão bela e clara como o sol.
> Instantaneamente, tornou-se bela e clara como o sol.
> - Depois, gostaria de ter uma bolsa que nunca se esvaziasse.
> O bom Deus deu-lhe a bolsa, dizendo:
> - Não te esqueças da coisa melhor!
> Então a moça acrescentou:
> - A terceira coisa que desejo, é ir para céu quando morrer.
> Isto, também, lhe foi concedido; e o bom Deus despediu-se dela e se afastou. (GRIMM, 1998, p. 180).

Como se percebe na citação do conto, há toda uma construção de estereótipos em torno da figura do negro. Todo enredo nos leva a criar uma imagem negativa desse indivíduo. Constata-se, assim, que a cor negra há muito já era desprezada e considerada como algo negativo na literatura infantil. Embora tenhamos que reconhecer que o referido conto foi recolhido entre narrativas orais que circulavam numa determinada época (século XVIII) e inseridas num determinado contexto histórico, fica evidente a forma como os negros eram desprezados e excluídos. Enquanto sua cor foi considerada castigo, a cor branca foi considerada como um prêmio, uma virtude.

É possível ainda perceber na narrativa a divisão dos personagens em duas forças atuantes: o bem versus o mal. Estando o bem relacionado ao branco e o mal ao negro. O negro está, então, associado à maldade, à feiura e à maldição, enquanto que o branco à beleza, à bondade e à premiação. Dessa forma, a narrativa dos Irmãos Grimm nos leva a concluir que o racismo e o preconceito estão presentes na literatura infantojuvenil já em suas primeiras formas de manifestação, um preconceito velado sob a ideologia de que tudo que é prefeito, justo e verdadeiro é branco. O branco, ou melhor, a brancura é o único artifício e legitimo herdeiro do progresso e desenvolvimento do homem. O que nos leva a supor que, para se obter sucesso e ser cada vez melhor, se faz necessário ser branco.

Percebemos ainda na narrativa o reforço do discurso de associação da negrura com valores negativos, como a inveja por exemplo:

> Quando a madrasta com a filha chegaram a casa e verificaram que estavam pretas como o carvão e muito feia, ao passo que a enteada estava linda e alva como um dia ensolarado, seus corações transbordaram de maldade e não cogitavam outra coisa se não impingir-lhe maiores castigos ainda. (GRIMM, 1998, p. 182).

A negrura é constantemente associada às coisas ruins, como forma de reforçar essa ideologia, inclusive no aspecto religioso, neste conto, em específico, em três momentos: quando da maldição, em punição pela ríspida resposta e depois quando justifica a maldade advinda do sentimento de inveja e mais adiante, quando a moça negra se apresenta diante do rei e este se espanta com sua feiura. A madrasta, agora negra, é também uma feiticeira cujas artes usou para prejudicar a vida da moça branca, mais uma associação negativa da imagem do negro com a maldade.

Conta a história que um rei se apaixonou pela bela moça, o que causou a inveja da mulher e sua filha. A madrasta então lança sobre ela uma maldição que lhe transforma numa

“linda pata alva como a neve” (GRIMM, 1998, p. 183), em que percebemos mais uma vez a associação do branco a beleza. E dessa forma em lugar da moça branca e bonita quem chega na presença do rei é a filha da madrasta, negra e feia “Quando o rei viu a espantosa feiúra daquela que supunha sua noiva, ficou de tal modo enfurecido que mandou atirar o cocheiro numa gruta cheia de serpentes.” (GRIMM, 1998, p. 184).

Seguindo a fórmula e tradição dos contos de fadas, a narrativa é encerrada com o relato do desencantamento da moça que deixa de ser uma patinha branca e volta a ser a bela de antes e o cruel castigo da madrasta e sua filha.

Este é apenas um exemplo ilustrativo dos valores e ideais que foram e podem ser veiculados através da literatura infantojuvenil criando protótipos de negatividade não apenas em torno da raça negra, mas em torno das condições de desigualdade social, como observado em outras histórias. Isto porque toda obra literária está ancorada sob dois vieses, o do “projeto estético e do projeto ideológico de um autor ou de um período” (KHÉDE, 1990, p. 7). Estando o primeiro relacionado aos elementos internos do texto e o segundo ao contexto histórico e a visão de mundo de cada autor.

Dessa forma, o personagem, mais que o conteúdo da obra é o principal meio de transmissão da mensagem, pois ele “é a transfiguração de uma realidade humana (existente no plano comum da vida ou num plano imaginário) transposta para o plano da realidade estética (ou literária)” é, ainda, “uma espécie de ampliação ou síntese de todas as possibilidades de existência permitidas ao homem ou à condição humana” (COELHO, 2000, p. 74). Constatamos isso ao observar a forma como os personagens são construídos e sua atuação na narrativa. Personagens como os que estão presentes no conto dos Irmãos Grimm povoam o universo da produção literária destinada a crianças, sendo por muito tempo (e ainda hoje) considerados como padrão e modelo a ser seguido.

Os personagens que são o centro da ação de toda a narrativa, assinala Khéde (1990, p. 5), “representam valores através dos quais a sociedade se constitui” e, como tal prende a atenção do leitor que passa a se identificar com ele e, em algum momento, norteia sua vida tendo-o como exemplo. Isso acontece porque, “o personagem” é “um ser de linguagem” (KHEDE, 1990, p. 6). Vale salientar que não é nosso objetivo analisar os personagens dos contos de fadas tradicionais, mas como salientamos desde o início de nosso texto estes contos serviram e servem como modelo para a construção de outros personagens, pois,

> A universalidade dos contos de fadas permite o estabelecimento de uma tipologia geral para os personagens, assim como as constantes variações permitem a relação com as mudanças de contexto histórico. Os personagens são lineares e têm seus limites rigorosamente delineados, correspondendo a imagens predeterminadas [...] (KHÉDE, 1990 p. 19).

Em outras palavras, os contos de fadas foram a matéria-prima que serviu de base para toda a produção literária infantojuvenil posterior a eles. Todo escritor de textos destinados ao público infantojuvenil foi ou é leitor dos contos tradicionais e muitos elementos presentes nas histórias atuais veem deles.

Dessa forma, considerando que a formação da identidade da criança passa pelo que a ela é apresentado, isto é, pelos referenciais a que tem acesso, intencionalmente ou não, as primeiras produções literárias destinadas a crianças seguiam um único objetivo: apresentar para a criança a supremacia da raça branca sobre a raça negra. É evidente que temos que levar em consideração o contexto histórico, cultural e social em que surgiram essas produções.

Vale ressaltar que não apenas os contos de fadas da tradição ocidental apresentavam uma imagem negativa ou estereotipada do negro. Em uma das histórias das *Mil e uma noites*, encontramos uma narrativa da vida de um piedoso escravo negro que, por suas virtudes e bondade, recebe como premiação, enquanto rezava na hora da morte, o embranquecimento de seu rosto. Em outra lenda dessa mesma coletânea, encontramos a associação da negrura com o demônio.

Com o passar dos anos, mesmo com a evolução do pensamento humano e o avanço das pesquisas em genética e outras áreas da Ciência, o povo negro continuou a ser considerado inferior e, por isso, excluído do convívio social e, consequentemente da representação da literatura. Isso não significa que este não era figurado, mas que sua presença não era considerada, isto é, não ocupava um lugar de destaque e não protagonizava narrativas.

Faz-se necessário frisar que quando nos referimos à ausência da representação do negro nos contos de fadas e em outros textos da literatura infantojuvenil, não estamos nos referindo ao sujeito negro de sexo masculino, mas à etnia, ao povo em geral, englobando desde o sujeito masculino, às mulheres, crianças, jovens e idosos que constituem esse povo. A ausência da representação do negro na literatura infantojuvenil não se restringiu apenas aos contos de fadas e fábulas, mas se estendeu por um longo período na história do gênero.

Quando nos referimos à ausência da representação do negro em obras da literatura infantojuvenil, não estamos nos referindo apenas à representação desses sujeitos como protagonistas de histórias, mas de um modo geral, à sua representação enquanto sujeitos

históricos e sociais. O termo negro, assim como o sujeito negro, "é carregado de conceitos e preconceitos" (SILVA, 1995, p. 44) e no decorrer da história da humanidade foi excluído e discriminado. No longo período que sucedeu as primeiras publicações de obras destinadas a esse publico, o negro continuou a ser esquecido ou rebaixado a uma condição de inferioridade.

Segundo pesquisa realizada pela professora da Universidade Estadual da Bahia, Maria Anória de Jesus Oliveira (2003), as características atribuídas aos negros nas obras destinadas a crianças, adolescentes e jovens reproduziam a visão racista e etnocêntrica presentes na sociedade. Inúmeros fatores contribuíam para a manutenção desses pensamentos, dentre os quais podemos citar o desconhecimento do continente africano, pouco conhecido e explorado nessa época.

Segundo Rosemberg (1985) por conta desse fato, por muito tempo, prevaleceu a imagem negativa, estereotipada e depreciativa dos negros na literatura infantojuvenil. Na visão da autora "[...] o branco, enquanto personagem, recebe uma elaboração maior que o não branco" (ROSEMBERG, 1985, p. 84), tanto no que se refere à descrição das personagens quanto às ilustrações presentes nos livros. A autora analisou 165 títulos que foram publicados entre 1955 e 1975 e constatou que eles apresentavam um evidente preconceito racial por privilegiarem a valorização de um grupo étnico sobre outro.

Não apenas os textos verbais eram evidenciavam o preconceito e o racismo nas obras infantojuvenis que circulavam nessa época, mas também as ilustrações, conforme assevera Abramovich (2004, p. 41):

> [...] PRECONCEITOS NÃO SE PASSAM APENAS ATRAVÉS DE PALAVRAS, MAS TAMBÉM – E MUITO!! – ATRAVÉS DE IMAGENS[1] [...] Saber interpretar o momento, ampliar os referenciais, não endossar os disparates impostos, não reforçar os preconceitos, é buscar talvez no estético o momento de ruptura, de transgressão.

A imagem, que é uma característica peculiar desse gênero literário, também veicula mensagem e, em harmonia como o texto escrito, pode veicular uma visão depreciativa e estereotipada dos negros.

Oliveira (2003) analisou as produções literárias infantojuvenis publicadas na década de 1979 a 1989, com o objetivo de analisar a imagem do negro que delas emergia, houve uma mudança no cenário literário brasileiro no que se refere ao protagonismo das personagens

negras. Estas que, no período anterior, ocupavam lugares secundários ou eram representadas de forma a chamar a atenção para os terrores da escravidão ou como os vilões e vilãs das histórias, agora as protagonizam e são o foco das atenções nas tramas.

Entretanto, a autora constatou que, embora tenha se observado que a imagem do negro ganhou espaço nessa produção, é possível observar a predominância de três tendências temáticas nos textos que a compõem: a) a denúncia da pobreza, b) do preconceito racial e c) o enaltecimento da beleza "marrom" e "pretinha" de dois protagonistas, mas que segundo a autora, tinha em vista a "disseminação do mito da democracia racial" (OLIVEIRA, 2003, p. 18).

A autora observa que, mesmo as obras que visavam denunciar a discriminação racial presente na sociedade da época, acabavam por reforçar a associação do negro à feiura e à animalização, por meio de uma representação caricata das personagens negras, pelo exercício de atividades profissionais consideradas desprestigiadas socialmente, evidenciando sua associação à pobreza. O espaço social que ocupam, se comparado ao ocupado pelas personagens brancas, também reforça os estereótipos negativos. A residência dessas personagens é sempre um barraco ou um quartinho na favela. O núcleo família em que estão inseridos é desestruturado, prevalece a ausência do pai, órfãos ou moradores de rua. (OLIVEIRA, 2003).

Se levarmos em consideração os dados presentes em tais pesquisas, percebemos que pouca coisa mudou no que concerne a representação das personagens negras quando os comparamos com as personagens do conto dos Irmãos Grimm citado anteriormente neste capítulo.

Oliveira (2003) observa ainda que, mesmo quando a personagem negra protagoniza a história, é tecido de forma inferiorizada. Os protagonistas negros são trabalhadores que ajudam no sustento da família, outros são exemplos de resistência à marginalidade. Dessa forma, se por um lado temos a presença de uma inovação no gênero que passa a apresentar negros como protagonistas, por outro, percebemos a contradição dessa atitude, pois a forma como as personagens são construídas acaba por reforçar o preconceito com o qual está tentando romper.

Diante dessa realidade, Silva (2001, p. 14) reconhece que:

> A invisibilidade e o recalque dos valores históricos e culturais de um povo, bem como a inferiorização dos seus atributos adscritivos, através de estereótipos, conduz esse povo, na maioria das vezes, a desenvolver comportamentos de auto-rejeição, resultado em rejeição e negação dos seus valores culturais e preferência pela estética e valores culturais dos grupos valorizados nas representações.

Concordamos com a autora no que se refere a relação representação da imagem do negro de forma inferiorizada ou estereotipada como reflexo da forma como a sociedade o enxerga, o que se configura em comprovação de que na literatura infantojuvenil há a presença de um racismo que corrobora com a veiculação e manutenção do mesmo na sociedade

No próximo tópico, teceremos uma breve análise crítica acerca da presença do negro na literatura infantojuvenil brasileira, para tanto, partimos da produção literária de Monteiro Lobato que é considerada como o marco inicial de uma literatura infantojuvenil propriamente brasileira, uma vez que, o que tínhamos antes era reprodução/tradução de obras que circulavam no exterior. Vale salientar que não iremos nos deter na análise de outras obras que circularam no mesmo período, pois não é o foco de nosso estudo, a escolha por partir de comentários da obra do autor referido anteriormente se dá pelo fato de que a autora, cujas produções são foco deste estudo segue o estilo de inovação literário inaugurado por Lobato na década de 1920.

1.2. O negro na literatura infantojuvenil brasileira

No que se refere à literatura infantojuvenil brasileira, a história não é de todo diferente. Encontrar personagens negros sendo representados de forma positivada, com respeito à sua história, cultura e imagem física, com reconhecimento de sua beleza e inteligência ou ocupando o papel de protagonista, como é possível encontrar hoje, era quase impossível no início do século XX. Isto porque a produção literária deste período refletia uma condição de subalternidade do negro com relação ao branco, uma herança do pensamento europeu que imperou por séculos em nossa cultura. Esta era uma característica do pensamento escravocrata do branco europeu que nos foi imposto pelo colono português durante o período colonial que prevaleceu mesmo após a abolição e está presente ainda hoje na forma do preconceito e da discriminação étnico-racial. Como consequência deste pensamento excludente e discriminador, tivemos durante muito tempo, publicações destinadas ao público infantojuvenil com a ausência de protagonistas negros.

É impossível negar a contribuição do negro na construção do nosso país, entretanto, não podemos esquecer que esse povo aqui chegou na condição de escravo, logo, teve seus direitos mais essenciais negados como, o direito à liberdade e a própria existência, uma vez que, na condição de escravos eram reduzidos a objetos e não eram considerados gente. O negro, assim, não era considerado um ser humano, era como que um animal, um ser sem alma, a ser manipulado e domesticado. Era reduzido à condição de objeto e propriedade de outro.

O branco europeu baseava-se em alguns traços fenotípicos característicos do povo negro para fundamentar sua atitude discriminatória, conforme afirma Malachias (2007, p. 33), as características fenotípicas, tais como, a espessura dos lábios, o formato do nariz e a textura capilar, eram traços que distinguiam fisicamente as duas "raças" e, por conseguinte, serviam como elemento de distinção e classificação, inclusive, dentre esses traços, a cor da pele, por ser "negra", era o principal traço distintivo e referência maior da diferença, pois:

> quem possui "características caucasianas" – pele branca, nariz afilado, lábios finos, cabelo liso – entra na categorização das pessoas bonitas e quem, possui "características negroides' (nariz largo, cabelo lanudo e/ou crespo, lábios grossos) seria despojado de uma categorização positiva, não sendo considerado belo. (MALACHIAS, 2007, p. 33).

As características físicas naturais de um povo, assim, tornam-se símbolos de separação, distinção e classificação. A negrura sempre esteve associada "[...] à sujeira, à tragédia, à maldade" (ROSEMBERG, 1985, p. 84), logo, não poderia ser sinal de beleza e nada que fosse belo poderia possuir essas características e/ou quem as possuísse não poderia ser considerado belo.

O preconceito e à rejeição com as características físicas do povo negro é algo que se arrasta por muito tempo, remonta a época medieval e à escravidão, mas prevalece ainda hoje como fator de inferioridade do negro para com o branco, sendo base para a construção de estereótipos negativos. Embora saibamos que questões de estética e beleza sejam tendências da moda e, por assim ser, o que antes era considerado feio e era rejeitado, hoje é o bonito e aceito, conforme observamos nas novas tendências da moda que, atualmente, valorizam o cabelo crespo e armado das mulheres negras, as tranças no estilo rastafári, e outras formas que demonstram aceitação e valorização do estilo negro de ser.

Entretanto, percebemos que:

> As ideias pejorativas que associam o negro à feiúra, a desonestidade, aos trabalhos menos valorizados, dentre outras imagens negativas, continuam sendo produzidas e veiculadas, definindo padrões de positivos incompatíveis para aqueles que tem pele escura no Brasil da "democracia racial". (PINHO, 2004, p. 133).

O racismo e a discriminação racial no Brasil são na verdade, uma construção social que perpassa a nossa história. Em nossa sociedade a estigmatização e todos os estereótipos criados em torno do negro se baseiam na cor da sua pele e em seu "tipo" de cabelo, ou seja, em suas características fenotípicas, ao contrário de outras nações (os Estados Unidos, por exemplo) em que o racismo está baseado na origem geográfica e territorial do individuo, no caso, o continente africano.

A questão fenotípica foi e continua sendo muito forte e significativa no Brasil a ponto de ter servido como critério de classificação dos escravos no que se referia ao trabalho que deveriam exercer na época da escravidão, conforme especifica Nilma Lino Gomes em seu texto *Uma dupla inseparável: cabelo e cor da pele*:

> O cabelo e a cor da pele são vistos como categorias que, em alguns momentos, ajudam a definir quem é branco no Brasil e, em outros, revelam a ambiguidade do racismo brasileiro e o efeito encobridor dos conflitos raciais aqui existentes, os quais podem ser considerados consequências da não-integração do negro na sociedade brasileira após a abolição e do mito da democracia racial. (GOMES, 2003, p. 138)

Assim, as características físicas ou fenotípicas no Brasil são uma forma de linguagem e de comunicação que transmitem ideias e ideologias. Por exemplo, ao nos depararmos com um individuo de pele mais escura e/ou cabelo crespo logo concluímos que ele é negro mesmo que ele não se identifique como tal, ou seja, é uma classificação por conta das características externas (físicas) que não levam em consideração a origem geográfica do individuo ou as suas características internas, isto é, a sua identidade e a forma como se autodefine (negro ou não).

Logo, as personagens negras não faziam parte do imaginário infantojuvenil, sobretudo quando consideramos os contos tradicionais que se enquadram nesse gênero. No universo da literatura infantojuvenil os negros eram invisíveis e essa invisibilidade era consequência de uma ideologia de anulação do sujeito negro que não era considerado um ser humano. Por isso os negros eram excluídos das histórias desse gênero literário e quando eram representados, era de forma caricata, depreciativa e estigmatizada. A valorização da imagem do negro, de sua história, o respeito à sua cultura e ancestralidade africana só viria acontecer, segundo Jovino (2006), com a nova roupagem assumida pela literatura infantojuvenil na contemporaneidade,

surgida em um tempo que nos permite pensar e interpretar, de forma mais justa, a diversidade cultural que nos cerca.

Em nosso país, a literatura infantojuvenil, a exemplo de outras localidades do mundo, também surgiu em meio a um clima de conturbadas mudanças sociais. O Brasil era uma jovem nação que há pouco havia conquistado sua independência, sua autonomia política. Todo o alvoroço causado pelo fim da escravidão e as suas consequências negativas, tais como a desigualdade social; os conflitos internos para organização da sociedade ainda repercutiam e influenciavam dentre tantas outras coisas a produção artística.

Gouvêa (2005) em um estudo a respeito das formas de representações do negro na literatura destinada a crianças produzida nas duas primeiras décadas do século XX constatou que:

> Delineou-se um novo olhar para o país que permitisse compreendê-lo como nação com uma identidade própria, a chamada "brasilidade". Destacam-se uma série de produções artísticas e científicas do período, voltadas para compreender o que é brasileiro, o que singulariza e o define, e que marcas essa identidade imprimia à cena social. (GOUVÊA 2005, p. 82).

Este é o período em que o gênero em questão se firma em nosso país. É o período também em que muitas transformações ocorrem em nossa sociedade. Nosso país ainda governado pela oligarquia dos grandes proprietários rurais de São Paulo e Minas Gerais, mas influenciado pelos ventos vanguardistas que sopravam da Europa e com a leva de imigrantes aqui chegados, caminhava a passos largos para um processo de urbanização e modernização. No entanto, o sujeito negro era excluído desse processo. Não havia espaço para ele na sociedade, tampouco na literatura. Embora livre dos grilhões da escravidão, o negro continuava cativo de um sistema excludente e discriminatório.

Conceitos estavam sendo revistos e reformulados e um sentimento de nacionalismo pairava sobre o ar. Sentia-se a necessidade de criar uma identidade nacional, algo que fosse representação nossa, com a "cara" do Brasil e não mais reflexo do estrangeiro colonizador. E esse sentimento ufanista de brasilidade tomava conta de todos os setores da sociedade e a influenciava em todos os seus âmbitos, inclusive a literatura. O indígena foi o elemento escolhido para representar essa identidade.

Motivada por esse sentimento ufanista que tomava conta do nosso país, a literatura infantojuvenil passa a representar por meio de textos e imagens os símbolos que representavam a identidade nacional. Nesse período, ganham espaço as histórias que nasceram no seio popular, os mitos, lendas e heróis nacionais que povoavam o imaginário do

povo brasileiro. Essas histórias personificavam o sistema de valores que vigorava na sociedade da época e compunham seu acervo cultural.

Ao nos debruçarmos sobre as histórias infantojuvenis dessa época, percebemos que o negro não é representado como herói ou fazendo parte de uma história que valorize e afirme sua cultura, origem e ancestralidade africana, bem como sua identidade. Assim como também não encontramos a representação do alemão, do japonês e de outros povos que por aqui passaram e deixaram sua contribuição cultural no processo de colonização de nosso país. Dessa forma na nossa literatura infantojuvenil dessa época não iremos encontrar heróis franceses, holandeses e/ou pertencentes a outros grupos étnicos que passaram pelo Brasil e o dominou por certo momento. No entanto, esses povos estão representados na representação do branco que prevalece nesse gênero literário. Enquanto que o povo negro, não apenas foi esquecido e excluído como também foi representado de forma estereotipada.

A respeito da presença de personagens negros na literatura brasileira destinada a crianças e jovens desse período Abramovich (1983, p. 36-37) afirma:

> O preto? Ora, somente ocupa funções de serviçal (setor doméstico ou industrial, e aí pode ter um uniforme profissional que o defina enquanto tal e que o limite nessa atividade, seja mordomo ou operário...). Normalmente é desempregado, subalterno, tornando claro que é coadjuvante na ação e, por conseqüência, coadjuvante na vida... Se mulher, é cozinheira ou lavadeira, gordona e bunduda. Seu ótimo coração e seu colo amigo são expressos no texto ou talvez nas entrelinhas... Importa que sua apresentação física não seja das mais agradáveis, das mais audaciosas ou belas... Altivos e elegantes?? Nunquinha...

Dessa forma, a literatura infantojuvenil brasileira em sua gênese se configurou num espaço literário em que o negro foi retratado negativamente. O racismo e o preconceito racial foram sutilmente apresentados às crianças por meio deste eficaz veículo que é a literatura, contribuindo para a fixação de estereótipos e uma imagem negativa do negro. Embora seja necessário reconhecer que esta tendência era uma herança cultural do período colonial em que o negro foi escravizado e desumanizado, associado a animais selvagens que necessitavam ser domesticados.

Debus (2012, p. 143) discorrendo a respeito da presença do negro na literatura infantojuvenil Brasil brasileira afirma que a:

> presença de personagens negras ou de elementos da cultura africana e afro-brasileira em narrativas de recepção infantil e juvenil, produzidas no Brasil, quase que inexiste anteriormente à década de 1970, e, quando isso ocorre, o nergo é representado com docilidade servil, submisso ao cumprimento de seu papel de subalternidade (Tia

> Nastácia, de Monteiro Lobato), ou é aquele que provoca o apiedamento (menino André, d'A Lenda do Menino do Pastoreio) ou, ainda, aquele que não é o que é, travestindo-se de outra pele: o negro de alma branca (como Joaquim, de Joaquim, Zuluquim, Zulu – 1983), repercutindo ideias vinculadas, eja pelo regime de subalternidade promovido pela escravização dos povos africanos, seja pela política de branqueamento.

A presença dessas personagens citadas pela autora nos leva a considerar que na primeira metade do século XX ocorreu uma suposta inclusão do sujeito negro na literatura infantojuvenil brasileira. No entanto, essa representação se dava de forma estereotipada e preconceituosa. A personagem negra ocupava um espaço restrito e bem delimitado, o da subalternidade. Isso reforçava a visão de sua inferioridade em relação às demais etnias. Os negros eram destituídos de uma função ou papel social marcada por uma visão eurocêntrica na qual as personagens eram detentoras de um desejo de embranquecimento como condição para a mudança na sua condição de vida.

É preciso salientar que a imagem negativa e estereotipada do negro representada na literatura infantojuvenil se assemelhava à imagem representada na literatura destinada ao público adulto desde o período do Romantismo, conforme pode ser evidenciado em pesquisas realizadas por David Brookshaw (1983) e Proença Filho (2004). Podemos afirmar que, a presença de personagens negros na literatura infantojuvenil brasileira se deu a partir da década de 1920, com a consolidação do gênero em nosso país e o surgimento da obra lobatiana que rompe com os moldes e padrões europeus e se volta para a realidade e o contexto nacionais.

No próximo tópico, nos deteremos na produção literária de Monteiro Lobato, especificamente na forma de representação do negro nesta produção, apontando traços de inovação e, ao mesmo tempo da permanência da tradição de exclusão e manutenção de estereótipos negativos.

1.2.1. Tradição e Modernidade na literatura infantojuvenil de Monteiro Lobato

O marco inicial da literatura infantojuvenil brasileira se deu com a publicação de *A menina do Narizinho Arrebitado* de Monteiro Lobato em 1921. Este foi também o marco de ruptura desse gênero literário com um modelo tradicional e pragmático que ele seguia desde sua gênese e de abertura para um período em que o fazer literário para crianças e jovens voltado para a criatividade e inventividade típica dessas fases da vida e que atendiam ao que eles almejavam e buscavam numa obra literária, isto é, uma produção literária que estivesse

mais próxima de sua realidade, tratando de temas sociais e que não fosse apenas "divulgadoras dos novos ideais burgueses, ratificando o cânone do poder: heterossexual, masculino, capitalista, branco, cristão e ocidental" (BASTOS, 2010, p. 34), isso sem abandonar o elemento fantástico e maravilhoso peculiar do gênero.

Segundo Cunha (2003, p. 24), em todas as obras de Lobato "observava-se o mesmo questionamento e inquietação intelectual, a preocupação com as questões nacionais ou os grandes problemas mundiais". Lobato considerava que uma literatura para o público mais jovem precisava ser mais próxima de sua realidade, embora em seus textos houvesse espaço para o fantástico e a fantasia, subentendido nas entrelinhas estava um discurso de preservação dos elementos nacionais, de questionamentos das convenções impostas e, sobretudo, voltado para a criança, considerando-a um ser pensante e dotado de senso crítico. Estava aí implícita uma noção de criança como cidadão do futuro.

Com Lobato, iniciava-se, assim, uma revolução desse gênero no nosso país. Isso aconteceu num período em que o Brasil passava por inúmeras transformações no aspecto social e econômico, transformações estas que influenciaram a produção cultural em todos os seus âmbitos. Na década de 1920, o Brasil seguia em desenvolvimento cultural e econômico, motivado pelos ideais modernistas de valorização do que é nosso e a necessidade de demonstrar o desapego e a independência dos ideais europeus, dessa forma, a produção literária destinada ao público infantil e juvenil se expandia e se emancipava. A esse respeito a pesquisadora Maria Antonieta Antunes Cunha (2004, p. 24), afirma que:

> Com Monteiro Lobato é que teve inicio a verdadeira literatura infantil brasileira. Com uma obra diversificada quanto a gêneros e orientação, cria esse autor uma literatura centralizada em algumas personagens, que percorrem e unificam seu universo ficcional. [...] O escritor de Taubaté estava abrindo caminho para muitos escritores de talento, que, sobretudo na última década, vem criando uma respeitável obra endereçada à criança.

Até Monteiro Lobato as obras destinadas a crianças que circulavam no Brasil eram adaptações das histórias europeias, logo então, os preceitos e valores nelas presentes, estavam de acordo com a visão que lá imperava. O autor rompeu com essa tradição e, por ser extremamente nacionalista, começou a criar histórias e aventuras com particularidades brasileiras, aproveitando as lendas do nosso folclore e as características da cultura de nosso país.

Em sua produção literária a criança é considerada um ser ativo e dotado de opiniões próprias. Lobato valoriza a capacidade inventiva e criadora do imaginário infantil e faz uso dele para levar as crianças, adolescentes e jovens, seus leitores, a refletirem sobre temas do cotidiano social. Esta é uma característica peculiar da obra do autor, o interesse pelas questões sociais de sua época. As crianças personagens de Monteiro Lobato apresentam uma visão crítica acerca da realidade do Brasil em que viviam. Ele rejeita o moralismo que vigorava até então e funda um novo estilo de se fazer literatura para crianças.

> Monteiro Lobato cria, entre nós, uma estética da literatura infantil, sua obra constituindo-se no grande padrão do texto literário destinado á criança. Sua obra estimula o leitor a ver a realidade através de conceitos próprios. Apresenta uma interpretação da realidade nacional nos seus aspectos social, politico, econômico, cultural, mas deixa, sempre, espaço para a interlocução com o destinatário. A discordância é prevista. (CADERMATORI, 2010, p. 51).

Lobato criou personagens que ainda hoje povoam o imaginário da sociedade brasileira, inclusive os personagens negros da nossa literatura infantojuvenil, mais famosos, habitavam o imaginário mundo da obra de Monteiro Lobato a quem coube, também, a missão de inaugurar o gênero em nosso país no que se refere a uma produção estritamente nacional e com características próprias. Os personagens por ele criados, habitantes do "Sítio do Pica-pau Amarelo", precursores e inauguradores de uma nova forma de personagens, até então inexistente no gênero, são ainda hoje lembrados e objeto de discussão e estudo no meio acadêmico. A Tia Nastácia e o Tio Barnabé, os dois personagens negros mais famosos criados por Lobato, além do Saci que ele recolheu das histórias populares, são também típicos exemplos da representação estereotipada do negro nesse gênero da literatura brasileira.

Essas personagens a que nos referimos não são protagonistas das histórias, porém são relevantes pelo fato de, em alguns aspectos, romperem com a tradição de invisibilidade do negro nas histórias infantojuvenis, como por exemplo, por não serem retratadas em condição de escravidão. Eles fazem parte da história, embora ocupando papéis secundários e, vez ou outra, tendo reforçada a condição de inferioridade com relação ao branco, fato que se explica (mas, não se justifica) quando observamos o contexto histórico e social em que foram criadas. A literatura é uma arte que representa também as estruturas sociais, portanto, em uma sociedade em que os negros só ocupavam espaços inferiores, ele fosse representado como protagonista.

Toda escrita literária reflete o contexto em que foi produzida, portanto, no que se refere às personagens criadas por Lobato e citadas anteriormente, não podemos afirmar que seu papel seja insignificante, uma vez que suas ações contribuem para o desenrolar das tramas, em alguns casos, tendo sua participação como decisiva. Ou que são exemplo de uma postura racista do autor, mas que refletiam a visão da sociedade de uma determinada época.

As personagens negras criadas por Monteiro Lobato são, dessa forma, representações da forma como o sujeito negro era visto na sociedade em que ele vivia. A produção lobatiana é fruto de uma sociedade que ainda conservava os ideais escravocratas da época da colonização, como esperar que essa sociedade representasse de forma heroica os indivíduos que há pouco eram seus subalternos? As personagens aqui citadas são, então, representantes dessa visão caricata e estereotipada presente na sociedade.

A Tia Nastácia, por exemplo, cujo ambiente que lhe é reservado na trama: a cozinha, por si só já prenuncia sua condição de inferioridade, é constantemente discriminada, minimizada e animalizada pela boneca Emília,

> [...] Perdemos o anjinho por sua culpa só. Burrona! Negra beiçuda! Deus que te marcou, alguma coisa em ti achou. Quando ele protege uma criatura é por castigo. Essa burrona teve medo de cortar a asa do anjinho. Eu bem que avisei. E ela, com esse beição todo: "não tenho coragem, é sacrilégio... Sacrilégio é esse nariz chato. (LOBATO, 2010, p. 125)

Emília que é considerada por alguns críticos e estudiosos como *alter* ego do autor, é, supostamente, representação do pensamento racista que este encerrava. Em seu discurso, a boneca reforça a imagem do negro como objeto e ser sem voz, o que contribui para reforçar a condição do negro enquanto indivíduo excluído socialmente. Nele está implícito, a presença de um discurso racista de inferiorização do negro e sua desumanização. Mas este não é exclusivamente um discurso do autor, mas da sociedade em que ele estava inserido.

Em suas aparições na obra, a Tia Nastácia, mesmo desfrutando da afetividade e "carinho" dos membros da família de Dona Benta, é sempre desqualificada socialmente e considerada inferior aos demais personagens dado a cor de sua pele. Embora considerada representante do povo e sua cultura, ao mesmo tempo vemos essa cultura ser rejeitada e inferiorizada.

Na literatura infantojuvenil de Lobato, dessa forma, encontramos a imagem do negro associada à do "povo", à sabedoria popular. A característica principal e mais enfatizada da Tia Nastácia é sua capacidade de contar histórias, embora seja citada como analfabeta, ela é

considerada uma enciclopédia viva de histórias e causos bem semelhantes aos contos de fadas europeus, acrescidos com um toque de folclore brasileiro e forte influência das culturas indígena e africana que ajudou a formá-lo, típico do movimento literário em que estava inserida conforme podemos constatar em algumas passagens da narrativa lobatiana, tais como "Tia Nastácia é o povo. Tudo que o povo sabe e vai contando um para o outro ela deve saber. Estou com ideia de espremer Tia Nastácia para tirar o leite do folclore que há nela, afirma Pedrinho" (LOBATO, 2008 p. 45).

E, isto se configura como elemento de inovação pois, segundo Jovino (2006, p. 187), "não existiam histórias, nesse período, nas quais os povos negros, seus conhecimentos, sua cultura, enfim, sua história, fosse retratada de modo positivo". Na produção lobatiana, embora de forma ainda estereotipada, podemos perceber a presença de uma atenção voltada para a cultura do povo negro.

Na figura da Tia Nastácia, o negro sua cultura são representados por meio de uma evocação à tradição oral do povo africano. A personagem narra histórias que ouviu de seus antepassados e que estão carregadas de tradições. Ela as guarda na memória como valioso tesouro que não pode ser perdido. Esse zelo representa o valor atribuído pelo povo negro à suas raízes. Os moradores do sítio ouvem as histórias narradas, tecem comentários e as comparam com os contos tradicionais que estão nos livros da biblioteca de Dona Benta, o que pode ser considerada uma atitude de valorização, uma vez que o autor concedeu voz a uma personagem negra.

No entanto, vale salientar que atrelada a esse pseudo "reconhecimento" da sabedoria da personagem Tia Nastácia e de valorização à sua cultura, está implícita à discriminação com a cultura oral. A cultura negra, por exemplo, cuja base é oral, não era valorizada pelo cânone literário que só reconhecia o texto escrito. As narrativas orais que tanto encantavam as crianças e jovens e eram cultivadas na popularidade só ganhavam repercussão e reconhecimento após serem recolhidas, "compiladas" e publicadas (escritas). Muitas vezes o encanto se perdia nesse processo e as histórias chegavam "frias" e sem vida aos leitores. A oralidade era, assim, considerada inferior, era pouco ou em nada valorizada pelos críticos e intelectuais da literatura.

Na obra de Lobato, a Tia Nastácia é apresentada como uma "negra" querida pelas crianças. Algo que revela ainda a influência do estereótipo relegado ao negro nos períodos literários anteriores, pois se percebe, claramente, a associação do negro com a criança "ser

inocente", "inculto" e que precisava ser "domesticado" (educado), ou seja, os negros possuíam uma intelectualidade menor que a dos brancos. Tia Nastácia é a figura desse preconceito velado com a oralidade, contava suas histórias, pois não podia escrevê-las por ser analfabeta. Embora gostassem das histórias, as crianças as contestavam, apesar da semelhança com aquelas que eram lidas por D. Benta (símbolo e representação do ser humano letrado, no sentido lato da palavra), estas eram contadas por uma negra analfabeta e, por assim ser, sem cultura. Para ser reconhecida, ela precisava, então, "embranquecer",

> Tia Nastácia não sei se vem. Está com vergonha, coitada, por ser preta. – Que não seja boba e venha – disse Narizinho – eu dou uma explicação ao respeitável público... – Respeitável público, tenho a honra de apresentar [...] a princesa Nastácia. Não reparem ser preta. É preta só por fora, e não de nascença. Foi uma fada que um dia a pretejou, condenando-a a ficar assim até que encontre um certo anel na barriga de um certo peixe. Então o encanto quebrar-se-á e ela virará uma linda princesa loura (LOBATO, 2008 p. 206).

Mais uma vez constatamos a representação da cor negra como "castigo" ou maldição e a brancura como prêmio na literatura destinada a crianças, semelhante a forma que aparece retratada no conto dos irmãos Grimm do século XVIII. Prevalece o modelo europeu de perfeição. A personagem só será de todo perfeita se recuperar a brancura que lhe foi levada por encantamento. Tia Nastácia é, assim, uma negra de alma branca o que explica sua "sabedoria". Essa hipótese revela a presença de um preconceito racial velado nas entrelinhas e sofrido pela personagem da narrativa, pois nega sutilmente a possibilidade do negro ter uma cultura, conhecimento e até mesmo de existir, pois sua existência está fadada a uma maldição.

Dentre as mais sutis formas de discriminação contra os negros presentes na literatura infantojuvenil está a negação ao direito de existência, a negação à sua identidade e personalidade e a afirmação do branco como modelo padrão para a espécie humana.

O negro que em sua terra natal (a África) era rei, príncipe, senhor de sua vida e de sua história. Era livre e dono de seu destino, vivia sua fé, cultivava suas crenças, sua cultura, obedecia suas próprias leis e tradições. Com a chegada do branco deixa de ser sujeito para ser sujeitado. Deixa a realeza para ser rebaixado à condição de escravo, de senhor passa a ser servo. Tem sua vida invadida e sua cultura negada. É convencido de sua cultura não tem valor, é nula. Tudo lhe é tirado, inclusive a própria identidade.

Já na imagem do Saci, temos o negro como ser demonizado. O Saci, como sabemos, é um personagem do folclore brasileiro do qual Lobato se apropriou e procurou levar ao conhecimento de todos para enriquecer as aventuras do Sítio que era povoado por seres

fantásticos e mitológicos. Mais uma vez Lobato inova em suas produções trazendo ao conhecimento dos brasileiros a presença de um personagem e criando um mito, sendo o primeiro escritor a descrever o saci-pererê na literatura.

A personagem surgiu a partir de narrativas colhidas da oralidade da gente do interior de São Paulo que relatavam as aparições do "ser" mágico e travesso que se tornou ícone do folclore brasileiro. Embora possamos encontrar na sua construção elementos de outras culturas e mitologias, tais como sua carapuça vermelha que lhe concede poderes mágicos, a qual faz referência ao *pileus* do incubo da mitologia romana e ao fato de ser um negrinho travesso que troça dos outros, está presente, também, no folclore português.

Nas narrativas lobatianas é retratado como um negrinho de uma perna só que usa um gorro vermelho na cabeça, conforme descreve o Tio Barnabé:

> - O saci – começou ele – é um diabinho de uma perna só que anda solto pelo mundo, armando reinações de toda sorte e atropelando quanta criatura existe. Traz sempre na boca um pitinho aceso, e na cabeça uma carapuça vermelha. A força dele está na carapuça, como a força de Sansão estava nos cabelos. Quem consegue tomar e esconder a carapuça de um saci fica por toda a vida senhor de um pequeno escravo (LOBATO, 2007, p. 23).

A narrativa apresenta o Saci como um ser travesso e que faz traquinagens que atrapalham a vida do ser humano, reforço da imagem negativa do negro retratado e associado ao mal. O Saci é personagem típico nas narrativas orais do folclore brasileiro ora apresentado como entidade maléfica, ora graciosa e zombeteira que aparece e desaparece dentro de um redemoinho de vento e que se anuncia pelo assovio persistente, misterioso, incapaz de ser localizado e assustador e que não atravessa a água como outros seres encantados.

Para capturá-lo, conforme as narrativas de Lobato, basta jogar no pé-de-vento um peneira de cruzeta emborcada. O Saci fica preso sob a peneira, deve-se pegá-lo, colocá-lo depois dentro de uma garrafa tapada com uma rolha e com uma cruz desenhada. Antes, porém, se faz necessário tirar sua carapuça e escondê-la muito bem.

Entretanto, não é apenas a imagem negativa e "endemoniada" do Saci que Lobato apresenta, o autor narra inúmeras aventuras do ser mágico em companhia de Pedrinho, nas quais muitas vezes ele auxilia o menino a sair de "encrencas".

Dentre as travessuras cometidas pelo "diabinhos' estão coisas que fazem parte do cotidiano das pessoas que vivem no ambiente rural, tal como continua narrando o tio Barnabé:

> – Azeda o leite, quebra a ponta das agulhas, esconde as tesourinhas de unha, embaraça os novelos de linha, faz o dedal das costureiras cair nos buracos. Bota

> moscas na sopa, queima o feijão que está no fogo, gora os ovos das ninhadas. Quando encontra um prego, vira ele de ponta pra riba para que espete o pé do primeiro que passa. Tudo que numa casa acontece de ruim é sempre arte do saci. Não contente com isso, também atormenta os cachorros, atropela as galinhas e persegue os cavalos no pasto, chupando o sangue deles. O saci não faz maldade grande, mas não há maldade pequenina que não faça. (LOBATO, 2007, p. 23-24).

Embora não esteja explícita a intenção de estereotipar a imagem do negro, percebemos na narrativa e na forma de construção da personalidade e identidade do personagem sua associação à negatividade, ao mal, logo, inferimos que o mesmo é o oposto do branco sempre bom e com atos de heroísmo.

Por outro ângulo, também podemos inferir que o Saci representa o negro senhor de si, dono de suas vontades, que não se deixa escravizar e se torna uma pedra no caminho do branco e livre. Por ser detentor dessas características é, também, temido pelo branco que não pode detê-lo ou contê-lo.

O Tio Barnabé que também é negro, vive isolado numa cabana do sítio e é evocado pelo Pedrinho apenas quando deseja saber das histórias fantástica que povoam o imaginário popular. É, assim, um personagem secundário e apesar de importante nas narrativas não é muito explorado e não conta com a mesma ênfase que os personagens brancos.

Com base nessas observações, estudiosos e críticos literários, tais como Oliveira (2003), Gouvêa (2005) e a escritora Ana Maria Gonçalves afirmam que o negro é representado na produção literária de Lobato de forma preconceituosa e discriminatória, bem como as observações feitas por técnicos do Conselho Nacional de Educação que apontaram a presença de traços preconceituosos no livro *Caçadas de Pedrinho* no ano de 2010 e que, inclusive considerou a retirada do mesmo do PNBE. No entanto, não podemos esquecer-nos de inserir a obra do autor no contexto histórico em que ele viveu.

Da mesma forma que há os que criticam a obra lobatiana apontando nela pontos que sinalizam para o racismo e o preconceito para com o negro, há também estudiosos que o defendem e fazem leituras diferentes de seus textos, a exemplo de Marisa Lajolo que em seu texto *A figura do negro em Monteiro Lobato* (1998) que nos apresenta uma leitura de Monteiro Lobato sob uma ótica contextual, levando em consideração a sociedade em que o autor viveu. No texto, a autora levanta questões relativas às implicações ideológicas destas representações lobatianas e à relação de tais representações com outras imagens de negros construídas pela literatura e enlaça aspectos entre a literatura e a sociedade, a história e a literatura, a literatura e a política e outros similares binômios que tentam dar conta do que, na

página literária, fica entre seu aquém e seu além. Evidenciando, assim, que não podemos levar em consideração apenas uma leitura da obra literária ou considerar apenas um aspectos, mas estar atentos aos múltiplos olhares que esta nos possibilita.

É inegável a contribuição de Lobato para a literatura brasileira, sobretudo as infantojuvenil, pois ele inaugurou entre nós um novo estilo literário, uma nova forma do fazer literário destinada para crianças, jovens e também adultos. A respeito de sua obra o crítico literário Afrânio Coutinho comenta:

> O estilo inteiramente novo com que Lobato fazia a sua aparição. A maneira original e pitoresca com que lançava as suas histórias. E a flagrante realidade dos tipos e cenas que trazia para as páginas dos seus livros. Ele não vinha falar do matuto com imagens mitológicas, e a força do seu estilo (traindo a princípio certo ranço camiliano, quando a moda era Eça) não existia como em tantos outros regionalistas, por força de vocábulos regionais, e longe das suas narrativas o simples pitoresco como prato de resistência (COUTINHO, 1997, p. 295).

Lobato fez uso da cultura do povo com intuito de registrar a formação dessa própria cultura o que distinguia de outros autores que apenas a apresentavam. A forma de criação de suas obras que transmitiam emoção, experiências vividas, simplicidade e magia davam o toque final e explicam o sucesso de sua vasta produção. Lobato escrevia para e sobre as crianças partindo de suas experiências e criatividade inventiva para a realidade, pois de acordo com o novo estilo que criou:

> Procurava-se escrever à criança brasileira na sua linguagem, sobre sua gente, suas raízes raciais e culturais. Tal temática tornou-se preocupação presente em grande parte dos autores voltados para esse público. A literatura infantil do período dialogava com as diversas representações construídas acerca da questão racial, estabelecendo uma interlocução com os diversos produzidos no campo científico e artístico, incorporando tal temática no interior das narrativas (GOUVÊA, 2005, p. 83).

O que fez dele mais que um autor, uma figura do próprio gênero na nossa literatura. Portanto, o marco inicial de nossa literatura infantojuvenil é Monteiro Lobato e ele é o divisor de águas que separa e marca a ruptura da dependência da produção literária brasileira dos estilos e padrões europeus. Conseguiu o que muitos de seus predecessores tentaram sem lograr tanto êxito. Ousamos afirmar que Lobato inaugurou um estilo que rompe com a tradição literária e a atualiza, pois "Construir uma narrativa, moderna e ágil, em que o real é a base da fantasia, significa sacrificar o modelo tradicional" (ATAÍDE, 1995, p. 35). Estilo este que inspirou novos autores e autoras.

Além do mais, devemos levar em consideração o contexto sociocultural em que ele viveu e produziu seus textos, o Brasil era uma jovem nação até bem pouco tempo uma sociedade escravocrata e por mais que essa fosse uma realidade "superada" as marcas do longo período de escravidão e crueldade para com os negros ainda eram evidentes, o que não poderia ser diferente conforme assevera a pesquisadora Nilma Lino Gomes no texto *Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão*:

> Não há como admitir que uma sociedade em que as relações entre diferentes grupos étnico-raciais foram construídas pautadas no trabalho escravo, na dominação e na exploração possa se sentir orgulhosa da forma como, historicamente, se deu o seu processo de mestiçagem. (GOMES, 2005, p. 54).

Cabe lembrar que Monteiro Lobato estava inserido em um contexto em que o negro não era considerado um elemento constitutivo da sociedade brasileira. O Brasil era uma jovem nação, recém saída de um longo período de escravidão, ainda eram fortes as influências da ideologia escravocrata que discriminava o negro e sua cultura. Logo, segundo Jovino (2006, p. 187), "as histórias dessa época buscavam evidenciar a condição subalterna do negro".

A autora supracitada salienta ainda que os "personagens negros não sabiam ler nem escrever, apenas repetiam o que ouviam, ou seja, não possuíam o conhecimento considerado erudito e eram representados de um modo estereotipado e depreciativo" (JOVINO, 2006, p. 187). As condições a que os negros foram submetidos após a abolição não foram favoráveis para que ele pudesse se firmar como sujeito na sociedade, logo, não poderia se esperar que este ocupasse um lugar de destaque na mesma.

Outra postura não poderia ser esperada de Monteiro Lobato ou qualquer outro escritor (a) de sua época, não que isso justifique o preconceito e a discriminação para com negros em tempo algum de nossa história, mas num contexto em que essa temática era pouco debatida eram comuns as formas de tratamento sem que se configurassem em práticas racistas. O autor representava a realidade brasileira de sua época em suas obras, tanto que uma de suas publicações se intitula *Histórias de Tia Anastácia* que pode ser compreendido como um ato de valorização da personagem e do povo que esta representa. E no que se refere ao tratamento de Emília com a mesma, a boneca não é mal-educada e arrogante apenas com a Tia Anastácia, mas com qualquer um que fosse de encontro às suas opiniões e ao seu gosto. Sendo, desse

modo, possível afirmar que a mesma pode ser considerada uma representante da crítica ao poder ou a hierarquia.

Tanto na literatura, quanto nas mídias em geral, o negro aparecia, comumente, como coadjuvante ou figurante, sendo sub-representado e não exercia o papel de protagonista. Ainda hoje, o universo em que ele aparece relaciona-se, na maioria das vezes, à camada pobre da sociedade. O seu papel é aquele de menor prestígio: engraxate, empregada doméstica, operário, lavador de carros, ou pior, associado ao tráfico, ao banditismo, à marginalidade. Sobretudo nas produções para a criança, cuja formação da identidade está em processo. A maioria dos desenhos animados, por exemplo, apresentam como protagonistas personagens brancos, o negro, se aparece, é o vilão responsável por toda a maldade e perseguição ao herói. Reforçando a ideologia de que o bem está associado à cor da pele clara e o mal a cor negra.

> Esse processo de discriminação pode estar comprometendo tanto a formação da criança negra quanto da branca. Para a criança branca, essas obras literárias podem reforçar a ideologia da superioridade e supremacia de sua "raça", por outro lado, pode subestimar estigmatizar e em muitos casos fragmentar a autoestima da criança negra. (CASTILHO, 2004b, p. 09).

A discriminação compromete a formação da criança, seja ela branca ou negra, como também contribui com a manutenção de pensamentos e ideologias ultrapassadas. A ausência de personagens negros ou a sua marginalização nas histórias infantojuvenis acarreta, de fato, sérias consequências no imaginário da criança, criando uma realidade distorcida e preconceituosa, contribuindo, assim, para a sustentação de uma ordem social desigual. Somente a partir das décadas de 1970 e 1980, ocorreu uma mudança nesse lamentável quadro que tantos malefícios trouxe para a formação das crianças e jovens brasileiros, quer fossem eles negros ou brancos. Surgem, nesse momento, determinados livros com novas propostas, cujo objetivo central é, exatamente, romper com a visão estereotipada dos negros, valorizando suas tradições e também o seu aspecto físico, dentre os quais podemos citar *Xixi na cama*, de Drumond Amorim e *Nó na garganta*, de Mirna Pinsky, ambos publicados em 1979.

Após o grande sucesso alcançado pelas obras de Monteiro Lobato, a produção desse gênero passou por um período de estagnação nas quatro décadas subsequentes. E foi na década de 1970, segundo Zilberman & Lajolo (2005, p. 48) que temos o que se convencionou chamar de *boom* da literatura infantojuvenil em que a produção cultural destinada às crianças e jovens se expande. De acordo com as autoras, a produção cultural para crianças e jovens alcança espaço no cenário cultural brasileiro. Influenciado pelo contexto histórico que

vivíamos, o gênero ganha novos rumos e surge uma nova tendência, agora voltada para as novas temáticas sociais em pauta na sociedade, embora não abandone a fantasia e o misticismo que lhes são peculiares. A morte, o divórcio, a sexualidade e os problemas sociais, dentre os quais destacamos a condição do negro na sociedade brasileira que antes eram considerados temas impróprios, passam a ser temática presente na literatura infantojuvenil desse período.

Segundo Jovino (2006, p. 187) neste período "vamos encontrar uma produção de literatura infantil mais comprometida com uma outra representação da vida social brasileira; por isso, podemos conhecer nesse período obras em que a cultura e os personagens negros figurem com mais frequência". O preconceito e a discriminação racial passam a ser tema da literatura infantojuvenil e, consequentemente, a imagem do negro passa a ser mais valorizada, uma vez que migram do lugar comum em que sempre eram representados e passam a protagonizar as histórias.

Nesse novo período que despontava o negro passa a ser protagonista em algumas histórias infantojuvenis e a literatura destinada a crianças e jovens assume, segundo Bastos (2010, p. 34) uma postura de "formadora de consciência crítica que busca romper com paradigmas e com (pre)conceitos, literatura estereotipada e reprodutora de modelos hegemônicos". A imagem do negro nela representada é outra, uma imagem mais positivada e que ele representa "na sua resistência ao enfrentar os preconceitos, resgatando sua identidade racial, desempenhando papéis e funções sociais diferentes, valorizando as mitologias e as religiões de matriz africana, rompendo, assim com o modelo de desqualificação presente nas narrativas dos períodos anteriores". (ABRAMOVICH, 1983, p. 36-37).

Delineava-se, assim, uma nova vertente na literatura infantojuvenil brasileira em que, segundo Oliveira (2010, p. 3) "pouco a pouco surge uma literatura conscientemente anti-racista" e presenciamos um momento de "ressignificação da personagem negra" (JOVINO, 2006, p. 189). Há a partir desse período uma tendência em valorizar a imagem do negro, reconhecendo sua cultura e assumindo-a como parte que constituiu a nossa cultura. É um novo olhar sobre a representação do negro na literatura infantojuvenil, sob outra ótica, pois:

> a produção literária voltada à infância tem repensado a condição de excluído a que foi relegado o negro nas histórias infanto-juvenis tradicionais. Esse caráter marginalizador passou a ser substituído por uma atitude compromissada com a necessidade de reforçar, de maneira positiva, a identidade cultural dos afrodescendentes. (BASTOS, 2010, p. 36).

E é neste cenário de contrastes e renovações que novos escritores despontam e mais tarde se tornariam grandes nomes de representação desse gênero no cenário literário brasileiro, dentre os quais destacamos Ana Maria Machado, expoente da nossa literatura infantil e juvenil que ganha destaque a nível nacional e internacional. A autora cria, por meio de uma linguagem extremamente cuidadosa e envolvente, todo um universo mágico para criança sem desprendê-la da realidade. Concilia em sua produção literária o emprego de uma linguagem comunicativa e acessível ao leitor com a sonoridade poética que promove o prazer estético da literatura e conseguem, dessa maneira, tornar o texto agradável e interessante à criança, ao jovem e ao adulto.

A partir do próximo capítulo nos debruçaremos sobre a produção literária de Ana Maria Machado, dando enfoque ao estilo inovador de seu fazer literário e à forma de representação do negro nessa produção. Ana Maria inicia sua trajetória literária entre os anos 1970 e 1980, período de importantes transformações na nossa literatura infantojuvenil, logo sua produção literária está repleta de características em que podemos evidenciar essas mudanças.

2. O ESTILO INOVADOR DA LITERATURA INFANTOJUVENIL DE ANA MARIA MACHADO: A NEGRURA E OUTROS TEMAS

> Era uma vez uma voz. Um fiozinho à-toa. Fiapo de voz. Voz de mulher. Doce e mansa. De rezar, ninar criança, muitas histórias contar. De palavras de carinho e frases de consolar. Por toda e qualquer andança, voz de sempre concordar. Voz fraca e pequenina. Voz de quem vive em surdina. Um fiapo de voz que tinha todo o jeito de não ser ouvido. Não chegava muito longe. Ficava só ali mesmo, perto de onde ela vivia. Um pontinho no mapa. (Ana Maria Machado – Ponto a ponto).

Nascida a 24 de dezembro de 1941, em Santa Tereza no Rio de Janeiro, Ana Maria Machado inicia a sua trajetória de "contadora de histórias" em 1969, quando ao lado de Ruth Rocha e Joel, começa a escrever textos voltados para o público infantil, que são publicados na Revista Recreio da Editora Abril.

Este foi um período de "reavivamento" do gênero em nosso país e, segundo a própria Ana Maria, *um marco que deu início à profissionalização do escritor infantil no Brasil* (MACHADO, 2006, p. 18). No contexto histórico, o Brasil passava por um período de repressão à livre expressão que se voltava inclusive para a produção cultural. O alvo central da censura era o teatro e música popular, mas a literatura não escapava aos olhos do controle. Entretanto, a literatura infantojuvenil não chamava tanto a atenção, talvez por se considerar que ela era irrelevante e não exercia influência sobre a formação de opiniões em torno do cenário político social que se vivia. Um ledo engano... Pois há registro de muitas obras infantojuvenis que expressavam severas críticas ao regime de ditadura nesse período, tais como *A Bolsa Amarela* (1976), de Ligya Bojunga Nunes e *O Reizinho Mandão* (1982), de Ruth Rocha, dentre outras.

Perseguida pela censura da ditadura militar, Ana Maria precisou abandonar o país,

> Em 1969, o país estava em plena ditadura. Já vivíamos sob o peso do Ato Institucional número 5, que fechou o Congresso, instituiu a censura e consolidou a tortura. O segundo semestre desse ano foi particularmente difícil para mim. Fui presa, tive colegas, amigos e alunos detidos. Quando o ano acabou, estava desmontando minha casa e fazendo malas para deixar o país. Anos depois, escreveria sobre essa época no romance 'Tropical Sol da Liberdade' (MACHADO, 2011, p. 3).

Fixa-se na França, onde trabalha como jornalista escrevendo para a Revista Elle de Paris. Também trabalhou ministrando aulas no exterior, mas sua paixão pelas letras e pela escrita não permitia que "calasse" sua voz artística, mesmo fora do país continuou

colaborando com a revista *Recreio*. Ainda no exterior obteve o título de doutora sob orientação de Roland Barthes.

Retornando ao Brasil, publicou em 1977 seu primeiro livro infantil *Bento-que-bento-é-o-frade* e em 1979 *Do outro lado tem segredos*, considerada a primeira novela infantojuvenil brasileira a apresentar um protagonista negro (MACHADO, 2011). Neste mesmo ano, funda no Rio de Janeiro em parceria com amigos, a primeira livraria do Brasil especializada no gênero infantojuvenil, motivada por uma razão especial:

> [...] um dia quis dar um livro a uma sobrinha que fazia anos. Bati perna por todas as livrarias de Ipanema e Copacabana e não achei um único livro infantil que me agradasse! Percebi logo que estava faltando uma livraria especializada, onde as crianças pudessem ler e encontrar bons livros. Com a ajuda de uma sócia surgiu a Livraria Malasartes, onde eu ficaria por 18 anos (MACHADO, 2011, p. 4).

Por sua criatividade, versatilidade e desenvoltura é considerada pela crítica literária, como uma das mais completas escritoras brasileiras na contemporaneidade. É a autora brasileira, do gênero infantojuvenil, mais premiada dos últimos tempos. Em 1993, tornou hors-concours dos prêmios da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, a instituição dedicada ao ramo mais conceituada da América Latina.

Sua premiada obra é composta por mais de 100 títulos, dos quais, cerca de 90, são destinados a crianças e jovens e sua obra foi publicada em dezenove países. Em 2000, ganhou o prêmio Hans Christian Andersen, considerado o prêmio Nobel de Literatura Infantil Mundial a respeito do qual diz "É incrível saber que um júri internacional, sem nenhum brasileiro, analisou o conjunto de minha obra e concluiu que eu merecia ser considerada a melhor autora do mundo" (MACHADO, 2011, p. 5). Em 2001, recebeu o Prêmio Literário Nacional Machado de Assis, na categoria conjunto da obra. E em 2003 foi eleita para ocupar a cadeira n.º 1 da Academia Brasileira de Letras, tornando-se a primeira autora do gênero Literatura Infantil e Juvenil a fazer parte da ABL.

Uma pedra no meio do caminho, o tear do fio de uma aranha que para muitos pode se tornar um obstáculo, para Ana Maria Machado é sempre o início de um livro. Ela que é avessa às formas tradicionais da literatura destinada ao público infantil, embora seja adepta do peculiar "era uma vez..." gosta de inovar e renovar no fazer literário.

As narrativas ganham vida nas palavras e personagens de Ana Maria, trilhas são percorridas, caminhos são abertos e obstáculos superados através de seu olhar crítico e criador. Suas obras apaixonam e encantam a quem se deixa apaixonar e encantar, diverte e

entretém a quem se deixa divertir e entreter e instrui a quem se deixa instruir. O certo é que ela alcança seu público e ocupa lugar cativo no imaginário de várias gerações,

> Meus leitores crescem, se espalham, se multiplicam por toda parte, o que me enche de alegria. Mais até do que as traduções e os prêmios em diferentes países, que evidentemente me deixam contente. Mas é para o leitor que um autor escreve. Só com um leitor é que o livro se completa (MACHADO, 2011 p. 14).

Impossível falar da obra de Ana Maria Machado sem nos determos, por mais que brevemente, sobre sua contribuição para a renovação da literatura infantojuvenil brasileira.

Se, como já citamos anteriormente, a obra de Monteiro Lobato se configura como o marco inaugural desse gênero no Brasil, a obra da referida autora representa uma ruptura com o modelo tradicional que, apesar de ser destinado à criança não a tinha como sua essência, isto é, o contexto das histórias, os sentimentos e temas nelas discutidos não condiziam com a realidade de criança brasileira. Ana Maria inaugura, assim, um novo estilo de se fazer literatura para crianças, que nasceu em Monteiro Lobato, mas que se perdeu com o tempo, dada a associação da literatura infantojuvenil com o interesse capitalista tal como sua apropriação pela escola, que motivou uma maior produção do gênero para atender à demanda. A literatura tornou-se, assim, item de consumo, se produzia por encomenda.

A produção literária destinada ao público infantil e juvenil se volta para um contexto de busca por uma atenção cada vez mais direcionada para a s especificidades desse público. Dentre vários aspectos que motivaram essa realidade, Lajolo (1983), aponta a ampliação da escolaridade e a multiplicação das escolas em todo o país como os principais.

A obra de Ana Maria está em sintonia com o pensamento infantil que

> é aquele que está sintonizado com esse pulsar pelas vias do imaginário. E é justamente nisso que os projetos mais arrojados de literatura infantil investem, não escamoteando o literário, nem o facilitando, mas enfrentando sua qualidade artística e oferecendo os melhores produtos possíveis ao repertório infantil, que tem a competência necessária para traduzi-lo pelo desempenho de uma leitura múltipla e diversificada. (PALO e OLIVEIRA, 2011, p. 11).

Em sua obra encontramos a presença simultânea do real com o imaginário e o fantástico. O mundo do faz-de-conta ganha formas nas diversas situações sociais criadas pela autora.

Sem abandonar o encanto e o teor estético da literatura, Ana Maria traz para o mundo infantil e juvenil, situações reais da sociedade. Temas, até então ausentes na literatura infantojuvenil são acolhidos e abordados em suas produções, tais como a valorização da

cultura africana e indígena em *Do outro lado tem segredos* a outra face da colonização, o exílio e drama vivido por perseguidos políticos e o processo de colonização da América Latina como acompanhamos nas aventuras de Miguel em *De olho nas penas*; a separação conjugal em *Um pra lá, outro pra cá*; o respeito às diferenças em *Beto, o carneiro*; *Menina bonita do laço de fita* que aborda a temática da identidade, do preconceito e da diversidade cultural existente no Brasil, dentre outros que fazem parte de sua vasta produção.

Eclética e versátil em seu fazer literário, Ana Maria, trouxe para a literatura infantojuvenil brasileira um novo ar. Sua maneira de contar histórias une, em um só lugar (o texto literário), a função social da literatura no que tange a sua contribuição para a formação crítico/reflexiva do indivíduo e o prazer proporcionado pela beleza estética. Segundo Lajolo (1983) percebemos essa ruptura com a tradição ao analisarmos a obra da autora, a partir da década de 1970 em comparação com a tendência presente na literatura infantil brasileira que já havia sido contestada por Monteiro Lobato, muitos anos antes.

A própria Ana Maria Machado expressa sua intenção de romper com os ideais e padrões estabelecidos ao afirmar:

> Sou mesmo contra a corrente. Contra toda e qualquer corrente, aliás. Contra os elos de ferro que formam cadeias e servem para impedir o movimento livre. E contra a correnteza que na água tenta nos levar para onde não queremos ir. No fundo, tenho lutado contra correntes a vida toda. E remado contra a corrente, na maioria das vezes. Quando as maiorias começam a virar uma avassaladora uniformidade de pensamento, tenho um especial prazer em imaginar como aquilo poderia ser diferente. (MACHADO, 1999, p. 7).

Dessa forma, podemos afirmar que os questionamentos, a voz concedida às minorias, o sentimento de denúncia, o apreço pela liberdade e a crítica a regras impostas e a injustiças não são apenas temáticas abordadas em suas obras, mas um ideal próprio da autora que se reflete em seu fazer literário.

A ruptura de que tratamos refere-se à autonomia concedida às crianças que deixam de ser vistas como seres dependentes dos adultos e ganham emancipação, vez e voz, além de opinião crítica. As crianças na obra de Ana Maria Machado, assim como nas de Lobato, são sujeitos autônomos, pensantes, questionadores e de muita imaginação e criatividade.

> Renovando de forma radical o temário da leitura infantil brasileira, Ana Maria Machado, que estréia nos anos 70, traz para seus textos várias marcas de seu tempo, um tempo em que a cultura brasileira tentava recuperar os fragmentos de sua imagem recente: a busca de uma linguagem própria que, de certo e de seu, tem apenas a consciência de seus limites (LAJOLO, 1983, p. 106).

Harmonia entre o real e o imaginário é a característica principal de sua obra. Nela a criatividade se concretiza e sonhos são transformados em realidade, tudo isso sem negar espaço às vivências, conflitos sociais e contextos de cada época. Pois, independe do público a que se destina (infantil, juvenil ou adulto) a literatura "é uma linguagem específica que, como toda linguagem expressa uma determinada experiência humana, e dificilmente poderá ser definida com exatidão. Cada época compreendeu e produziu literatura a seu modo" (COELHO, 2000, p. 27).

O cuidado com a linguagem a quem é dada um tom poético e musical concede aos seus textos um aspecto lúdico e envolvente, conforme requer o gênero. Sobre este aspecto Lajolo (1983, p. 105) afirma:

> chegamos a outra característica importante das histórias de Ana Maria: em todos seus textos, o trabalho com a linguagem é extremamente cuidadoso; percebe-se a intenção também lobatiana de desliteralizar a literatura infantil, aproximando seu discurso e mais possível do coloquial, do oral, do cotidiano. É como se o texto falasse a linguagem de suas personagens e, parece de seus virtuais leitores.

Foi nesse contexto de modernização e renovação da literatura infantojuvenil que Ana Maria Machado despontou com sua literatura de traços modernistas criando em torno de si uma tendência. É, portanto, autora e produtora de uma literatura sem adjetivos nem delimitações de público.

Para considerar a produção literária contemporânea precisamos também considerar a visão de criança na atualidade. Nesta perspectiva, precisamos estar atentos a todo o universo infantil, isto é, a criança em si, o contexto em que ela está inserida, a situação socioeconômica, as atividades que exerce em seu dia a dia: se está inserida num ambiente letrado, a que textos têm acesso, se estuda. A partir desses fatores compreenderemos a pluralidade que envolve o ser criança na sociedade contemporânea.

A realidade da sociedade contemporânea é marcada pelos conflitos sociais, a correria cotidiana, e o avanço das relações virtuais. Fruto de especificas forças sociais, culturais, políticas e econômicas a que estamos submetidos, um novo conceito de ser criança tem emergido. Isso porque todo conceito é produzido de acordo com o contexto histórico em que vivemos e está sujeito a alterações conforme as ideologias que circulam na sociedade. O conceito ou ideal de infância na contemporaneidade foi forjado em consonância com os ideais de transformações sociais que surgiram com a Revolução Industrial do século XVIII.

Não só o conceito de criança sofreu reformulações na atualidade como também a produção cultural a elas destinada sofreu transformações significativas que com intuito de acompanhar a evolução da sociedade tomou novos rumos. A sociedade mudou, paradigmas foram quebrados, conceitos foram questionados e reformulados. O discurso oficial é, agora, constituído por vozes que antes eram silenciadas, pois o foco foi deslocado do centro para as periferias.

Na literatura clássica presenciávamos o herói que passava por várias privações e obstáculos até alcançar seu final feliz, na literatura contemporânea, encontramos uma renovação nessa estrutura e a abertura para novas possibilidades em *Gente bem diferente* (Fig. 1), cuja primeira publicação se deu em 1997, Ana Maria Machado nos apresenta a história de Rodrigo e Andréia, que narram suas aventuras de descobertas dentro da própria família, que apesar de ser formada por membros (gente) bem diferentes, é extremamente normal: em uma convivência sadia, em que um respeita o espaço e a opinião do outro, suas peculiaridades e individualidade.

FIGURA 1: Capa do livro *Gente bem diferente*

FONTE: www.anamariamachado.com.br

A partir de referências aos contos de fadas da literatura universal, as crianças discutem e fazem descobertas acerca do papel da mulher e do homem na sociedade, o tratamento com a pessoa idosa, as diferenças sociais dentre outros temas. A diversidade está presente do início ao fim da narrativa tanto no conteúdo abordado como nas ilustrações que desde a capa nos faz perceber que a intenção na obra é demonstrar que por mais que haja "diferenças" é possível uma convivência sadia entre todas as pessoas, independentes destas serem ou não "parecidas".

Pelos traços das personagens presentes nas ilustrações, podemos perceber que há semelhanças, mas também características diferentes em cada um. Há personagens ruivas, outros com cabelos pretos, um com estilo mais conservador, outros mais modernos, mas o que que mais nos chama a atenção é a forma como cada uma foi construída na narrativa, de forma a expressar uma unidade. O que nos remete à ideia de que, por mais que haja diferenças, somos todos seres humanos. E a convivência não depende das semelhanças entre as características fenotípicas, mas do respeito e aceitação do outro.

O enredo conta a história de uma família composta por um avô, uma avó, um pai, uma mãe e dois netos: Rodrigo e Andréia, os narradores da trama. São gente como toda gente, afirma a autora, porém com um diferencial: toda a história gira em torno de descobertas feitas pelos netos, que durante conversas vão chegando a várias conclusões e descobrindo quem são seus avós e pais.

No desenrolar do enredo, as personagens vão percebendo que a avó não é como todas as avós, ela não usa óculos, não tem cabelo branco, não tem coque no alto da cabeça e nem fica sentada em uma cadeira de balanço fazendo tricô e cochilando, ruptura com o estereótipo formado em torno da pessoa idosa, muitas vezes considerada como inútil, pois a avó deles não para: está sempre agitando, e cuida de tudo em sua floricultura.

As noções identidade, igualdade e diferença são, assim, abordadas através da literatura, fazendo uso de uma linguagem poética e que atinge dos pequenos aos adultos. Na apresentação do texto, a autora afirma que o livro trata das descobertas de dois irmãos acerca das identidades secretas e misteriosas das pessoas de sua família (MACHADO, 2004) e nessas descobertas, as personagens se conhecem e aprendem a respeitar as diferenças, temática que a autora aborda em outras obras como *Bento-que-bento-é-o-frade* (1977) (Fig. 2), *Raul da ferrugem azul* (1979) (Fig. 3), *Bem do seu tamanho* (1980).

FIGURA 2: Capa do livro *Bento que bento é o frade*

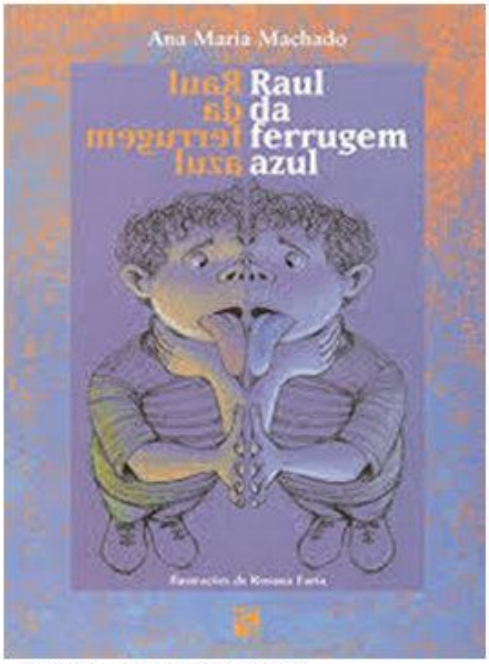
FONTE: www.anamariamachado.com.br

Em *Bento-que-bento-é-o-frade* (1977), seu primeiro livro publicado, a autora já demonstra o caráter questionador que marcará toda a sua produção literária. Através da história de Nita, a protagonista, que começa a se questionar acerca do sentido das palavras e a natureza das relações sociais, nos leva a refletir sobre a problematização das relações de poder que permeiam nossa sociedade.

A ideia expressa nesta narrativa é de que Nita se incomoda com o que é sempre igual: as brincadeiras, as regras, o sentido das palavras. Alguém manda e os outros obedecem, por que tem que ser sempre assim? Por que não fazer do comum algo diferente? São questionamentos como este que rondam a vida da personagem. A busca pelas respostas aos questionamentos pode ser compreendida como o processo de formação de sua identidade e personalidade. É uma aventura de descobertas e de aceitação do igual que no fundo é sempre diferente, de acordo com o ponto de vista ou da forma como se vê.

Em *Raul da ferrugem azul* (1979) e *Bem do seu tamanho* (1980) as personagens vivenciam dramas pessoais representativos dos mesmos que são vividos na sociedade pela pessoa que sofre com o preconceito racial, por exemplo. No primeiro cujo cenário é a cidade, a agitação e correria do cotidiano, percebemos no conflito vivido por Raul, seus questionamentos e descobertas. Raul percebe que está enferrujando, a narrativa vai tratar da percepção da ferrugem por Raul, dos motivos que a acarretam e da busca pela solução de contê-la ou eliminá-la, ou seja, Raul buscava o "desenferrujamento".

FIGURA 3: Capa do livro *Raul da ferrugem azul*



FONTE: MACHADO, 2003

FIGURA 4: Capa do livro *Bem do seu tamanho*

FONTE: www.anamariamachado.com.br

Todo o enredo gira em torno do drama do menino na busca pela solução de seu problema. Aos poucos Raul percebe que seu enferrujamento se dá, dentre outras coisas, pelas injustiças que presencia e não toma atitudes, com isso a autora nos leva a refletir sobre nosso silenciamento perante as desigualdades sociais e raciais presentes na sociedade brasileira.

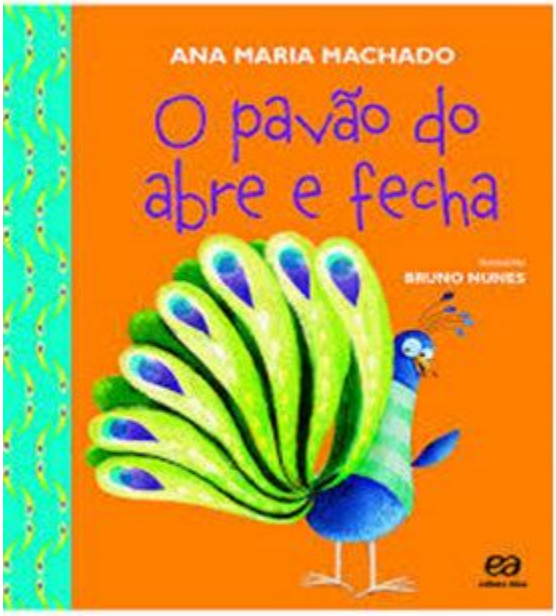
O preconceito racial e as crueldades cometidas contra os negros no período da escravidão no Brasil é tratada em *O mistério da ilha: Mandigas da Ilha Quilomba* (1984) e *Do outro mundo* (2002). A temática da liberdade e da opressão também é evocada em *Carneirinho, carneirão* (1987) e *Beto, o carneiro* (1993). Está última, em específico, narra a história de um carneiro que estava cansado de fazer tudo que o mestre mandava, uma crítica à imposição de um padrão considerado correto pela sociedade e ao desrespeito à individualidade e identidade de cada um.

Em *Bem do seu tamanho* (1980) (Fig. 4), Ana Maria Machado narra o drama da protagonista Helena na busca de saber o seu verdadeiro tamanho. A narrativa nos lembra os clássicos contos de fadas, fazendo constantes referências a estes no desenrolar do enredo. A temática da desigualdade e da discriminação é abordada por meio dos conflitos e aventuras vividos pela protagonista após uma longa jornada de descobertas. Além dos questionamentos acerca de seu tamanho, a menina também questiona o modelo de relação familiar que é o patriarcal, numa crítica ao machismo da sociedade, o que consiste em mais uma característica de rompimento com o tradicionalismo.

A desigualdade e a discriminação tratadas, embora não seja referente às desigualdades raciais, trata-se da rejeição ou não aceitação do diferente. Os conflitos vividos pela personagem acerca da dívida a respeito de seu tamanho, a leva a descobrir que há o diferente e que cada um tem uma forma de ser que pode mudar com o tempo, assim como o tamanho das pessoas.

As crises de identidade e os conflitos dela decorrentes são temas frequentes na literatura infantojuvenil a partir da década de 1970, essa tendência do gênero se caracteriza como reflexo dos movimentos sociais que emergem nesse período reivindicando tratamento igualitário para todos os setores da sociedade, independente de classe social ou raça. Atenta a esses movimentos e, por seu ideal político, a autora transmite em seus textos essa mensagem ideológica de que, embora apresentando características e pensamentos diferentes, todos merecem seu lugar na sociedade.

FIGURA 5: Capa do livro *O pavão do abre e fecha*



FONTE: www.anamariamachado.com.br

Em *O Pavão do abre-e-fecha* (1998) (Fig. 5), o enredo gira em torno de um pavão que se questionava acerca de se era feio ou bonito? Se era convidado a ir a uma festa, não sabia se iria ou não iria e, assim vivia uma vida de dúvidas e questionamentos. Mais uma vez recorrendo a uma linguagem poética, Ana Maria explora as rimas internas e externas fornecendo musicalidade e encantamento ao texto. Vale salientar que as rimas não são meramente ilustrativas, mas ricas em significado, uma vez que nos levam a compreender o dilema porque passa a personagem principal – o Pavão e por meio de imagens como: “Urubu

é tão bonito, da cor do Jamelão e do jaguar, da jabuticaba e da noite sem luar" (OPDAF, 1998, p.. 14)[1], em que a cor negra do urubu é comparada com a beleza de animais, os mistérios da noite e ao sabor de frutas. Uma comparação afirmativa acerca da imagem do negro, mais um exemplo do respeito à diversidade e de valorização da imagem do negro.

Essa forma de representação positiva da imagem do negro é característica do movimento de rompimento com os estereótipos e ressignificação iniciada nos anos 1970. Embora a obra não trate especificamente acerca da tradição e cultura do povo africano e também não apresente uma personagem que se apresente como negra, seu discurso de valorização e respeito à sua imagem é evidente nas comparações que faz. Para a autora a palavra é força, ela faz uso dessa força das palavras para quebrar, romper com uma ideologia de negação e subalternidade do negro.

A linguagem é fator importante nas obras de Ana Maria Machado e por meio do jogo que faz com ela, a autora discute questões cruciais que rondam a sociedade brasileira, conforme podemos constatar em diversas de suas obras. Na visão da autora, as palavras exercem poder de persuasão sobre os indivíduos e os estimulam na formação e contestação de ideias. Sobre esse jogo com as palavras de que faz uso Ana Maria Machado, Jacqueline Held em seu texto *O imaginário no poder* (1990), afirma tratar-se de "um tipo de jogo verbal cujo encanto sempre nasce precisamente do absurdo, do imprevisto, do inesperado: palavra totalmente imaginária ou palavra "normal e civilizada" retomada e recriada, para fazer com que passe a significar coisa totalmente diferente" (HELD, 1990, p. 197). Característica recorrente nas obras de Ana Maria, sobretudo as mais recentes.

Para Lajolo (1983) esse estilo de escrita presente nas obras de Ana Maria Machado configura-se numa forma de ruptura inspirado no estilo de "desliterarização" desprovida de prolixidades e rebuscamentos da produção lobatiana, mais uma marca de sua filiação ao mestre fundador do gênero em nosso país.

[1] A partir deste ponto a referência às obras da autora Ana Maria Machado serão feitas conforme lista de abreviaturas que consta na página ... deste trabalho.

FIGURA 6: Capa do livro *De olho nas penas*

FONTE: MACHADO, 1981

De olho nas penas (1981) (Fig. 6), é outra obra que merece destaque por tratar do tema da diversidade e vai além desse tema quando direciona para a questão da aculturação que não necessariamente é o resultado do encontro entre culturas, mas está mais próximo da perda da identidade. A autora dedica o livro a todos que resistiram à aculturação e conservam/preservam sua identidade, àqueles que foram "transculturados", isto é, os que até absorveram algo de outras culturas, mas não substituíram a sua antiga. E aos que perderam a vida na resistência.

O livro narra a história de Miguel, um menino que desde cedo lidava com os conflitos originados pelos contatos culturais, porém encara a situação com bom humor e naturalidade. A vida de Miguel sofre múltiplas influências filho de pais divorciados, o menino precisa conviver com a constante de necessidade de adaptação às mudanças. Aos oito anos de idade já viveu em pelo menos cinco países, cada com sua cultura, costumes, tradições diferentes que, de certa forma, influenciavam sua vida.

A personagem vive uma constante tentativa de encontrar um lugar para cada uma das influências culturais que experimentou em sua vida, coisa que acarretava uma perturbação de tudo permanecer fora do lugar, uma vez que, não encontrava uma forma de organizar todas as marcas deixadas pelas pessoas e pelas culturas em sua vida. E assim, Miguel seguia o curso de sua vida, que não era um curso linear, mas diversificado como ele próprio e tudo com que tinha contato.

Todo o enredo trata da questão da diversidade cultural, das influências e resultados dos processos de colonização e exploração das colônias. Da resistência à aculturação e as consequências dessa resistência. Na trama Miguel se descobre como ser mutável de acordo com a permissão que dá para as influências mudarem sua vida e estabelece até que ponto essa mutabilidade é positiva ou não. A obra recebeu o prêmio Casa de Las Américas em Cuba, e elogios de críticos em diversos países pela forma como levanta a discussão da temática e defende a posição de valorização e preservação das culturas e identidades.

A obra também não apresenta personagens negras, mas nela encontramos um discurso de respeito à diversidade cultural e étnica. Como mensagem dele extraímos a ideia de que não somos um, mas muitos, pois na formação de nossa identidade há muitas influências e estas fazem com que nossa individualidade se converta numa coletividade. Miguel representa a miscigenação de que se constitui o povo brasileiro. Nele há traços dos negros, dos indígenas, dos portugueses, dos espanhóis e muitos outros povos que deixaram sua contribuição na nossa cultura, na formação de nossa gente.

2.1. O canto da praça

O livro *O Canto da praça* (1984) (Fig. 7), narra a história de Simão e de três crianças que fazem várias viagens no plano do imaginário. Todas as viagens tem um único fim, chegar a um momento ou ponto de reencontro das cores, das raças e das diferentes posições políticas que constituem nossa sociedade.

FIGURA 7: Capa do livro *O canto da praça*

FONTE: MACHADO, 1984

A narrativa está dividida em três partes, que constituem os capítulos do livro: "Tempo de antes", "Tempo de depois" e "Tempo de agora". Todo o enredo é estruturado de forma a fazer com que o leitor também viaje na narrativa, como a bordo de uma máquina do tempo. A mensagem expressa é a de que todos os homens devem viver em comunhão e em prol de um único propósito: a paz.

Simão é uma das personagens e o narrador da história, um narrador onisciente, mas no segundo momento ou capítulo, ele cede a voz de narrador às três crianças para que cada um conte sua história e o leitor possa compreender seu papel na narrativa. A divisão da história em três momentos ou capítulos a que a autora chamou tempo relaciona-a a um espetáculo teatral ou apresentação de circo, que por sinal, é o cenário ou espaço em que se passa a maior parte da trama.

O texto envolve o leitor e o leva à reflexão desde as primeiras linhas. Na apresentação, já percebemos a intencionalidade da autora com o livro, quando lemos "Há várias maneiras de defender uma ideia. Uma delas pode ser contando uma história. É o que acontece neste livro. Ao narrar as aventuras do mago-sábio-artista Simão e dos trios de jovens que ele encontra através dos tempos, O canto da praça levanta a bandeira da convivência pacifica de modos diferentes de pensar" (OCDP[2], 1984, p. 5). A obra é um apelo ao respeito e á tolerância às diferenças.

Antes de dar início á trama propriamente dita, o narrador sugere ao leitor uma linha de raciocínio que lhe permite perceber a ligação entre os tempos em que se passará a narrativa. Essa sugestão se dá a partir de inúmeras comparações que são feitas entre o processo de produção do texto, que envolve desde a coleta de dados nas investigações acerca dos temas a serem abordados, a observação e organização das ideias que vão surgindo até a produção, pois "não foi com palavras que ele começou" (OCDP, 1984, p. 11).

Numa linguagem poética e filosófica, a autora vai tecendo analogias que nos revelam o processo de criação literária e nos faz perceber que uma história não nasce do acaso, mas passa por um longo processo de criação que pode ser comparado, metaforicamente, a uma escavação arqueológica. Nesse processo de criação/escavação, a mente é simbolizada por uma caixa encontrada na escavação e que contem muitos objetos que simbolizam as ideias coletadas na investigação realizada pela autora. No caso específico de *O canto da praça*:

[2] A partir deste sub-tópico todas as citações das obras analisadas serão referenciadas a partir da abreviatura de seus títulos, conforme consta na lista de abreviaturas na pág. 10 deste trabalho.

> Na caixa havia recortes de jornal, velhos pergaminhos, máscaras de carnaval, um filme de Carlitos, uma flauta de madeira, uma caixa de lápis de cor, sapatinhos de bale, um lenço bordado, um violino, um sintetizador, um cavalo de carrossel, um cocar de índio, uma máquina fotográfica, uma caixinha de música, revistas em quadrinhos, uma pombinha de barro. (OCDP, 1984, p. 12).

Objetos simbólicos que fazem referência a elementos culturais e ao poder da memória que auxilia a autora no momento de criação, bem como dão pistas da intertextualidade que está presente no texto, conforme percebemos ao constatar a alusão a uma flauta de madeira em referência ao Flautista de Hamelin, conto dos Irmãos Grimm. As analogias seguem e o processo de criação literária é comparado metaforicamente ao parto:

> [...] quando a engenhoca foi ligada, nela e acenderam luzes belíssimas, dela saíram vapores de perfumes deliciosos, em volta dela se ouviram sons que só podem ser as tais harmonias celestiais de que tanto se fala. E, de repente, por uma abertura da máquina, como se fosse uma mulher parindo, saiu um livro. Este livro. (OCDP, 1984, p. 13)

Uma alusão à visão socrática do nascimento das ideias, característica da obra a recorrência aos pensamentos filosóficos ou à citação de fatos históricos. O ato sagrado de parir, objeto de culto em muitas culturas na Antiguidade, é comparado ao fazer literário que também é sagrado em muitas culturas, na africana, por exemplo, o ato de narrar era considerado uma iluminação recebida dos deuses e apenas alguns privilegiados recebiam essa dádiva, como também na Grécia antiga

"Respeitável público! Venham todos ver um inesquecível espetáculo carregado de emoção e perigo, cheio de amor e susto, com os mais sensacionais artistas já vistos na face da Terra!"(OCDP, 1985, p. 15), com essas palavras, semelhantes à saudação feita em início de espetáculo circense que Simão abre a sua narrativa. No início da história, ele é um autor de peças teatrais e titereteiro e vive com um grupo de saltimbancos. Certo dia quando estava numa praça, em um povoado no qual fariam uma apresentação, se encontra com três adolescentes, Paloma, Pedro e Arlindo, e percebe que existe uma relação amorosa entre eles. Então, resolve inserir no espetáculo uma peça sobre o tema.

A peça narraria a história de um triângulo amoroso entre Pierrô, Colombina e Arlequim. Uma história antiga que Simão havia ouvido há muito tempo. No texto, em especial na peça teatral, há um diálogo intertextual com a peça *Pedrolino* do estilo teatral surgido na Itália do século XVI conhecido como Commedia Dell Arte e que também deu origem a famosos personagens do carnaval já citados anteriormente. Uma característica da

obra da autora e da nova vertente da literatura infantojuvenil brasileira, o diálogo intertextual. Simão enxerga na relação dos três adolescentes uma semelhança com o triângulo amoroso da peça italiana, por isso decide encená-la. A narrativa também dialoga com a lenda do rei Artur e os Cavaleiros da távola redonda.

Na peça de Simão cada personagem faz referência a outro da peça original, Clara faz referência à Colombina que representa o branco que, na física, é a junção de todas as cores e na pintura, é a ausência de cor; portanto, não existe pureza racial no branco. Também se refere a Paloma, menina-moça que seria o centro do triângulo amoroso que impulsiona o conflito dos próximos acontecimentos. Bertoldo seria o Arlequim que constitui a representação de todas as cores que compõem as variedades humanas e Simão, o Pierrô que representa a junção do branco e do negro, a mestiçagem que constitui o povo brasileiro. Dessa forma, Ana Maria Machado trata da questão das etnias no processo de formação do povo brasileiro, evidenciando as diversas cores (etnias) que o constitui.

Após a encenação aconteceria um baile a fantasias e os três adolescentes pedem aos saltimbancos as fantasias das personagens da peça emprestadas para as usarem no baile ao que gentilmente Simão as cede. Há um show pirotécnico que encanta a todos e tem início o baile. Passada a noite, pela manhã as fantasias são deixadas nos degraus de uma carroça, sem saber o que aconteceu e como se resolveu a situação entre os três adolescentes, Simão e seus companheiros deixam o povoado.

Algum tempo depois, Simão fica sabendo que o triângulo amoroso deu origem a um conflito que devastou a aldeia. Mesmo orientado a não voltar ao local, pois os habitantes estavam o acuando de ter dado início ao conflito por conta do espetáculo, Simão decide contatar com seus próprios olhos o que estava acontecendo. Neste instante, por meio de um discurso esclarecedor, o narrador discorre acerca da influencia que a literatura exerce na formação da opinião das pessoas:

> [...] as pessoas estavam achando que nós éramos os responsáveis pelas coisas horríveis que estavam acontecendo por lá. Estavam pondo a culpa em nós, porque diziam que nosso espetáculo é que tinha influenciado tudo.
> Besteira pura, é claro. Vocês mesmo viram, foi um espetáculo inocente, sem nada de mais. Mas tem gente assim, de ideias entortadas, que não percebe que o teatro, as histórias, as músicas não inventam nada além do que já existe escondido, só revelam o que as pessoas já têm dentro delas sem saber... /Gente que não entende que um espetáculo como o nosso não pode ter culpa de nada, quando só ajudou a clarear uma situação. (OCDP, 1984, p. 43).

Neste trecho percebemos que, na visão da autora a literatura não transmite uma ideologia, mas que leva á reflexão e ao afloramento de ideias que muitas vezes estão guardadas na mente das pessoas, estimulando-as a expor suas opiniões e lutar por seus ideais. A literatura reflete a realidade ou é uma interpretação desta. Não transmite ideologias, mas influencia a formação de opiniões.

Ao retornar a aldeia, Simão percebe o estrago provocado pelo conflito entre Pedro e Arlindo que disputam o amor de Paloma, o que antes era pura beleza, se tornou destruição e tristeza. Disposto a apaziguar a situação, convoca os dois para uma conversa. No meio da conversa, há uma discussão que resulta na explosão de uma carroça que está carregada com pólvora e a força da explosão projeta Simão para o futuro, "Tempo de depois". Nesse novo espaço, a personagem se encontra com as três crianças que lhe trazem uma mensagem, que é ao mesmo tempo uma missão. São elas Aziul, Laefar e Okram que por alguns momentos assumem a narrativa da história.

Os três são habitantes de uma planeta distante chamada Ovessa, que foi destruído por conta de conflitos acarretados pela intolerância às diferenças entre os seus habitantes, numa alusão à discriminação que assola nossa sociedade por conta das diferenças étnico-culturais. Os habitantes de Ovessa não se misturavam, pois um povo não aceitava as diferenças culturais do outro e, por isso, vivam um constante conflito. As três crianças foram lançadas ao espaço antes da aniquilação total do planeta por um Velho Mestre sábio que, depois descobriremos tratar-se do próprio Simão em uma de suas viagens intergalácticas, com intuito de que elas pudessem recomeçar a vida de forma diferente. O interessante é que os três são mestiços, isto é, são frutos de relacionamentos em que, às escondidas, membros dois povos constituintes de Ovessa venceram as diferenças e se relacionaram gerando filhos, uma nítida alusão ao processo de miscigenação.

No encontro com as crianças, Simão recebe uma missão. A missão consiste na execução de um projeto de paz para que os homens não se destruam por conta de questões étnicas.

Após refletir e idealizar a forma de executar o projeto, Simão retorna ao seu tempo, o "Tempo de agora" fazendo uso de uma mágica com a palavra "REVIVER". Mais uma vez, Ana Maria Machado faz uso de um jogo de linguagem que sugere a necessidade de uma boa convivência entre os seres humanos, independente de sua raça ou grupo étnico a que pertencem.

O enredo se desenvolve em diversos espaços, mas o principal é o circo lugar em que, inclusive, a trama se encerra. Este, por si só, já é exemplo da diversidade e do multiculturalismo. É no espaço do circo, onde pelo processo de sonorização das palavras, as pessoas conseguirão entender que é preciso falar da paz e não de uma bomba destruidora que simboliza o preconceito e as discriminações causadas pelas questões raciais que culminam em dor e sofrimento.

Todo o discurso é permeado por um apelo de respeito e tolerância às diferenças. A mensagem central da obra gira em torno desse apelo. No mundo não pode haver individualidade, mas coletividade. As diferenças são necessárias, sem elas, se tudo fosse igual, não teríamos a riqueza das cores, a beleza das misturas, e os benefícios que nos trazem, pois "[...] quanto mais misturado a gente fosse, mais rico seria". (OCDP, 1984, p. 69) diz o discurso de Aziul, uma das personagens do segundo momento da trama: o tempo de depois.

A peça de Simão é encenada na praça, espaço aberto que simboliza o encontro entre as raças e as cores das personagens (Clara, Simão e Bertoldo) contribuem para essa compreensão. A praça metaforicamente simboliza a voz do povo, as manifestações, o grito de revolta e as lutas conta contra as imposições e Termos a impressão que a narrativa segue um aspecto linear, porém os três tempos criados e nos quais está dividida a narrativa se entrelaçam e se mesclam, originando histórias dentro da história. Esses aspectos são importantes porque estabelecem uma ligação entre o personagem Simão e a questão central do livro: a discussão da etnia e dos conflitos que dela decorrem.

E o apelo ao respeito e à diversidade é mais uma vez apresentado em uma obra de Ana Maria Machado. Na narrativa, através de Simão, ela explica não pretende expressar um discurso moralizante, mas fazer brotar uma consciência que já existe e precisa apenas ser libertada.

Na voz do narrador, a autora ainda evidencia o que seria uma função social da literatura: despertar essa consciência a partir da imitação ou representação da realidade. Ana Maria faz uso dessa "arma" para levar seus leitores a refletirem sobre suas ações e sobre o que muitas vezes são obrigados a seguir por forças das circunstâncias ou pela opressão de um sistema excludente e discriminatório. Uma marca de sua produção literária, ser questionadora e pelos questionamentos levar a transformação.

O Canto da praça não apresenta personagens negros, mas podemos inseri-los no rol das obras de Ana Maria Machado que apresentam um discurso antirracista, pois trata

sutilmente das diferenças raciais quando apresenta a aversão às diferenças como a causa para os conflitos que assolam a humanidade, como as guerras. Ao mesmo tempo, é um discurso de respeito á miscigenação racial, à mistura entre as culturas e raças. E de afirmação de que a paz só haverá quando as diferenças não forem mais motivos de divisão e o ser humano deixe de viver "cada um achando que as pessoas só podem ser ou uma coisa ou outra, arlequins ou pierrôs, ocidentais ou orientais, preto e branco ou coloridos". (OCDP, 1984, p. 86), pois "[...] Todo mundo merece respeito, todo bicho, toda planta também. Toda vida. Por isso é que qualquer guerra é uma merda". (OCDP, 984, p. 90).

Vale destacar que nesta obra também podemos identificar, analogamente, a evocação de elementos da cultura africana, através de analogia podemos afirmar que Simão representa à ancestralidade, o respeito às tradições e á sabedoria dos mais velhos ou aos *griots*, pelo fato de conduzir várias histórias no decorrer da narrativa e estes elementos são típicos daquela cultura. Na atualidade a literatura infantojuvenil tem assumido o papel de espaços de reflexões, conhecimento e aprendizados e de instrumento de formação para os sujeitos, levando-os a uma condição de vida mais justa e menos desigual. Conforme presenciamos, o tema da diversidade e do respeito às diferenças é recorrente na produção literária contemporânea, em especial na obra de Ana Maria Machado.

A sociedade contemporânea exige a revisão de conceitos, sobretudo aqueles relacionados às questões das identidades étnicas e a literatura infantojuvenil tem se demonstrando uma via possível a ser trilhada, pois reflete a sociedade servindo como espelho prismático das culturas. Dessa forma, a literatura infantojuvenil contemporânea se configura numa forma de romper com o silencio ideológico do racismo, do preconceito e da discriminação racial e estabelecer possibilidades de uma convivência inter-racial.

Presenciamos, assim, a presença de um discurso multicultural na produção literária destinada a crianças em nosso país que surge a partir dos anos 1980, com a publicação de inúmeros títulos que trazem em seu enredo a história e lutas enfrentadas por personagens negros e indígenas e a forma como estes conseguiram vencer o preconceito e/ou se firmar enquanto cidadãos com uma identidade firme e constituída. Tal fenômeno, segundo Debus (2013, p. 105) pode ser compreendido sob duas perspectivas*: "*a) é uma estratégia política de dominação, concebida pela cultura dominante; ou b) é um eco das vozes das margens", *p*referimos optar pela segunda perspectiva e acreditar que em nosso cenário político, econômico e cultural aqueles que sempre foram excluídos e tratados com estereótipos e tido

como submissos e subservientes estão ganhando, na verdade conquistando, espaço e voz e tendo seu trabalho e contribuição na construção do que somos reconhecidos.

Na produção literária de Ana Maria Machado encontramos a ressignificação de discursos preconceituosos que se convertem em gritos de liberdade e apelos ao respeito à diversidade que constitui nossa cultura. O que comprova que conceitos podem ser contestados e revistos desde que o multiculturalismo seja tratado como possibilidade.

Coelho (2000, p. 49) afirma que uma "boa literatura propicia ao leitor divertimento, prazer, emoção e que, ao mesmo tempo, ensina novos modos de ver o mundo, de viver, de penar, de reagir e de criar", logo, concluímos que a literatura de Ana Maria Machado é uma boa literatura, pois auxilia na desconstrução de estereótipos e na construção da identidade de crianças negras, uma vez que em suas produções os negros têm vez, voz e uma história a ser contada. O que pode levar a criança negra a se reconhecer nesses personagens e a partir deles perceberem seu valor e, assim, reconhecerem que tem um lugar na sociedade. Suas produções apresentam a possibilidade de visão do diferente como fator de acréscimo e não como fator de exclusão.

Reconhecemos que ainda há muito que se fazer no que se refere a uma reparação de séculos de opressão e discriminação e de uma história marcada pela imposição de uma ideia de carência e subalternidade, no entanto, passos significativos foram dados no sentido de ao menos minimizar essa desigualdade por ela gerada. Ana Maria Machado cria uma literatura que valoriza a imagem do negro como protagonista da narrativa e da sua história pessoal de vida criando, assim, uma imagem positivada desse sujeito. Não queremos afirmar que sua produção literária se resuma a uma discussão explicita dos problemas sociais que presenciamos na sociedade, mas que por meio da magia e do encantamento, da riqueza vocabular de sua linguagem lúdica e poética e das imagens insólitas que cria, possibilita uma reflexão sobre as relações humanas e nessa reflexão, contribui para a aceitação do diferente como parte constituinte do todo e que o completa, conforme observamos no discurso do narrador do texto que diz "Penso no poder de mudança que pode ter o canto da praça quando a multidão solta a voz." (OCDP, 1985, p. 99) em que a praça simboliza as voz do povo, a manifestação da opinião pública.

A narrativa encerra com a expressão do desejo da autora na voz do narrador:

> Brinco com a ilusão, faço mágicas e palhaçadas, sou jogral do avesso e do real, equilibrista da fantasia, titereteiro de personagens, malabarista de palavras, criador de casos e de histórias. Faço o que penso. Cada um que venha para a praça e faça o

> mesmo, apresente o seu número. O espetáculo da vida tem que continuar. (OCDP, 1985, p.100).

Sua literatura não tem a intencionalidade de transmitir uma ideologia, mas suscitar á reflexão de cada um que a ler e servir de motivação para que este reflita sobre suas ações e sua postura perante o outro.

Em *O canto da praça*, Ana Maria Machado brinca com as palavras ao elaborar seu discurso; joga com os significados ao nomear seus personagens. Seu apelo é pela paz, e expressa esse apelo ao dar nomes aos seus personagens; Clara em alusão á mensageira da Paz (Santa Clara de Assis); Paloma-Colombina, nomes cujas traduções do espanhol e do italiano respectivamente, é a palavra pomba que, simbolicamente, significa paz.

Ovessa, nome dado ao planeta em que habitavam as três crianças que ajudam na execução do Projeto ZAP, que ao contrario é avesso, numa alusão de que tudo deve mudar, a situação caótica gerada pela desigualdade deve mudar e enfim termos paz, palavra que se origina ao lermos o nome do projeto pelo avesso. E a palavra mágica REVIVER, que curiosamente é a mesma coisa lida de trás para frente e foi estrategicamente escolhida em alusão à necessidade que temos em rever nossas ações e começar de novo, na construção de um mundo sem desigualdades e com respeito às diferenças do outro.

Reiteramos que, a história não apresenta personagens negras, mas o discurso de respeito à diversidade étnica perpassa toda a narrativa. Nela a autora nos presenteia com sua visão de igualdade entre as diversas etnias que constituem nosso povo. Não há etnia inferior ou superior a outra, há diferenças, mas essas não podem e não devem ser sinal de discriminação ou separação.

2.2. Tradição e modernidade: o negro na produção literária de Ana Maria Machado

Conforme afirmamos em capítulo anterior deste trabalho, a presença de personagens negros na literatura infantojuvenil brasileira foi marcada por uma representação caricata e estereotipada do sujeito negro ora representado de forma a evidenciar uma suposta inferioridade com relação ao branco, ora ocupando uma posição de subalternidade, ambas se configurando em formas de representações preconceituosas.

Ana Maria Machado pode ser considerada pioneira na apropriação e ficcionalização dos valores culturais do povo negro quando publica em 1979 a novela *Do outro lado tem*

segredos, considerada pela crítica como a primeira novela da literatura infantojuvenil brasileira a apresentar um protagonista negro, o menino Bino, batizado Benedito em homenagem ao santo negro. Com essa publicação, além de apresentar uma imagem positiva do negro no gênero, a autora contribui para a emergência de uma nova vertente na literatura destinada a crianças, adolescentes e jovens em nosso país que segue uma linha de renovação e reconstrução de conceitos acerca da condição de exclusão a que foi submetido o sujeito negro no decorrer da História.

Ao criar personagens negros que rompem com esse paradigma, Ana Maria Machado substitui a imagem de sujeito marginalizado que esteve presente nas histórias infantojuvenis tradicionais que constituem o cânone do gênero, por uma imagem positivada que contribui para a construção de novos conceitos e a desconstrução de estereótipos até então vinculados à figura do negro na literatura e na sociedade em geral.

As personagens negras por ela criados representam uma nova posição ideológica do negro, agora encarado como sujeito portador de uma cultura, ser agente de uma história, dotado de beleza, com voz ativa, dono e defensor de uma opinião própria carregada de ideais de igualdade e justiça e, sobretudo, consciente de seu valor como cidadão e sujeito de direitos e deveres.

O contexto em que estão inseridas essas personagens não é mais o de opressão, inferioridade e subalternidade, mas um cenário de valorização do negro e sua cultura, partindo de elementos que constituem a realidade cotidiana, a autora criou essas personagens que são, em grande maioria, crianças e adolescentes comuns, portadores de características peculiares dessa fase de desenvolvimento da vida, tais como a inocência da infância observada em *Menina bonita do laço de fita*, as contradições, dúvidas e sede de aventura que marcam o florescimento da adolescência, conforme observado em *Do outro lado tem segredos*; ou as a formação de uma consciência com base numa visão crítica da história, como as personagens de *Do outro mundo*.

Os textos que narram as histórias dessas personagens são marcados por um ideal de liberdade que nos remete às lutas do negro escravizado em busca de sua liberdade roubada e às conquistas por eles alcançadas decorrentes dessas lutas e pela esperança da construção de um mundo em que as diferenças não existam ou que pelo menos não sejam motivo de desigualdade, e em que a felicidade seja pautada num ideal de igualdade entre os povos conforme constatamos no apelo contido em *O canto da praça*.

O respeito e valorização de elementos da cultura africana e afrodescendente também são observados na produção literária da autora tais como, a alusão à importância da oralidade para o povo negro e o respeito aos antepassados e o legado cultural que deixaram. A ancestralidade, em muitas sociedades africanas, é um dos princípios básicos da religiosidade e espiritualidade. É algo que vai além do culto aos antepassados, mas que se relaciona com a preservação da cultura e tradições de um povo e representa a harmonia entre o mundo terreno e o universo. O respeito a esse principio significa respeito e valorização á cultura africana e, por conseguinte, do povo negro. Na produção literária de Ana Maria Machado observamos esse respeito a partir do valor que é concedido às tradições transmitidas pelos mais velhos, conforme observado em *Do outro lado tem segredos.*

Dessa forma, o mundo real é simulado e recriado em sua produção literária quando se utiliza de uma linguagem próxima da realidade do seu público. Sem rebuscamento exagerado, Ana Maria Machado brinca com a sonoridade das palavras e com seus significados, dando às suas obras um caráter de intimidade com o público que deseja alcançar. O que é uma marca da produção de Ana Maria, o desapego com os rebuscamentos sem que precise fugir á norma culta da língua.

O enredo pautado em fatos que constituem o contexto atual em que o real e o imaginário se entrelaçam, a presença do elemento fantástico e insólito, a linguagem visual e concreta, a elegância nas expressões, a sutileza e gentileza com que tata temas tão complexos e banais como a diversidade étnica e cultural em conjunto com a imensidão de temas abordados, faz do estilo de Ana Maria Machado um marco de inovação na nossa literatura infantojuvenil.

O diferencial em sua obra é marcado pela identificação das crianças e dos jovens com as personagens de seus textos que apresentam conflitos emocionais e de personalidade, o amor que vence todas as convenções, o rompimento de fronteiras, os fortes laços de amizade, a disputa entre o bem e o mal e tantas outras mazelas que assolam a vida, bem como as alegrias que nos consolam e estão presentes tanto na ficção como na realidade de cada um.

Segundo a própria autora, a busca por uma inovação na literatura infantojuvenil foi motivada pelo fato de que em nosso país ela era pouco valorizada, talvez porque não houvesse uma atenção maior voltada para o público a que se destina ou porque não interessava aos autores nacionais escrever para esse público, por isso durante muito tempo a literatura que circulava em nosso país e era destinada a crianças, adolescentes e jovens constituía-se de

traduções, cujo contexto de produção das histórias, assim como os sentimentos e interesses nelas contidos, divergia da realidade de nossas crianças e jovens.

Nosso país era uma jovem nação em cujo seio pulsava um grito de libertação da dominação estrangeira e um sentimento nacionalista, pautado em ideais de valorização do que é nosso sinaliza para a necessidade de mudanças em todos os âmbitos da sociedade, inclusive na produção cultural. E foi nesse contexto de transformações e inovações que a obra de Ana Maria Machado despontou no cenário literário brasileiro.

Em sua obra encontramos a presença simultânea do real e do imaginário recriados nos mais diversos cenários e situações sociais, uma herança da tradição que se renova a partir de sua ótica reformadora. Como Lobato, Ana Maria, discute temas e questões de seu tempo e se volta para as questões sociais que movimentam o contexto atual. Demonstra preocupação ao tratar de temas que envolvem o cenário político, as discriminações presentes na sociedade, as desigualdades econômicas. Tudo isso sem abandonar o encanto e a singeleza da linguagem que é típica.

Dessa forma, a inovação no estilo literário de Ana Maria Machado consiste em trabalhar, na tessitura de seus textos, situações reais da sociedade entrelaçando-as com a fantasia. Assim, discorre sobre valores e ideais, discutindo diferentes e relevantes temas de forma acessível e clara e com um olhar crítico. A produção literária de Ana Maria Machado trouxe para a literatura brasileira um novo olhar e uma nova maneira de contar histórias, sem abandonar a função social exercida por esse gênero.

Ana Maria Machado não se preocupa apenas com a produção literária, mas também com a reflexão acadêmica sobre o gênero, levantando questões importantes, inclusive no que se refere à qualidade da literatura que é destinada a crianças, adolescentes e jovens em nosso país. Desmistificando o clichê de que os textos infantojuvenis são “bobinhos e simples”, muitas vezes relegado a esse gênero. Atuando assim, nas duas vertentes, literária e crítica, é inegável a contribuição que a autora trouxe para a produção literária infantojuvenil nacional. Seu estilo diferenciado marcou uma geração e inaugurou uma nova forma de fazer literatura para o público mais jovem.

Atuando assim nas duas vertentes: literária e crítica, percebemos que no cerne de sua criação está um compromisso com as questões éticas e políticas que permeiam a sociedade e influenciam a identidade do cidadão brasileiro.

A autorreflexão é uma característica que podemos destacar em sua produção literária, observamos em algumas obras a presença de uma reflexão sobre o próprio fazer literário, conforme observado em *Uma vontade louca* (1990) e *Do outro mundo* (2002) em que o discurso narrativo evidencia sua própria construção e convoca, direta ou indiretamente, o leitor/receptor a refletir sobre os desafios que envolvem o processo de escrita do texto literário.

A articulação ficção e história é outro traço marcante na produção da autora. Em diversas obras encontramos a discussão em torno do processo de colonização da América latina e do Brasil (*De olho nas penas* (1981) e *Do outro lado tem segredos* de 1980); os horrores da escravidão (*Do outro mundo*); crítica ao período de ditadura militar e repressão (*Era uma vez um Tirano* de 1982); o processo de miscigenação e diversidade cultural na formação do povo brasileiro (*Gente bem diferente* de 1997) e a denúncia do silenciamento perante injustiças (*Raul da ferrugem azul* de 1979) dentre outras. Em algumas obras a recorrência à História é evidente, com a citação direta dos fatos históricos como sustentação ao discurso, em outras, apenas sutilmente sugeridas, deixando a cargo do leitor as inferências e analogias.

A valorização do feminino também é tema em sua produção literária. As personagens femininas são construídas de forma a evidenciar a emancipação da mulher na sociedade. São meninas, adolescentes, jovens e mulheres donas de si e defensoras de um ideal próprio. A forma como Ana Maria trata essa questão ultrapassa os limites de uma militância feminista e expressa lucidez e uma visão crítica quanto ao papel da mulher na sociedade contemporânea.

Todas essas características anteriormente citadas são reforçadas pela escolha dos nomes de suas personagens. O nome carrega significado fundamental no processo de criação literária de Ana Maria Machado, a imensa maioria de suas personagens receberam nomes que falam muito de suas características pessoais e do ideal e intencionalidade do texto. Ao nomear suas personagens, a autora leva em consideração a significação que o nome carrega, fornecendo uma visão profunda de suas essências. Nenhum nome é dado ao acaso, e ao analisarmos com profundidade veremos que ele tem muito a falar e muitas vezes direcionam o sentido do texto. Uma identificação com a produção literária de Guimarães Rosa, produção esta que foi objeto de estudo da autora e resultou em sua tese de doutoramento sob a orientação do semiólogo Roland Barthes. Os resultados de sua pesquisa estão registrados no livro *Recado do Nome* (1976), conforme trataremos mais adiante.

O estilo literário de Ana Maria Machado trouxe mudanças significativas para a literatura infantojuvenil brasileira. Podemos afirmar que, como Lobato, a autora inaugura uma nova vertente nesse gênero e que marca uma linha de ruptura com o modelo canônico. Ana Maria é autora de uma literatura sem adjetivos que delimitem o público a que se destina, o que equivale a dizer que, seu fazer literário ultrapassa as fronteiras da delimitação atribuída pelos adjetivos infantil e juvenil e abrange um público de todas as idades.

2.3. A importância do nome na construção da personagem na narrativa de Ana Maria Machado

Todos nós ao nascermos e em alguns casos até mesmo antes do nascimento, recebemos um nome que nos dá identidade. O nome nos individualiza e nos destaca em meio à multidão. Segundo Silva (2004, p. 62) o "nome é a marca da singularidade: eu sou único, não existe um 'outro', que me seja igual que possua as mesmas características, os mesmos desejos, os mesmos sonhos". Logo, o nome é uma individualidade que nos particulariza e, em uma visão sociológica é o que nos distingue e destaca em meio aos outros sujeitos.

Tal é sua importância que, popularmente, esta relacionado também com a reputação e o caráter de um individuo, haja vista a grande preocupação que temos para não "sujar" nosso nome, isto é, para não sermos associados a algo ruim ou vergonhoso. Também confere autoridade e é representação da própria pessoa. O nome é o ser, seu significado e referência.

Em algumas culturas antigas o ato de nomear é tão importante que chega a ser considerado sagrado. Nesse sentido, o nome é mais que identificação, ele é portador de um significado especial. Na Antiguidade os nomes que as pessoas recebiam estavam relacionados com alguma circunstância do nascimento, do local de origem dos pais ou mesmo com a sua aparência. Em alguns casos, uma criança poderia receber um nome que fizesse alusão ao que se desejava para o seu futuro, eram os nomes proféticos.

Povos antigos davam o nome de seus ídolos para suas crianças, como forma de atrair bênçãos e prosperidade para suas vidas. Na Bíblia, por exemplo, encontramos muitas passagens em que o ato de nomear é significativo e recebe grande importância. No livro do Gênesis, que narra a criação, presenciamos Deus conceder ao primeiro homem o "poder" de dar nomes a todos os seres por Ele criados. No mesmo livro encontramos outros exemplos que comprovam a importância que o nome tinha para as antigas civilizações. O nome estava

sempre carregado de significado e simbolizando algo na vida de seu portador. O que nos leva a considerar a importância que tem o nome para um ser. A ausência é, portanto, a ausência de uma identidade.

Na literatura que ficcionaliza a vida real, o nome também exerce uma importância relevante. No discurso literário o nome é sempre usado com alguma intencionalidade e, na maioria dos casos, se relaciona com o destino dos personagens no desenvolvimento do enredo. É, dessa forma, um recurso linguístico de grande relevância que pode revelar um recado do autor, uma mensagem implícita ou uma pista para se compreender o desenrolar da trama. O nome é, assim, linguagem.

Na obra de Ana Maria Machado, existe uma grande preocupação com a linguagem, quer seja com relação ao nível, a autora se preocupa em elaborar uma linguagem que seja ao mesmo tempo erudita e compreensível, próxima á realidade de seu público; quer seja no significado que atribui ás palavras. A linguagem se manifesta de diversas formas, mas é a palavra a sua principal forma de manifestação. É a matéria-prima para a produção do sentido e dela, Ana Maria faz uso para transmitir sua mensagem. A palavra é nome.

O nome exerce função relevante na produção literária de Ana Maria Machado. Sua preocupação com o nome é tamanha que se dedicou a estudá-lo em sua tese de doutoramento em Linguística e semiologia sob a orientação do semiólogo Roland Barthes. Conforme frisamos anteriormente, em sua pesquisa, a autora estudou a importância e significação dos nomes na produção literária de Guimarães Rosa que resultou na publicação do livro *Recado do Nome: leitura de Guimarães Rosa sob à luz do Nome de seus personagens* em que examina a relação do nome próprio com a estruturação da narrativa na obra do autor.

Em sua produção literária, Ana Maria Machado se demonstra consciente da pluralidade de sentidos que as palavras possuem e a explora dos mais diversos sentidos. Em seus textos os nomes são carregados de significados e exercem uma função que vai além da identificação ou caracterização dos personagens, eles demonstram estar relacionados com a gênese de seu fazer literário. Percebemos isso quando a própria autora a eles se refere dizendo:

> Nome é sempre significativo. E sempre uma forma de classificação. Além disso, não é próprio por ser uma propriedade de seu portador, mas porque lhe é apropriado. Duplamente apropriado: marca de uma apropriação pelo outro, e escolhido segundo uma certa adequação àquele que é nomeado. Para exprimir aquilo que lhe é próprio enquanto individuo, aquilo que não é comum a toda espécie. E com essa operação, volta-se à classificação. Significação e classificação estão sempre ligadas ao nome. (MACHADO, 1976, p. 27).

Diante dessa afirmação percebemos a importância que tem o nome para a autora. Para ela o nome é significativo e parte constituinte do ser. Um ser sem nome é um ser sem existência. Seguindo sua linha de pensamento, o nome é um conjunto de unidades de significação que giram em torno de um sentido e complementa esse sentido. Unidades estas que, não podemos esquecer, estão relacionadas com a identificação do ser.

Para Ana Maria Machado o nome é quem confere identidade ao ser. Ao nomear seus personagens, a autora tem em mente o que eles significarão na trama, uma vez que, em sua visão 'quando um autor confere um Nome a um personagem, já tem uma ideia do papel que lhe destina' (MACHADO, 1976, p. 28). Dessa forma, podemos afirmar com convicção que o nome exerce um papel importante em sua produção literária e que esta é uma marca significativa e particular dessa produção.

Observamos a importância do nome na produção da autora, quando nos debruçamos sobre suas obras. Em *Do outro lado tem segredos*, por exemplo, a identidade do protagonista está relacionada com o nome dele "Bino era menino. Bino era Benedito. Bino era pescador" (DOLTS, 2003, p. 9). Na trama o menino foi batizado como Benedito em homenagem a um "Santo" negro e sua identidade se constrói em torno dessa significação. O nome o identifica com alguém importante e que representou sua raça. No decorrer da trama, ao tomar conhecimento das histórias do seu povo e também a respeito da vida do santo, o personagem se sente importante. O nome lhe confere segurança e a certeza de que pertence a um povo corajoso, lutador, vencedor e importante.

O nome Benedito, deriva do Latim *benedictus* e significa "a proteção divina em favor de alguém, abençoado, louvado" (MENDES, 2006 p. 38), ao nomeá-lo assim, a autora cria em torno do personagem toda uma simbologia. Bino estava predestinado a decifrar a tradição de seu povo. Toda a sua descoberta expressa na trama está relacionada com a referência a seu nome, uma vez que, popularmente, as pessoas nomeadas com esse nome estão predestinadas a se dar bem na vida. O que notamos na trajetória de Bino, ele vence seus conflitos e obtém êxito ao fim de sua jornada.

O nome revela muito da origem das pessoas, inclusive uma das atitudes do colonizador português era mudar o nome dos negros, substituindo seus nomes por um nome cristão para, assim, apagar qualquer vestígio que os ligasse a uma origem ancestral. Dessa forma, acreditava-se que os laços com a terra mãe eram rompidos e os negros podiam ser

totalmente dominados. Na produção literária de Ana Maria Machado percebemos um efeito contrário, os nomes de seus personagens, sobretudo os negros, promovem a ligação destes com suas origens ou algo referente à sua identidade. Ao fazer esse movimento inverso a autora entremeia entre a tradição e a modernidade revelando outras possibilidade de compreensão de sua obra.

Em *O canto da praça* a palavra exerce função primordial. É por meio dela que as coisas se transformam e pelo seu poder, Simão será capaz de viajar entre os tempos e colaborar com a construção da paz. Na obra percebemos mais uma vez a significação dos nomes, Paloma, a adolescente que o protagonista encontra na praça, seu nome significa "pomba" (em tradução do espanhol) que por excelência é um símbolo da paz procurada. Num diálogo intertextual, a personagem faz referencia à Colombina, uma personagem de uma peça teatral na obra referida, cujo nome também faz referencia à paz. Colombina deriva do termo italiano colomba que, traduzindo, significa paz.

O nome da personagem protagonista Simão também apresenta um significado relevante e importante para a compreensão de seu papel na trama. O nome Simão tem origem no hebraico *Shim'on*, que, por sua vez, deriva do elemento *shamá* que quer dizer "ele ouviu" e também deu origem ao nome Simeão, recebendo o significado de "ouvinte" (MENDES, 2006, p. 159). Na trama, percebemos do início ao fim essa caraterística no personagem, ele ouve atentamente a todas as instruções que recebe em sua viagem através dos "tempos de antes", "de depois" e "de agora". Um personagem simbólico e enigmático cujo nome revela seu papel.

Merece destaque também o nome que a autora dá ao mundo em que vivem as crianças auxiliares de Simão no tempo "de depois", Ovessa, que ao contrário é avesso, numa alusão á necessidade de vivermos o contrário de todas as desigualdades presentes no mundo em que impera a discriminação racial.

Outros nomes de personagens da obra também são significativos como, o nome do Arlindo, em referência ao Arlequim personagem que, na comédia italiana, usava roupa feita de retalhos triangulares de várias cores e, no contexto da obra de Ana Maria Machado, faz referência ao multiculturalismo da cultura brasileira. E o do Pedro em referência ao Pierrô, personagem de feição ingênua e sentimental da mesma peça, e na obra simboliza a aceitação e o respeito às diferenças.

Também encontramos relevância nos nomes dos personagens ao estudar a obra *Do outro mundo* em que a autora faz uso do recurso da metalinguagem para discorrer, dentre outras coisas, a respeito do fazer literário. A obra que apresenta características da metaficcção e metaficção historiográfica, uma vez que se fundamenta em fatos históricos reais para tecer sua narrativa, apresenta personagens com nomes significativos, a exemplo do protagonista Mariano que recebe a incumbência de escrever um livro acerca da história de Rosário, espectro de uma menina que viveu os horrores da escravidão e ressurge, na trama, em busca de conhecer qual foi o destino de Amaro, seu irmão caçula.

O nome das três personagens são significativos e importantes para a compreensão da mensagem da trama. O nome Mariano, um trocadilho em referência ao nome da própria autora, representa o processo do fazer literário, as dificuldades e fases porque passa a produção de uma obra. Percebemos no protagonista e narrador do texto, muito da autora, desde a pesquisa e busca de informações reais, sempre evocadas em sua produção, até o estilo inovador de fazer literatura.

Rosário, nome que recebeu a personagem insólita da trama, faz referencia a rosas, que por sua vez, simboliza a pureza e a beleza que é atribuída à personagem. Também podemos fazer referência do mesmo com a espiritualidade que não deixa de permear a trama, uma vez que, a personagem é um espectro, fantasma de uma menina negra que há muito morreu vítima de uma cruel atitude de seu antigo senhor. A personagem é parte do elemento fantástico presente na obra e seu nome apresenta forte significação que confere sentido a seu papel na mesma.

O nome do irmão de Rosário é Amaro, nome que deriva do Latim *amarus*, que significa amargo (MENDES, 2006, p. 27), em referência ao destino cruel dos escravos da antiga fazenda ou por analogia a amor. O amor que fez que com que a menina-espectro rompesse as fronteiras entre a morte e a vida para em busca de conhecer o destino do irmão.

Dessa forma, percebemos como os nomes são significativos e importantes na produção literária da autora. O nome é, nesse sentido, uma fonte de significados que indicam o caminho da tessitura do texto, pois para Ana Maria Machado, o nome é “um signo espesso e rico que escapa sempre aos limites de cada sintagma [...] para além do texto” e “significam em seu sistema a própria existência da significação” (MACHADO, 1976, p. 41 e 194 respectivamente).

Em sua produção literária os nomes de seus personagens são mais que a mera identificação e seu sentido revelam mais que uma caracterização física ou psicológica, mas carregam um significado que nos levam a interpretação e compreensão da própria obra. Como na literatura que analisou "o que eles significam é a própria significação" (MACHADO, 1976, p. 43), revelam a pluralidade de sentidos que está presente em seus textos e o jogo com as palavras que se caracteriza como elemento de seu estilo inovador de fazer literatura.

O recado do nome, isto é, a significação do nome e sua função na tessitura do texto é, assim, uma marca de inovação na literatura de Ana Maria Machado. Nomear seus personagens é algo que vai além de uma necessidade, o nome é como uma semente literária, para a autora tudo se inicia nele, pois "o Nome pode vir a agir sobre o personagem e mesmo modificá-lo, mas, quando isso ocorre, tal fato só vem confirmar que a coerência interna do texto exige que o Nome signifique" (MACHADO, 1976, p. 30). A partir do nome que concede ao seu personagem, ela já vai delineando seu papel e sua trajetória na trama. O nome é ideologia e está carregado de sentido. É a parte do personagem, mais que a própria história que se perpetua.

Traço de inovação ou simplesmente um jogo com a linguagem, o nome dos personagens de Ana Maria Machado nos concedem pistas para compreender a profundidade de sua obra. E não poderíamos deixar de citar esse aspecto tão significativo e relevante que constitui sua produção.

As obras de Ana Maria Machado aqui apresentadas foram escolhidas por apresentarem traços do estilo diferenciado que a autora adota em sua produção literária destinada ao público infantil e juvenil, tanto no que refere ao tratamento de temas relevantes que estão presentes na sociedade, tal como a diversidade e o respeito às diferenças, tanto no que concerne a representação das personagens negras.

A autora que segue o estilo de Monteiro Lobato ao privilegiar em seus texto a predominância de crianças como protagonistas, evidenciando a sua preocupação em demonstrar que a criança é um ser que merece espaço na sociedade. A própria Ana Maria Machado, em seus textos teóricos e entrevistas que fala de sua produção literária, se define como fruto de Lobato. Para a autora, a contribuição do autor na nossa literatura vai além do mesmo ter fundado o gênero infantojuvenil da nossa literatura, mas se concretiza nos frutos que ele gerou (MACHADO, 2001).

Ana Maria Machado, com sua produção literária, trouxe para a literatura brasileira a inauguração de um novo estilo de se escrever para crianças e jovens. Em seus textos percebemos a presença da função social deste gênero da literatura tão importante em nossos dias que é contribuir com a formação dos indivíduos que formam a sociedade, tornando-os cidadãos críticos e participantes das discussão que a circundam. Para ela, a literatura nos permite sonhar, enfrentar medos, vencer angústias, desenvolver a imaginação, viver outras vidas, conhecer outras civilizações, além de nos conceder acesso a parte da herança cultural da humanidade. Daí sua preocupação não apenas com a produção literária para este público, mas também com a reflexão acadêmica em torno do gênero.

O trabalho com questões humanas é um dos marcos mais importantes da produção literária da autora. Ao nos debruçarmos sobre a sua obra, percebemos sua preocupação em nos apresentar um trabalho com as relações sociais e as diferenças entre as pessoas e suas culturas de forma a demonstrar uma relação que tem como princípio norteador o respeito ao próximo. Seus textos rompem com as ideologias predominantes em outras obras que adotam um discurso doutrinador e visam transmitir as "verdades" ditadas pela elite dominante da sociedade que impõe a existência de uma cultura homogênea e nos levam a refletir sobre a diversidade cultural presente na realidade brasileira.

Por meio de suas personagens, os quais representam os negros, os indígenas, as mulheres, as crianças, os pobres e outros grupos discriminados na sociedade, a autora rompe com a imagem de autoridade dos dominantes. Suas personagens levantam questões referentes a conceitos e valores tradicionais que nos são impostos.

Deste modo, ao nos debruçarmos sobre a produção literária da autora, percebemos que o tratamento que a mesma dedica a representação das personagens que representam as minorias tais como os negros, por exemplo, se dá de forma diferenciada das produções que a antecederam, pois a mesma busca, em suas criações, romper com estereótipos e estigmas historicamente construídos em torno desses sujeitos e nos apresenta uma nova forma de criação em que estes são construídos de maneira a representar o que são realmente e o seu papel na sociedade.

No próximo capítulo daremos continuidade a nossa análise da representação do negro na produção literária da referida autora voltando nosso foco para as obras *Do outro lado tem segredos*, *Menina Bonita do laço de fita*, *Do outro mundo* e *O mistério da ilha: Mandingas da Ilha Quilomba*.

3. FACES DO NEGRO EM ALGUMAS OBRAS INFANTOJUVENIS DE ANA MARIA MACHADO

Conforme apresentamos no capítulo anterior, Ana Maria Machado, em sua produção literária apresenta a temática da diversidade e do respeito às diferenças, do preconceito e das consequências que estas podem trazer à formação da criança, seja ela negra ou não. A autora é conhecida no meio literário pela sua capacidade de inovar, as personagens negras por elas criadas representam a ruptura com a ideologia de inferiorização do negro imperante na sociedade e na literatura de uma forma geral.

A década de 1970 marcou um período de forte influência das reivindicações dos movimentos sociais que ganharam maior destaque, dentre os quais podemos citar o Movimento Negro Unificado (MNU) que influenciou uma verdadeira revolução no que se refere às reinvindicações por melhores condições de vida e igualdade para o negro na sociedade brasileira.

Muitos escritores, a exemplo de Ana Maria Machado, participaram ativamente desses movimentos e trouxeram para a sua produção literária o espirito revolucionário e questionador por eles defendido. A autora cresceu lendo os clássicos tradicionais e em sua produção na atualidade levanta questionamentos a respeito de valores e ideologias neles presentes. Dessa forma, paradigmas são quebrados e estereótipos, como o da inferioridade e subserviência do negro, sua associação com o mal e a feiura, desconstruídos.

Como a literatura ficcionaliza a realidade, ela não foge à regra e também sofreu influência desses movimentos e do processo de reformulação/reconstrução de conceitos e preconceitos por eles propostos e como resultado, podemos perceber o distanciamento, cada vez maior, da visão do negro como objeto na nossa literatura destinada para crianças, adolescentes e jovens e a presente emergência dele como sujeito na história. Configurando-se como uma nova visão ou vertente da literatura que expressa uma ruptura com a visão estereotipada do negro como sinônimo do que é “feio”, “sujo”, “marginal” ou “sem cultura” que vigorou em períodos anteriores.

Assim, autores negros ou não, passam a se dedicar a produzir obras que contribuam com a desconstrução do preconceito e da discriminação racial no Brasil. A questão racial, então, ganha destaque no cenário literário infantojuvenil brasileiro. E Ana Maria Machado, cria personagens que representam uma nova imagem do negro na sociedade brasileira. São personagens que simbolizam:

> uma linha de ruptura com modelos de representação que inferiorizem, depreciem os negros e suas culturas. São obras que apresentam personagens negros em situações do cotidiano, resistindo e enfrentando, de diversas formas, o preconceito e a discriminação, resgatando sua identidade racial, representando papéis e funções sociais diferentes, valorizando as mitologias, as religiões e a tradição oral africana (JOVINO, 2006, p. 188).

A imagem do negro em Ana Maria Machado é, dessa forma, uma imagem ressignificada desse sujeito, pois nela observamos uma valorização de sua imagem, cultura e respeito às suas tradições, seguindo uma linha de enaltecimento de seus traços físicos, sua beleza, que nesse sentido representam a desconstrução de estereótipos negativos a eles atribuídos.

Neste sentido, apresentaremos neste capítulo uma análise interpretativa das obras e personagens negras criados por Ana Maria Machado enfocando os elementos de desconstrução dos estereótipos negativos. Para tanto levamos em consideração o texto escrito, as mensagens neles explícitas e implícitas, bem como as ilustrações presentes nas obras e as informações nelas presentes.

3.1. “Do outro lado tem segredos”

> A história é testemunha do passado, luz da verdade, vida da memória, mestra da vida, anunciadora dos tempos antigos.
>
> Cícero

Em 1979, Ana Maria Machado publica a novela *Do outro lado tem segredos* que narra a história do menino Bino, batizado Benedito em homenagem ao santo negro, e vivia com a família numa vila de pescadores no litoral do Estado do Espírito Santo. A narrativa se desenvolve em torno do cotidiano dos habitantes da vila, suas tradições e a cultura do povo que a constitui. Bino era um menino curioso, que gostava de observar o trabalho dos pescadores da vila em que vivia com intuito de tornar-se como eles quando crescesse. Seu maior desejo era ir com os pescadores explorar a imensidão do oceano e descobrir os segredos que há após a linha do horizonte.

O menino cresce ouvindo histórias contadas pelos mais velhos e aos poucos vai descobrindo a África de seus antepassados e se maravilha com as tradições, a beleza e a riqueza cultural do povo africano. A partir de cada revelação que tem por meio de sinais que cruzam seu caminho, o curioso menino mergulha nas histórias da avó Odila e aprende a ler seus caminhos nas estrelas do mar e do céu. A partir das histórias que ouve da avó Odila e dos ensinamentos do negro Mané Faustino, que são descendentes de africanos, Bino, personagem protagonista da trama, vai desvelando, conhecendo e se envolvendo na história de seu povo.

Com o apoio de Tião, o irmão mais velho, Bino aprende que os negros vieram da África e chegaram ao Brasil, onde viveram uma história de lutas e heroísmo. A narrativa nos revela traços do misticismo e das crenças africanas trazidas para o Brasil pelos negros escravizados e que resistiram e sobrevivem na memória de seus descendentes, tais como a leitura do futuro a partir da observação das estrelas do céu e do mar. Mas, a trama se desenvolve em torno da curiosidade de Bino em saber o que há além do horizonte,

> - É. Aqui em Guriri tem essa praia assim, né? O mar acaba na areia. Na ponta da baleia é de pedra, cada rochedo de fazer gosto. Na Ponta dos Fachos é tudo de arrecife, pedrinha pequena com a água se metendo pelo meio. E do lado de lá?
> - Que lado?
> - O outro lado, Dilson. O lado onde o mar encontra o céu. Bem para lá de onde jogam a rede. Será que tem pedra de nuvem, praia de sol, arrecife de lua? Como é o outro lado do mar? Se a gente um dia jogar uma rede bem longe traz o quê?
> -[...] Acho que quando eu crescer quero ir até o outro lado, ver tudo que tem. Nem que tenha que arrumar um motorzinho de botar em canoa, que nem o do barco do filho de seu Morais. (DOLTS, 2003).

O texto é narrado em terceira pessoa por um narrador onisciente e enigmático, que não estabelece comentários fora da narrativa e não interfere nas ações das personagens. Bino é protagonista e, em alguns trechos assume o comando do discurso na narrativa, chegando a ser confundido com o narrador. O narrador conhece todos os pensamentos de Bino e evidencia isso de forma bem sutil ao leitor ao longo da narrativa, narra suas aventuras por meio de sugestões, que nos levam a entender que a história pode ser completada pelo leitor, conforme podemos observar ao ler o trecho seguinte:

> Benedito pretinho
> olha as ondas do mar
> lelê-oi...
> Ele vai, ele vem
> ele torna a voltar...
> lelê-ôi
> Era como se aquilo tudo estivesse falando com ele. Pois ele não se chamava Benedito? Não era pretinho? Não gostava de ficar olhando o mar?

> Mas tinha coisa que ele não entendia bem – esse negócio de ir, de vir e tornar a voltar... Ele vai, ele vem... Quem seria ele? O mar? Ou ele mesmo, Benedito? Para onde é que ele tinha que tornar a voltar? Voltar como, se ele nunca tinha saído de Guriri? (DOLTS, 2003, p. 43).

Esse trecho da narrativa inicia com os versos de uma canção folclórica (as primeiras seis linhas), nele percebemos a presença de uma ambiguidade que é sugerida pela visão geral mostrada pelo narrador quando chama a atenção do leitor para dizer de quem o trecho está falando: de Bino ou de São Benedito? É como se o Benedito pretinho, Bino e o mar fossem interligados, um completando o outro ou que fossem parte de um mesmo elemento. Esse trecho se refere também às dúvidas da personagem acerca de suas origens. Bino procura por respostas, as quais não consegue prontamente, pois a cada fato novo que conhece, outro mistério se propõe. O menino cria uma ponte significativa entre a sua vida e a vida de seus antepassados e, é dessa forma que vai construindo sua identidade passo a passo.

Por meio dos flashes de um passado que não viveu, mas que são evocados pelas lembranças dos mais velhos, Bino resgata um vislumbre de uma sociedade escravocrata vista sob a ótica de quem foi explorado. O menino é uma criança curiosa cujas divagações o levam a superar os conflitos provocados pelo desconhecimento da história. Nele encontramos uma constante articulação entre passado e presente. A autora cria por meio de sua escrita uma ponte significativa entre a vida de seus personagens e o passado histórico da realidade dos negros africanos em nosso país. Assim, a narrativa não segue um tempo cronológico, nela o passado é sempre evocado por meio da memoria dos personagens. É a evocação da memória dos mais velhos que orienta o desenrolar da história e a construção da identidade de Bino que se constrói ao passo que conta a história de seu povo.

A cultura oral, elemento fundamental da cultura africana na obra representada pelos velhos pescadores, é confrontada com a tradição da cultura escrita ocidental quando o irmão de Bino traz da cidade livros que contam a história daqueles que vieram do outro lado do mar. A personagem incorpora a tradição cultural de seu povo quando descobre que pode ler os elementos da natureza e neles encontrar pistas que lhe sugerem o futuro, a exemplo dos anciãos da aldeia; quando se encanta com a realeza do Rei Congo, o heroísmo de Zumbi dos Palmares e a festa em homenagem a São Benedito. Dessa forma, na narrativa, passado e presente se encontram e se tornam verossímeis, ficando a cargo da imaginação do leitor a possibilidade do diálogo.

O texto é exemplo da ruptura da obra da autora com os modelos e padrões instituídos na tradição por apresentar um protagonista negro que não nega suas raízes ou rejeita suas características, mas que busca conhecer as tradições e costumes que constituem a cultura de seu povo e formam sua identidade. A autora segue o estilo de um contador de histórias para estruturar seu texto, como os *griots* da antiga cultura africana ela torna tênues as fronteiras entre ficção e realidade. Ficção, memória e história se entrecruzam em sua narrativa, fato que a autora confirma na abertura do livro, quando se refere à sua criação dizendo que:

> ao escrever este livro, parti de lembranças muito concretas de minha infância no litoral do Espírito Santo. E também da observação de pessoas e coisas que continuavam existindo por lá naquele momento. Vários dos personagens existiram de verdade [...]. não sei. Sei apenas que é um livro que escrevi com muito amor pela minha gente e pelas misturas que nos compõem (DOLTS, 2003, p. 7-8).

É, portanto ficção que se mistura com a realidade e a reconta de forma a provocar reflexão no leitor, tratando de forma ficcional coisas sérias como a formação da cultura do povo brasileiro. Desse modo, fazendo uso de uma linguagem simples, a autora promove um diálogo entre o adulto e a criança leitora favorecendo o seu contato com uma temática complexa e demonstrando seu intento de contribuir com a construção de uma sociedade justa e igualitária: "Gosto dessa ideia de integração, de sonhar o Brasil como a terra em que pessoas de idades e origens diferentes vivem paz e harmonia. Pode não ser verdade ainda, mas como é bom sonhar com isso..." (DOLTS, 2003, p. 8).

Do outro lado tem segredos resgata a história e cultura africana por meio das histórias que Bino ouve - a memória - o repositório dessa cultura. É a presença de um discurso multicultural que nos revela a riqueza e valor dessa cultura. O personagem busca conhecer sua identidade. Quer conhecer a história de seus antepassados e seus feitos heroicos. A respeito da obra, o crítico literário Alceu Amoroso Lima escreveu:

> É uma parábola que se passa entre pescadores, o menino Bino e a menina Maria, em que Bino olha para lá do oceano, em direção à África de Aruanda, de onde vieram seus antepassados. E a menina Maria, descendente de índios, olha para lá dos montes, de onde vieram os seus, no horizonte telúrico. São duas faces do mundo brasileiro, refletidas nessas duas crianças praieiras e no encontro de duas raças nostálgicas, do oceano e da floresta, com seus mistérios invisíveis e indizíveis. Era a escolha de um terceiro estilo, que não fosse exclusivamente nem para adultos nem para crianças, e sim para seres humanos cuja perfeição devia ser a semelhança, ou antes, a integração no espirito da infância (LIMA, 1979 apud MACHADO, 2003, p. 8).

Dessa forma, a literatura infantojuvenil de Ana Maria Machado tem apresentado uma perspectiva instigante de ruptura com a tradição e despontado como um farol da necessidade de reformulações de valores, conceitos e padrões ideológicos ultrapassados.

O preconceito contra o negro foi por muito tempo mascarado por um discurso literário carregado de piedosismo, o contrário do que observamos na narrativa em questão, pois nela vemos outra imagem do negro. Não há o lamento pela escravidão, tampouco a lembrança dos sofrimentos que os escravos passaram como forma de causar comoção no leitor. Pelo contrário, há exaltação de atos heroicos realizados por negros tanto na África, quando Bino fica sabendo que seus antepassados eram reis e guerreiros que defendiam seu povo, como na resistência contra o sistema escravista, ao conhecer a história de Zumbi dos Palmares.

E na sua busca de conhecer mais de si, dos seus antepassados e da terra que deixaram para trás, Bino descobre o que há do outro lado, "[...] Do lado de cá tem uma praia. Do lado de lá tem uma África. A gente mora nesta praia. Os reis moravam naquela África." (DOLTS, 2003 p 47). O menino compreende que o negro tem seu valor, continua sendo rei e é sujeito/protagonista de uma história, sua história.

Bino descobre que seu povo tem um passado, sua gente carrega no sangue e na memória a história desse povo. Descobre também que cada povo e cada região têm elementos próprios. Na África, o negro era rei e guerreiro; no Brasil esse mesmo negro foi cativo, mas não se deixou abater com essa condição. Resistiu, lutou e também foi rei aqui. Hoje, embora não seja rei, guarda a certeza de que tem parte na construção desse imenso reino que é o nosso Brasil.

As descobertas de Bino estão relacionadas com a identificação dele com personagens e elementos da cultura de seu povo. O menino se identifica, por exemplo, com São Benedito, não apenas no nome, mas também na aparência, pois como ele o santo também era negro. Considerava-o um herói assim como Zumbi, e como eles, ele também queria ser. Em um trecho no final da narrativa, quando beija Maria, uma menina descendentes de indígenas que como Bino, também busca conhecer suas origens, o menino imagina que está se transformando em Zumbi, personagem histórico que admira e se assemelha ao santo, mas na verdade, Bino está crescendo, sua identidade está se formando, de forma sólida e a partir de elementos concretos.

Inúmeros aspectos da cultura africana são evocados na obra, tais como o respeito às tradições e à ancestralidade, à sabedoria dos mais velhos que era transmitida na oralidade,

conforme podemos constatar na obra quando o menino recorre às histórias da avó e do velho pescador como forma de conhecer os segredos que se "escondiam" do outro lado do mar. Aspectos referentes às religiões de matriz africana também são evocados na narrativa tais como a leitura do destino nos búzios, na estrela-do-mar e na observação dos fenômenos da natureza.

Do outro lado tem segredos é, neste sentido, mais que um texto que apresenta personagens negros, mas uma obra da literatura que contribui com a quebra de preconceitos e estereótipos que estigmatizam a imagem do negro. Dessa forma, a obra se insere numa tendência de valorização da identidade negra e da diversidade cultural brasileira da mesma forma que outras obras que compõem a vasta produção literária da autora.

3.2. "Menina bonita do laço de fita"

> Mas ela achava que ser bonitinha só, era muito pouco: se de repente ela desbotasse, ela deixava de ser bonitinha; aí ela não ia servir para mais nada, porque a única coisa que ela era, ela deixava de ser.
>
> Lygia Bojunga Nunes em A Bolsa Amarela

Menina Bonita do Laço de Fita foi publicada pela primeira vez em 1986. É uma das obras de Ana Maria Machado mais premiadas e traduzidas para outras línguas. Também é exemplo de obra da autora que rompe com a visão estereotipada do negro, embora a temática não seja a questão da identidade negra, propriamente dita, a imagem do negro que encontramos expressa na obra é uma imagem positivada e livre de estereótipos negativos.

É uma narrativa curta, que apresenta um enredo simples e uma intrínseca relação entre o texto e a imagem, característica peculiar da literatura infantil, gênero a que pertence, uma vez que, segundo a classificação, a obra se destina a crianças de 4 a 6 anos, porém o que não impede que ela seja apreciada por "crianças" de todas as idades. E, como todo bom livro infantil, a articulação entre a ilustração e o texto escrito contribui para a completa compreensão da obra. E no que se refere a este quesito a obra apresenta uma excelente qualidade.

Ao discorrer acerca do que a motivou a produzir a história, a autora afirma que se inspirou nas brincadeiras de sua filha Luísa que, por ser mais "branca" que os demais irmãos, brincava com um coelhinho de pelúcia branco. Na brincadeira o coelho branco perguntava à menina o motivo dela ser tão branquinha e os irmãos a ajudavam a responder às perguntas

criando respostas como, “porque bebia muito leite quando pequenina”, “ porque comia muito arroz” e assim por diante. Ao observar as brincadeiras, Ana Maria se inspirou e, utilizando linguagem lúdica, simples e poética, cria a história de uma certa menina bonita e um certo Coelho branco que a admirava muito. Mas, a menina da história é negra, para explicar a mudança de cor, Ana Maria Machado (1999, p. 66) diz:

> Gostei da ideia, mas achei que o tema de uma menina linda e loira ou da Branca de Neve, já estava gasta demais. Então, a transformei numa pretinha, e fiz as mudanças necessárias: a tinta preta, as jabuticabas, o café, o feijão preto, etc.

Ana Maria Machado segue as trilhas da inovação inaugurada por Monteiro Lobato e rompe com o modelo das tradicionais histórias de princesas e fadas que há muito são repetidas na literatura infantojuvenil e em que se reforçam o ideal da beleza branca como padrão a ser seguido. Ela dá uma nova roupagem a essas histórias e apresenta uma menina negra, exaltando sua beleza. Dessa forma, o texto se enquadra na vertente da literatura infantil e juvenil que apresenta uma imagem do negro diferente da que era representada antes.

Há assim, uma ruptura com os modelos de histórias tradicionais, mas, no entanto, não abdica de todo da tradição. A autora retoma os contos de fadas tradicionais tanto no que se refere a sua estrutura, quanto na presença do típico “Era uma vez”. Em *Menina Bonita do Laço de Fita*, percebemos claramente uma tentativa de valorização da figura do negro, por meio de uma linguagem poética, a autora procura levar o leitor/interlocutor negro, a sentir orgulho de seu próprio e do grupo étnico a que pertence.

Na pequena narrativa, em que faz uso de uma linguagem rica em lirismo que envolve e desperta a sensibilidade do leitor a história de uma menina negra muito bonita e seu vizinho um coelho “branco” que muito a admirava e desejava, quando casasse, ter uma filha tão linda quanto ela (MBLF, 2011), a autora nos apresenta uma história diferente: no lugar de um negro que reclama de sua cor ou que sofre discriminações e preconceitos e, por isso, deseja ser branco, temos um coelho “de olhos vermelhos, de pelo branco e focinho rosa” que almeja ser negro. Na impossibilidade de realização de seu sonho, ficaria satisfeito em ter uma filha “pretinha” e “linda” como a menina.

A narrativa inicia com a descrição da menina e a exaltação de sua beleza:

> Era uma vez uma menina linda, linda.
> Os olhos dela pareciam duas azeitonas pretas, daquelas bem brilhantes.
> Os cabelos eram enroladinhos e bem negros, feito fiapos da noite.
> A pele era escura e lustrosa, que nem pelo da pantera-negra quando pula na chuva. (MBLF, 2011, p. 4-5).

Percebemos que na descrição, a menina sempre aparece de forma positiva. Suas características fenotípicas são associadas a coisas boas que realçam sua beleza e a tornam ainda maior.

No que se refere á estrutura da narrativa, o texto é narrado em terceira pessoa por um narrador observador. É organizada de forma linear, seguindo uma sequencia cronológica: começo, meio e fim e tempo cronológico marcado por expressões como "um dia ele foi até a casa da menina" (MBLF, 2011, p. 8); "ele voltou lá" (MBLF, 2011, p. 10); "daí a alguns dias ele [...]" (MBLF, 2011, p. 15). Apresenta personagens planas, com destaque para a menina (protagonista); o coelho (secundário); a mãe da menina (secundário). Com relação ao espaço pode ser caracterizado como ambiente social e urbano, as cenas se passam sempre na frente da casa da menina, na rua.

Um aspecto que merece destaque é o fato de que o coelho que é uma personagem secundária, ser o foco do conflito da trama. Ele que representa a crise de identidade e não a menina negra. É o coelho que almeja "ser diferente", mudar de estado, se demonstra insatisfeito com sua condição de "branco".

Os recursos estilísticos utilizados pela autora na narrativa, a aproximam das características dos contos de fadas, que segundo Coelho (2000) são: a) o tempo indeterminado, b) a repetição de ações, c) a predominância de personagens tipos, e d) a convivência natural do real com o fantástico representado na obra pela presença de um coelho que apresenta características humanas: fala, pensa, deseja. Tal caracterização enquadraria o texto de Ana Maria Machado no rol dos contos de fadas modernos.

A indeterminação temporal do texto marcada pela presença da expressão "era uma vez", além de aproximá-la dos contos tradicionais pela estrutura textual, reforça a aproximação por meio da inferência que nos faz assemelhar a menina negra, personagem da obra, com as heroínas brancas e lindas idealizadas nessas narrativas com a diferença de que, no caso de *Menina bonita do laço de fita*, a princesa protagonista da história, a menina, não segue o padrão de beleza que neles encontramos.

O recorrente uso de figuras de linguagens de que lança mão a autora, como as comparações, a cor da menina é comparada com o pelo da pantera, o brilho de seus olhos com azeitonas, sua beleza com a beleza de princesas e fadas, mais que realçar o valor estético da obra e aguçar o imaginário do leitor, configura-se em mais uma estratégia para enfatizar e enaltecer as características físicas da menina.

Também identificamos que, embora tenha se passado mais de 30 anos de sua primeira publicação que se deu no ano de 1986, o texto se enquadra na tendência da literatura infantojuvenil que predomina no cenário literário brasileiro desde a década de 1970 e prevalece ainda hoje, porque apresenta personagens negros como protagonistas das tramas. A menina, personagem central da história, é negra e sua beleza é apresentada desde a primeira linha da narrativa, bem como suas características físicas que evidenciam o seu pertencimento ao povo negro, tais como os "cabelos" serem "enroladinhos", a cor da pele "escura e lustrosa" que são bem definidas. Embora, conforme afirmamos anteriormente, a narrativa inicie com o típico "Era uma vez..." dos contos de fadas tradicionais, há características que sinalizam uma ruptura com o padrão literário dos mesmos, tais como a presença de uma protagonista negra, que em nada se assemelha com os personagens tipos pertencentes a um padrão de beleza baseado num ideal eurocêntrico.

A narrativa colabora com a formação de uma visão positiva do negro e com a desconstrução da visão negativa que por um longo período o acompanhou nas produções literárias brasileiras.

Como os contos de fadas, a narrativa apresenta personagens tipos, segundo a classificação de Khede (1990) para esses personagens. Isso acentua a intenção principal do texto que é a valorização da identidade negra a partir da positivação de aspectos físicos da personagem protagonista, o que se configura como elemento de rompimento com os estereótipos negativos e o estigma desfavorável que acompanham os negros no decorrer da história. O corpo do negro ganha um tratamento que se opõe às imagens depreciativas com que foi caracterizado no passado tais como, sua associação à feiura, à sujeira, à maldade sem que para isso seja necessário fazer menção à sensualidade, estereótipo que também acompanhou a representação no negro na nossa literatura.

Dessa forma, o enredo que nos apresenta a história de uma menina negra que não demonstra nenhuma insatisfação ou incômodo com sua condição ou rejeição com a cor de sua pele, pelo contrário demonstra estar sempre alegre, feliz, sorridente e satisfeita com ações e características típicas de toda criança (que pode ser evidenciado observando-se as ilustrações presentes nas páginas 2, 4, 5, 7, 8, 10, 12 e 14), se revela como mais um elemento de valorização da imagem do negro na produção literária de Ana Maria Machado.

FIGURA 8: Apresentação da protagonista

FONTE: MACHADO, 2011. p. 2, 4, 7, 8.

Conforme podemos observar nas ilustrações anteriores (Fig 8), a menina está sempre brincando, dançando, pintando, lendo ou na companhia da mãe. Seus olhos, sempre vivos, dão a impressão de que é uma menina esperta e criativa e que está atenta a tudo que a cerca. O que se comprova também a partir das respostas que fornece às indagações do Coelho branco acerca da cor de sua pele.

A temática da negrura é tratada sutilmente pela autora e retratada nas ilustrações transmitindo uma mensagem de aceitação e reconhecimento. Enquanto em outras obras da nossa literatura infantojuvenil presenciamos a representação de um personagem negro que rejeitava sua cor ou que desejava embranquecer, demonstrando-se insatisfeito com sua condição, neste conto nos deparamos com uma inversão de posições, o elemento negro está satisfeito com seu estado e o branco é que deseja ser "preto". A negrura é, pois um objeto de desejo e não de rejeição.

Dessa maneira, percebemos a presença de um discurso que valoriza a autoestima da pessoa negra. O que supostamente intenciona despertar no receptor da mensagem uma consciência não preconceituosa e antirracista. Evidência da ruptura com o conceito padrão de beleza que, baseado/influenciado pela visão eurocêntrica do que é belo, considera apenas a pele branca, os olhos claros e os cabelos lisos e loiros como bonito e agradável. Encontramos, portanto, na obra a valorização de uma beleza não padrão, inata e natural da menina, sem negação ou esforço pra ser diferente.

Outro fator que nos chama a atenção e merece destaque é a presença da mãe caracterizada no texto como "uma mulata linda e risonha" (MBLF, 2011, p. 15) o que nos revela uma caracterização positiva da mulher negra sem apelo à sensualidade, conforme pode ser presenciado em outros momentos da literatura em que a beleza da mulher se resume à sua

sensualidade. A atribuição do termo "mulata" referido à mãe da menina pode ser compreendido ainda como alusão à mistura de raças na constituição do povo brasileiro.

Outro elemento significativo para nossa análise é o Coelho "branco" (personagem secundário da trama) admirar a beleza da menina "O Coelho achava a menina a pessoa mais linda que ele tinha visto em toda a vida" (MBLF, 2011 p. 7). E o que nos chama mais ainda a atenção é o seu desejo em gerar uma filha tão linda quanto a menina, objeto de sua admiração, isto é, negra como ela.

Nota-se ainda o tom afetivo que marca o discurso em toda a narrativa. A constante recorrência aos diminutivos demonstra essa afetividade. No entanto, vale ressaltar que esse tom de afetividade e recorrência aos diminutivos não implica apontar que há na obra características de pieguice.

A inversão de papéis de que faz uso Ana Maria Machado, apresentando um coelho "branco" querendo se tornar "negro" se configura como um fato inusitado. Numa sociedade racista, preconceituosa e discriminatória como a que vivemos, em que as pessoas são classificadas e selecionadas de acordo com ideais preestabelecidos, essa representação se mostra como um marco diferenciado no tratamento do negro na literatura infantojuvenil brasileira. A partir dela, a autora, propõe uma situação que nos fez refletir sobre a diversidade e os papéis sociais.

Em *Menina bonita do laço de fita*, percebemos assim, um movimento contrário ao do embranquecimento, pois constatamos a presença de um sujeito branco que almeja "empretecer" a todo custo e que por fim, aprende que não é possível mudar de cor, mas que ao se casar com uma pessoa pertencente a outra etnia, poderia gerar descendentes que apresentem as características daquele povo a quem tanto admira e, assim, se ver realizado neles.

Concordamos que por muito tempo a referência a princesas e fadas nos contos tradicionais fez e faz alusão à imagem de uma figura branca e loura, por outro lado, chamamos a atenção para o fato de em sua narrativa Ana Maria Machado destacar com sua comparação com a origem dessas princesas e, possivelmente também, o reino do luar em que se encontram as fadas: as terras da África. Fato que se configura numa reversão dos padrões tidos canônicos, pois se percebe claramente sua tentativa ou intenção de destacar a positivamente a imagem do negro.

Dessa forma, *Menina bonita do laço de fita* pode, assim, ser considerada uma obra que apresenta uma imagem positivada do negro.

3.2.1. A harmonia entre texto escrito e ilustrações

Outro elemento importante para a análise e comprovação das hipóteses que levantamos nesse estudo é a relação entre texto e imagem, no caso específico desta este conto, harmonicamente colabora com a compreensão do enredo. O jogo entre texto e imagens permite-nos compreender a mensagem defendida pela autora e seu discurso de desconstrução de estereótipos acerca do negro.

A ilustração, hoje, ganha destaque no livro de literatura infantojuvenil, tornando-se um elemento tão ou mais importante que o texto escrito. Isso porque atraem a atenção dos jovens leitores e, também, porque em conjunto com o texto constituem um sentido que completa a mensagem, por isso o diálogo existente entre o texto escrito e as ilustrações em *Menina bonita do laço de fita* merece destaque, uma vez que nele encontramos informações e relevantes para nossa investigação.

De um modo geral, a ilustração é um recurso gráfico muito importante que favorece a compreensão do texto literário pela criança, pois instiga a curiosidade. Além de exemplificar o sentido e conteúdo do texto, elas ampliam, adicionam e substituem informações que vão além do que está escrito. A imagem exerce assim, *importante papel na produção literária infantojuvenil, pois complementa e enriquece esta história, a ponto de cada parte de uma imagem poder gerar diversas histórias* (LINS, 2003, p. 31). No caso da obra em estudo, as ilustrações corroboram com a mensagem expressa no discurso completando-lhe o sentido e reforçando-a. Assim, a *imagem complementa e enriquece esta história, a ponto de cada parte de uma imagem poder gerar diversas histórias* (LINS, 2003, p. 31).

Desse modo, a inferência feita a partir de uma ilustração não exclui o texto escrito, tampouco o substitui, mas evidencia detalhes muitas vezes que a escrita não conseguiu expressar. Logo, as ilustrações numa obra exercem uma função que vai além do chamar a atenção dos leitores, elas completam o sentido do texto, atribuindo-lhes significado, fazem parte do discurso apresentado.

Observamos nas ilustrações de Claudius em *Menina bonita do laço de fita*, uma perfeita harmonia entre o texto escrito e as imagens. O enredo é rico e as ilustrações se

configuram num exemplo perfeito acerca do papel que a imagem desempenha na narrativa para crianças. A ilustração nos livros destinados a esse público reflete a ideia do ilustrador, a sua concepção da arte, além de seu domínio do código visual e, acima de tudo, de sua perspectiva frente à receptividade do leitor. Na obra em destaque, por tratar-se de uma narrativa curta, as ilustrações falam muito, pois:

> Quando o texto dos livros para crianças é formado apenas por algumas frases, a ilustração adquire um papel relevante na estruturação da narrativa. Deve portanto ser cuidadosamente analisada em suas seqüências e cenas, na representação das personagens e suas expressões (pessoais, de ação, etc.).
> Nos detalhes do espaço e do tempo a fim de que as crianças acompanhem e dominem plenamente a história e as formas que estão narradas. (FARIA, 2008, p. 82)

A ilustração exerce um papel muito importante nas narrativas infantojuvenis. Temos observado nos últimos tempos uma valorização cada vez maior desse que já se tornou um elemento desse gênero literário. Inclusive quando consideramos a imensa produção de livros de imagens que temos ultimamente, inclusive os livros para colorir que estão sendo tratados como instrumento de terapia. As imagens falam muito, às vezes mais que as palavras. Segundo Debus (2010, p. 194):

> a ilustração tem papel intrínseco nas publicações e é lida também como narrativa, fato que ganha proporções maiores quando se trazem para a cena os livros de imagens. A relação entre o signo icônico e o verbal, nesse tipo de produção, é tão estreita que tem acompanhado os critérios de escolhas dos livros, como destacado em trabalhos recentes sobre a avaliação dos títulos [...].

De acordo com as palavras da autora, as ilustrações são mais que elementos que acompanham a narrativa com intuito de "ilustrar" e deixá-la mais atrativa ou reproduzir a mensagem que está escrita, ela é parte da narrativa; é linguagem que lhe completa o sentido e fornecendo fruição estética e experimentação.

Já na capa (Fig. 9) podemos perceber a intencionalidade do discurso e a sua relação com a forma verbal, uma vez que apresenta características físicas da personagem, com descrição destas e sua relação com o título da obra, além da inferência que nos permite perceber a admiração do coelho pela menina. A presença dos corações nos remete à ideia de que ele a ama.

FIGURA 9: Capa do livro Menina bonita do laço de fita

FONTE: MACHADO, 2011.

Toda representação icônica é, antes de tudo, a representação de uma ausência daquilo que está sendo representado. Por isso a necessidade da presença física do observador junto á imagem. Dessa forma, exaltar a beleza da menina no texto sem apresentar uma imagem dessa beleza não seria suficiente.

A forma descritiva como as ilustrações aparecem, isto é, composta de elementos que concretos que nos permitem uma previsibilidade analógica, permitem ao leitor inferir e antecipar o enredo da obra. No conto em análise, o ilustrador prioriza a descrição das características físicas das personagens, sobretudo a menina. Os coraçõezinhos presentes na ilustração revelam o amor e a admiração de um Coelho branco por uma menina negra. Isso é facilmente percebido pela mensagem do código visual. A imagem do coração possui imensa carga expressiva, logo, a criança desde muito cedo, o associa ao amor. A ilustração de capa evidencia que o Coelho está visivelmente apaixonado pela menina, com destaque para seus olhinhos entreabertos que sinalizam para a admiração que ele sente pela menina. Percebe-se ainda, na expressão da menina, que ela se sente feliz e satisfeita com esse sentimento do coelho.

Assim, percebemos que os objetivos das ilustrações no texto não se limitam apenas a ser um ornamento visual do mesmo ou um atrativo para o leitor dele se apropriar. As

ilustrações lhe conferem sentido e são detentoras de conceitos próprios que conferem ao leitor a propriedade de encontrar novas e múltiplas leituras e interpretações dada a relação semântica que estabelece com o texto.

Traços característicos do povo negro (Fig. 10) são realçados nas ilustrações como forma de valorizá-los e de conscientizar o leitor/receptor da mensagem de que a menina bonita é portadora deles, tais como a boca que em uma pessoa negra é geralmente grande e carnuda. Nas ilustrações percebemos que a boca da menina, da mãe, da coelha negra e da coelhinha aparece em vermelho como forma de destacar e chamar a atenção para esta característica.

FIGURA 10: Valorização do fenótipo negro em *Menina bonita do laço de fita*

FONTE: MACHADO, 2011. p. 14-15

Em todas as ilustrações, conforme já foi afirmado anteriormente, percebemos a representação de uma criança normal, extremamente feliz, sorridente o que demonstra uma imagem positivada do negro no referido conto (Fig. 11). A cor da pele da menina é enaltecida e considerada bela, mais que uma valorização é uma afirmação de que a beleza não está restrita a uma determinada característica e que todas as pessoas devem ser respeitadas independente das diferenças físicas que apresentem.

FIGURA 11: Ênfase na representação da criança feliz em *Menina bonita do laço de fita*

FONTE: MACHADO, 2011. p.10

A beleza, a criatividade e alegria da menina são expressas em cada imagem presente na narrativa. As características fenotípicas, muitas vezes motivos de atribuição de estereótipos são bem exploradas e ganham destaque nas ilustrações, demonstrando que são características típicas do povo negro a cor da pele mais escura, a boca carnuda, os cabelos enroladinhos e que nem por isso os indivíduos que possuem essas características deixam de ser belos.

Os cabelos que são uma preocupação constante das mulheres brasileiras, sobretudo as de descendência negra que, muitas vezes por não aceitarem os traços de sua descendência, desprezando suas características naturais, se submetem a verdadeiras experiências químicas com intuito de modificar o visual de sua aparência e atingirem à exigência do padrão de beleza considerado ideal: cabelos lisos e loiros. Em *Menina Bonita do laço de fita*, os cabelos crespos ganham ênfase e são trançados e elevados a elemento que constitui a beleza da menina.

Vale ressaltar ainda que essa marca da identidade negra atualmente está sendo adotada por mulheres brancas num movimento contrário, exemplo de uma tendência da contemporaneidade que se refere à mescla de elementos culturais. O que nos leva a considerar que, este não é mais um elemento de exclusão do povo negro, mas de integração e valorização deste sujeito na sociedade.

Em todas as ilustrações da menina, da coelha, da mãe da menina e até no retrato da avó que percebemos na parede essas características são bem ressaltadas. A valorização da beleza negra é uma questão constante na obra, a todo instante a beleza da menina é evoca na admiração do coelho.

Vale salientar que ao analisar uma ilustração de obra infantil não podemos levar em consideração apenas a sua qualidade, ou a presença de elementos fantasiosos ou realistas, mas a presença de estereótipos presentes naquela imagem, ou seja, se a obra deixa margens para generalizações ou preconceitos (ABRAMOVICH, 1983). Na obra em análise, percebemos que as ilustrações contribuem para a desconstrução de estereótipos negativos construídos historicamente em torno da figura do negro nela representado a partir do realce dos traços de suas características físicas.

Chama atenção ainda à ilustração em que aparece a "ninhada' de filhotes que nasce após a suposta união do Coelho branco com uma Coelha negra que ele encontra logo após o diálogo com a mãe da menina em que aprende que para poder gerar um "descendente" negro/negra como a menina, precisaria encontrar uma coelha negra para acasalar e, assim, gerar descendentes negros:

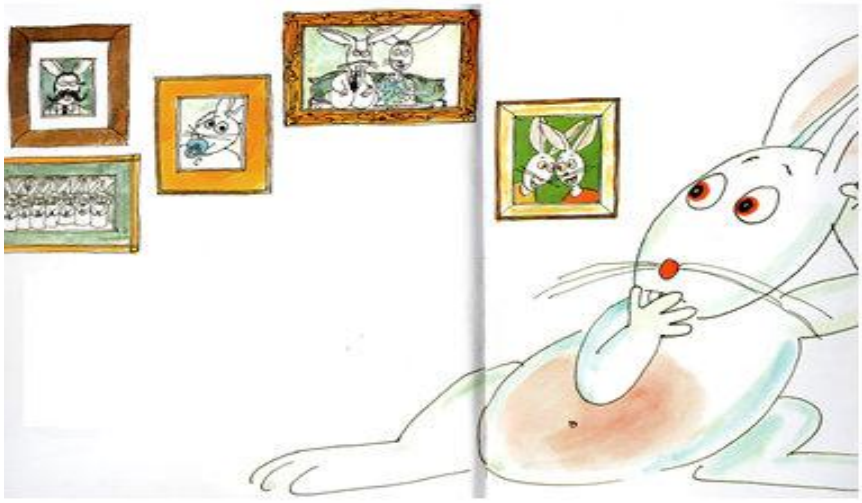
> Por isso daí a alguns dias ele voltou lá na casa da menina e perguntou outra vez:
> Menina bonita do laço de fita, qual teu segredo pra ser tão pretinha?
> A menina não sabia e já ia inventando outra coisa, uma história de feijoada, quando a mãe dela, que era uma mulata linda e risonha, resolveu se meter e disse:
> - Artes de uma avó preta que ela tinha... (MBLF, 2011, p. 15).

Percebemos nesse diálogo que a explicação dada pela mãe da menina tem a ver com a mistura, a ancestralidade, isto é, a descendência da menina. A avó dela era negra e por isso, a mãe e ela também. A narrativa e a reflexão sobre ancestralidade continua:

> Aí o coelho - que era bobinho, mas nem tanto – viu que a mãe da menina devia estar mesmo dizendo a verdade, porque a gente se parece sempre é com os pais, os tios, os avós e até com os parentes tortos.
> E se ele queria ter uma filha pretinha e linda que nem a menina, tinha era que procurar uma coelha preta para se casar.
> Não precisou procurar muito. Logo encontrou uma coelhinha escura como a noite, que achava aquele coelho branco uma graça. (MBLF, 2011, p. 16-18).

Nas ilustrações que seguem podemos observar a reflexão do coelho a respeito da descendência dele (Fig. 12), nas paredes há quadros que representam sua genealogia e nenhum de seus antepassados é negro, logo, se tornaria impossível que ele trouxesse traços dessa etnia, bem como seus futuros descendentes.

FIGURA 12: Representação dos ancestrais do coelho



FONTE: MACHADO, 2011. p. 16-17.

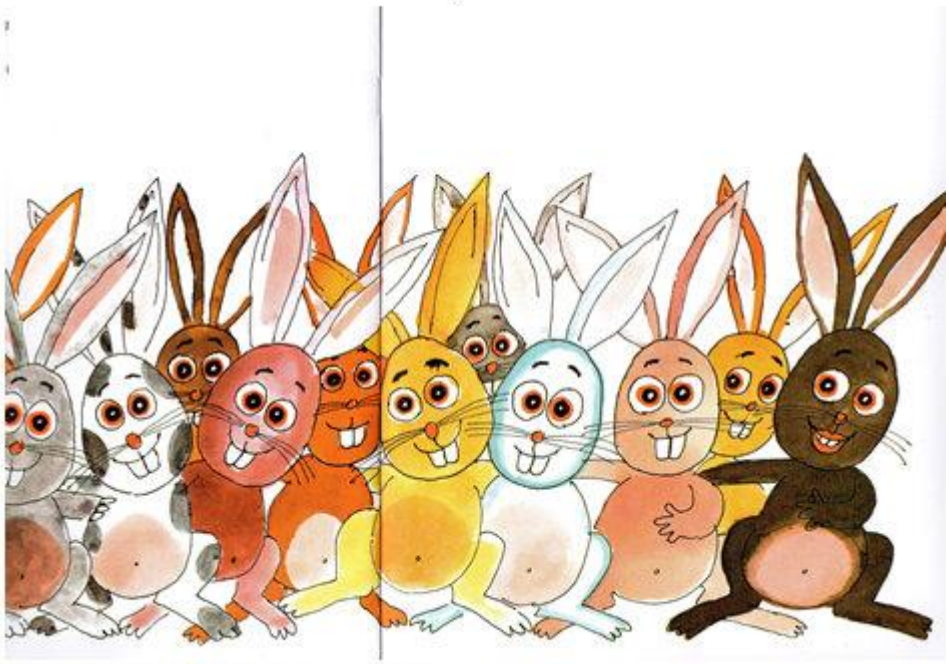
As ilustrações podem direcionar o leitor a refletir sobre a formação do povo brasileiro e a mistura de raças que o constitui, bem como a crianças negras a compreenderem o porquê de suas características físicas. Bem como desmistificar a ideia de que não seja possível o relacionamento entre pessoas de raças (etnias) diferentes.

A ilustração que mostra a ninhada de filhotes do coelho é bem significativa para a compreensão da mensagem e simbólica, pois demonstra de forma bem clara a diversidade corroborada com o discurso do narrador:

> Foram namorando, casando e tiveram uma ninhada de filhotes, que coelho quando desanda a ter filhote não para mais.
> Tinha coelho pra todo gosto: branco bem branco, branco meio cinza, branco malhado de preto, preto malhado de branco e até uma coelhinha bem pretinha. Já se sabe, afilhada da tal menina bonita que morava na casa ao lado. (MBLF, 2011, p. 20-21).

Tanto a narração quanto a ilustração são bem claras no que se refere a mensagem que querem transmitir: a beleza da diversidade étnico-cultural brasileira e a consciência de que somos um, formado por muitos diferentes. O que contribui para que o leitor se aproprie de valores como o respeito a si próprio e a aceitação de suas características e ao outro, bem como a elevação da autoestima da criança negra.

FIGURA 13: Miscigenação reprodutiva do coelho em *Menina bonita do laço de fita*



FONTE: MACHADO, 2011. p. 20-21

A ilustração supõe (Fig. 13), que as diferentes estéticas, herdadas da união entre pessoas de etnias distintas é possível, e que a beleza não depende do pertencimento ou não a um determinado grupo étnico. Também podemos fazer analogia dela com o processo de mestiçagem no Brasil. Embora seja necessário reconhecer que esse processo não tenha se dado de maneira amistosa em nossa sociedade, mas por meio de um longo período de colonização violenta.

Debus (2010, p. 195) afirma que "o texto literário partilha com os leitores, independente da idade, valores de natureza social, cultural, histórica e/ou ideológica por ser ele uma realização da cultura e estar integrado num processo comunicativo", mas para que isso ocorra tais valores não precisam ser apresentados de forma explicita por meio de discursos expositivos ou declarações com teor moralizante, mas no jogo de atribuições de sentidos que se dá na interação leitor/texto, na brincadeira com a linguagem e no respeito ao universo da criança conforme observamos nesta produção literária de Ana Maria Machado.

No conto *Menina bonita do laço de fita*, o tema central é o conflito de identidade de um coelho branco que deseja ser preto como sua vizinha, uma menina negra bonita que usa laços de fita no cabelo que realçam ainda mais a sua beleza. O livro apresenta, assim, aspectos positivos no que a desconstrução de uma imagem estereotipada do negro, pois nele

encontramos a valorização de aspectos fenótipos do povo negro, o narrador descreve a menina a partir de caracterizações que estimulam a autoestima de crianças negras; há a evocação de elementos da cultura africana, tais como as tranças do cabelo e o reconhecimento da ancestralidade; o fato de não apresentar uma imagem do negro como rejeitado. Fatos que sinalizam para uma visão de igualdade étnico-racial.

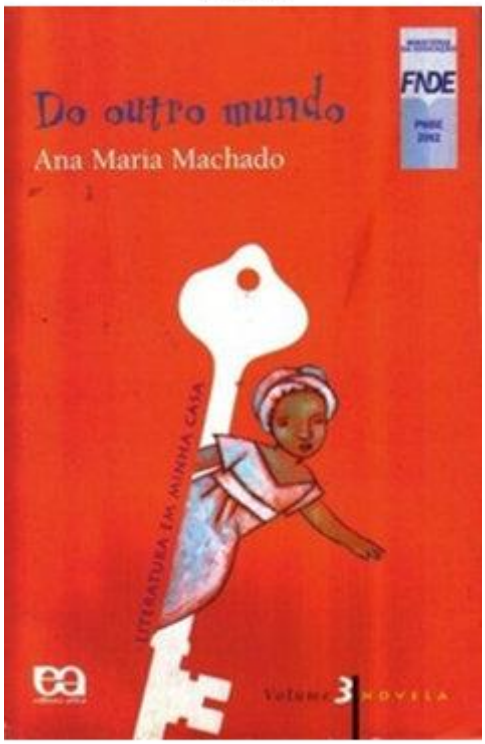
Assim, evidencia-se que em *Menina bonita do laço de fita* linguagem verbal e não-verbal atuam juntas na discussão de uma questão social tão marcante na nossa sociedade: as diferenças raciais que existem, mas que não impedem que haja a consciência de que todos somos iguais, uma vez que em um enredo simples, porém marcante, a autora traz à tona o tema da inclusão do negro e da diversidade que constitui o nosso povo de forma interativa e valorizando a imagem do negro. A mensagem do coelho que é branco e vê numa menina negra uma beleza impar e inigualável e por esse impulso tenta apagar a sua identidade e assumir a dela, simboliza a desconstrução do estereotipo negativo que foi construído historicamente em torno da figura do sujeito negro.

3.3. “Do outro mundo”

> O senhor mire, veja: o mais importante e bonito do mundo é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas - mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam, verdade maior. É o que a vida me ensinou. Isso que me alegra montão.
>
> (Guimarães Rosa, 1956 em Grande Sertão Veredas)

A temática da liberdade é recorrente em obras de Ana Maria Machado, seja esta tomada em seu sentido lato de libertação do cativeiro, dos grilhões da escravidão, das paredes de uma prisão ou mesmo a de expressão e opinião política. Em seus textos, a autora prima por evidenciar esse valor que confere a esse sentimento que, talvez, tenha sido alimentado pela opressão que a autora sofreu no período de repressão política por que passou em nosso país ou mesmo pelas influencias das muitas leituras a que teve acesso. Por isso, em 2002, nos presenteou com uma história que nos fala ao mesmo tempo desse seu sentimento e da necessidade e missão que temos de preservá-lo: trata-se da novela infanto-juvenil *Do outro mundo* (2002), que nasceu com intuito primordial de ser uma história de terror que comporia uma antologia do gênero com autores de todo o mundo.

FIGURA 14: Capa do livro *Do outro mundo*



FONTE: MACHADO, 2002

Recolhida em seu processo criador, Ana Maria procurava em seu íntimo a "coisa mais aterrorizante" que pudesse lhe ocorrer para escrever sua história. Em meio a tantos elementos que lhe vinham à tona, "fantasmas", "mortos-vivos", "vampiros" nenhum lhe causava tanto medo que pudesse inspirar-lhe a tessitura de um conto horripilante. Na busca por seus medos, a autora se depara com um sentimento cuja privação lhe assusta: a escravidão, a privação da liberdade.

> De repente, me ocorreu que a coisa mais terrível que já me passou pela cabeça foi a escravidão. Como é que alguém pode viver sem liberdade, tratado como uma mercadoria, impedido de descansar e de ir para onde quiser, separado da família, e, além de tudo sendo castigado e proibido de sonhar com um futuro melhor? É uma coisa que me revolta e me dá muita raiva, mas que também me parece a coisa mais assustadora que a humanidade já inventou. (DOM, 2002, p. 101).

Assim nasce a história protagonizada por Mariano e seus amigos. Uma narrativa de suspense que nos revela muitas emoções e um sentimento de sede por justiça para uma questão mal resolvida em nossa história: a escravidão negra, fato histórico já superado, uma vez que o negro não é mais escravizado, mas que deixou marcas profundas ainda hoje presentes na nossa sociedade.

A narrativa conta a história de Mariano, narrador-personagem e protagonista da trama e mais três amigos, os irmãos Elisa e Léo, e uma menina da cidade chamada Terê. Juntos os quatro vivem uma aventura carregada de mistérios e revelações que mistura ficção e realidade.

O enredo se passa em um sítio, parte de uma antiga fazenda cafeeira. O sitio foi herdado pela família de Elisa e Léo. Vera, a mãe dos meninos, motivada pelo amor da mãe pelas terras, decide transformá-lo numa pousada. Para tanto, propõe a mãe de Mariano uma sociedade, uma vez que esta tinha experiência em gerenciar.

Ana Maria Machado surpreende o leitor desde as primeiras páginas quando o narrador anuncia que um grande mistério será narrado e ao sugerir que esse mistério é permeado por uma história do "outro mundo".

Mariano, o narrador da história, que em certo momento na narrativa cede seu lugar e a história passa a ser contada por Rosário, o espectro de uma menina escrava que viveu em terras da pousada no período de escravidão no Brasil. A história da escravidão é narrada por Rosário e questionada pelas crianças, pois em alguns aspectos diverge da história que eles aprenderam na escola nas aulas de História e é tida como "verdadeira".

No início da narrativa temos revelado o drama de Mariano com a possibilidade de se separar dos amigos com uma possível mudança desses para a cidade. Fato que não se concretiza quando a ideia da pousada desponta. Feitos os planos e iniciadas as reformas e construções, a pousada começa a ganhar forma e chega o dia da inauguração. Como alguns detalhes ainda precisavam ser concretizados tais como, a chegada de móveis e outros utensílios, os pais dos meninos decidem passar a noite no anexo da pousada, um antigo barracão que no passado havia sido a senzala da fazenda.

Mariano e os pais, Vera, Dona Carlota, avó de Elisa e Léo, Terê e mais alguns amigos que foram convidados iriam passar a noite no anexo. Todos estavam dormindo, quando Mariano é despertado por alguns ruídos estranhos que definiu como sendo o choro e lamento de uma menina:

> Não sei quanto tempo tinha passado quando acordei. A maior escuridão. Não dava para ver nada.
> Mas dava pra ouvir. Muito nítido. Um ruído abafado, mas que não deixava a menor duvida. Gemidos e soluços. Alguém estava chorando. Uns gemidos doídos, de cortar o coração. Apesar de abafado, dava para ouvir o choro perfeitamente. Não dava para distinguir de onde vinha. Mas só podia vir do quarto das meninas – não era tão perto assim do meu colchão. E nenhum menino ia chorar daquele jeito no meio da noite, disso tinha certeza. (DOM, 2002, p. 19).

A principio, Mariano pensou que fosse umas das meninas que estavam no outro quarto, por isso levantou-se do colchão em que dormia e percorreu o corredor no intuito de encontrar a autora daquele misterioso choro e não conseguiu identificar quem estava chorando. No outro dia descobre que a amiga Elisa também ouviu os ruídos e também não conseguira identificar seu autor.

Algum tempo depois, estando o grupo de amigos reunidos na montagem de um quebra-cabeças, os misteriosos ruídos tornam a ocorrer. Só que desta vez todos estavam acordados e ouvem o estranho fenômeno. Sem querer acreditar tratar-se de uma manifestação fantasmagórica ficam buscando explicações para os mesmos, afirmando serem causados ora pelo vento, ora pelo velho encanamento ou por um móvel arrastado. E é nesse ambiente de mistério e medo que recebem a visita do espectro de uma menina negra, provavelmente uma afrodescendente que há muitos anos foi escravizada nas terras em que se localizava a pousada em que estavam:

> Parada junto à porta, com uma roupa comprida branca e um lenço ou turbante na cabeça, pretinha e descalça como se tivesse saído de uma das gravuras de Debret, estava uma menina mais ou menos da nossa idade. Bem nítida, mas meio transparente. (DOM, 2002, 31).

A descrição se refere ao espectro de Rosário, uma menina negra que fora cativa naquelas terras e vivera ali naquele anexo quando este era a senzala da fazenda. O cenário em que se passa a trama no presente é o mesmo ambiente em que o passado é evocado e recriado, em um misto de ficção e realidade ou história e ficção na tessitura do texto literário que fornece ao texto um aspecto de metaficção ou ficção historiográfica, fenômeno literário em que segundo discute Linda Hutcheon (1991), o autor ou autora apropria-se de personagens e/ou acontecimentos históricos para problematizar os fatos que, em sua narrativa são concebidos como reais ou verdadeiros.

Em *Do outro mundo*, a narrativa literária ficcional, é sustentada pela intertextualidade com os fatos históricos. Ana Maria Machado faz a evocação de fatos históricos reais que constituem a História do Brasil, tal como a escravização dos negros, para sustentar seu discurso de liberdade como direito de todos. Dessa forma, a autora, proporciona uma leitura alternativa do fato histórico por meio de uma crítica à história oficial.

O discurso metaficcional desenvolvido por Ana Maria Machado na referida obra possui relações diretas com o discurso dos movimentos sociais em defesa do negro na sociedade brasileira, pois além de oferecer uma nova leitura das “verdades” históricas do

período de escravidão do negro, resgata a função social do negro como sujeito de uma realidade escondida e negada pela História. Na figura de Rosário a autora evoca o tratamento que era destinado aos negros no período da escravidão: seu sofrimento, negação de direitos e subalternidade e a negação de uma oportunidade. Em contrapartida, na representação de Léo e Elisa, descentes de Amaro, irmão de Rosário, a autora revela outra leitura: a da possibilidade de inclusão do negro na sociedade sem que para isso ele negue suas raízes. Sob esta ótica, o negro necessita apenas de oportunidade e tratamento igualitário, sem distinção fato que, no decorrer da História lhe foi negado.

Todavia, é o fluxo de consciência das personagens que permeia a narrativa que a enriquece e foi neste sentido que a autora explorou a personagem Mariano , figurando nele a atribuição de escritor. A partir desse oficio, Mariano poderia, então, expressar tudo aquilo que aprendeu ao ouvir as narrativas de Rosário acerca das crueldades cometidas com os negros e direcionar a reflexão do leitor para a forma como o negro foi "depositado" na sociedade brasileira após a abolição em 1888.

No início da narrativa, as crianças não compreendem a aparição de Rosário, mas logo após acabam tratando-a com naturalidade fato que se confirma no diálogo que se segue após o susto inicial:

> - Quem é você?
> - Como é que você entrou aqui?
> - Ai, meu Deus do céu!
> - Que é que você veio fazer no meu quarto?
> [...]
> A voz veio num sussurro tão fraquinho que a gente até duvidava de estar ouvindo mesmo:
> - Rosário.
> - Rosália? – repetiu Léo.
> - Não. Maria do Rosário... (DOM, 2002, p. 32-33).

A tessitura de *Do outro mundo* conta com linguagem e outros elementos realistas tais como, as informações acerca do período de escravidão e a condição do negro nesse período. No entanto esse tom realista é quebrado pela inserção do elemento sobrenatural revelando traços do estilo inovador da autora que imbrica simultaneamente em sua produção ficção, história e um discurso de opinião política em que critica fatos reais que ocorrem no contexto social.

Com o resgate histórico de um fato tão distante da nossa realidade vem à tona, na narrativa, fatos não revelados pela história. O período de escravidão é metaforicamente

representado pelo ser “do outro mundo”, isto é, pelo fantasma de Rosário em um jogo de significações que une ficção e realidade num mesmo cenário. A associação desse fato histórico real com o sobrenatural, imaginário, irreal, pode representar o fantasma da desigualdade entre as raças que ainda assola nossa sociedade.

Mesmo ficando claro na narrativa que Rosário é um fantasma, a menina negra é caracterizada como uma criança normal e real, tímida, quieta, temerosa: “Rosário era uma menina como nós, respondia a nossas perguntas e nem mesmo estava mais dando para a gente ver as coisas do outro lado dela” (DOM, 2002, p. 34). A transparência inicial da menina é símbolo da invisibilidade porque o negro passou durante séculos. ganha voz e espaço, quando os meninos dão-lhe a oportunidade de falar, de expressar seus sentimentos e contar sua história, ela vai deixando de ser transparente, invisível e ganha importância. Dessa forma, na metaficção em *Do outro mundo*, o marginal assume essa importância por meio da oportunidade de voz que lhe fornecem. Esse entendimento também é fornecido pela liberdade que a metaficção concede ao leitor na produção de sentidos.

Ana Maria Machado cria todo um clima de suspense em torno do acontecimento levando o leitor a acreditar que se trata de uma história de terror ou que trate de acontecimentos sobrenaturais. Entretanto, com o desenrolar da história percebemos que o horror de que trata o texto é o horror da escravidão e todos os sofrimentos e acontecimentos trágicos dela decorrentes, representados na narrativa pela tragédia ocorrida com Rosário, sua família e os outros negros.

O elemento fantástico é inserido, naturalmente, na narrativa ao lado de relatos históricos. O espectro de Rosário é invocado pela ação de acender uma vela num castiçal antigo que Elisa encontrou entre os objetos que ficavam guardados no antigo barracão que é caracterizado como “um castiçal antigo, de louça azul e branca, partido em três pedaços tão perfeitos que deu para colar e usar como se fosse novo” (DOM, 2002, p. 16).

Outro elemento fantástico é observado na determinação do tempo da aparição. Por um motivo não explicado na narrativa, Rosário só pode permanecer até o cantar do galo carijó:

> [...] ouviu-se um *cocoricó* vindo dos lados do galinheiro e aquela garota que estava começando a ficar a vontade, conversando com a gente ali no quarto, parou no meio da frase, foi ficando de novo parecida com a tal menina transparente do começo do encontro, e exclamou:
> - O galo carijó!
> E foi desaparecendo. Bem na nossa frente. Como se fosse feita de nuvem ou de fumaça que o vento espalha. (DOM, 2002, p. 36).

Fantástico e realidade se misturam e são trabalhados naturalmente na trama como que complementos um do outro. Há um jogo com as significações dos elementos e dos fatos que envolvem o leitor na tessitura da trama enriquecendo o clima de suspense e misticismo que é provocado pelos acontecimentos, uma característica presente em outras obras da autora como constatamos em *De olho nas penas*, *Menina bonita do laço de fita* entre outras.

Leva um tempo até que as crianças descubram o poder de invocação do castiçal. Nesse intervalo, movidos pela curiosidade de reencontrar Rosário tentam de tudo: chamam pelo nome dela em alta voz, pesquisam na internet rituais de invocação de espíritos e nessas pesquisas Mariano descobre que "[...] se Rosário é um fantasma e apareceu por aqui, diante de nós, é porque existe alguma coisa importante para ela neste lugar ou em nós. Alguma coisa incompleta que não deixa que ela descanse em paz. E vai ficar insistindo, querendo voltar, até que isso se esclareça" (DOM, 2002, p. 44). A curiosidade agora não é apenas de reencontrar a menina fantasma, mas saber o que ela desejava, por que apareceu a eles e se havia algo em que pudessem fazer para ajudá-la a descansar em paz.

E nessa curiosidade decidem continuar tentando invocar o fantasma da menina e, por fim, decidem repetir as ações que estavam realizando na noite da primeira aparição e, assim, chegam a conclusão de que apagando as luzes e acendendo uma vela no castiçal estariam, não apenas reproduzindo o ambiente em que estavam no dia da primeira manifestação, mas "também fazendo uma ponte com o ambiente do tempo em que a Rosário viveu" (DOM, 2002, p. 50).

FIGURA 15: Rosário, personagem negra em *Do outro mundo*

FONTE: MACHADO, 2002. p.35

Rosário (Fig. 15) viveu nas terras na época em que o Sinhô Peçanha era proprietário delas e "a rigor não tinha sido escrava mesmo, porque nasceu depois da Lei do Ventre Livre" (DOM, 2002, p. 53), no entanto, como uma criança recém-nascida não poderia viver livremente sem os cuidados e auxílio da mãe, ela permaneceu na fazenda em que a mãe continuava cativa. O que nos leva a compreender que mesmo sendo livre por Lei, continuava cativa pelas circunstâncias.

Mais uma vez encontramos evidências da relação entre o texto fictício e a história evocada num diálogo intertextual que enquadra a narrativa no universo da metaficção nas informações de fatos históricos contidas na narrativa.

O narrador segue fornecendo informações que remetem à condição do negro escravo no período do Brasil imperial em momentos que antecederam a abolição da escravatura e que justificam a permanência de Rosário na fazenda mesmo ela sendo livre por força de lei:

> A mãe dela era escrava, e o dono da fazenda dizia que não ia sustentar filho de cativo, de graça. Então os bebês nasciam, e como a lei dizia que eles tinham que ser livres, o senhor ameaçava abandonar no mato para as feras ou afogar no rio, para não ter de gastar com o sustento. As mães imploravam para que ele deixasse ficar, e ele concordava... em troca da promessa do futuro trabalho da criança. Ficava tudo como antes, só que os moleques escravinhos ainda "deviam favor" ao patrão. E como não podiam ser eventualmente vendidos um dia e dar lucro, eram ainda mais maltratados do que os escravos de antes, porque não era necessário garantir o que se poderia chamar de "manutenção de patrimônio" [...] (DOM, 2002, p. 53).

O mesmo se aplicava aos escravos maiores de sessenta anos, pela idade avançada e a falta de condições permaneciam nas fazendas em troca de alimento e um lugar para viver. A ficção adentra a realidade e nos revela fatos que não foram elucidados pela história. A condição do negro mesmo após a abolição não foi a de liberdade, mas de cativo de um sistema de exclusão e desigualdade.

O narrador Mariano nos relata os dramas vividos pelos negros na época da escravidão. Nesta novela, passado e presente dialogam constantemente, embora não seja uma narrativa histórica, a História é recontada sem grandes perdas para a que é considerada verdadeira, tanto no que se refere aos fatos quanto no que se refere à estrutura da narrativa. A história da escravidão negra no Brasil é narrada sem o intuito de despertar o piedosismo do leitor, mas de gerar nele a consciência de que a escravidão foi a coisa mais terrível e assustadora que a humanidade criou. E nos dá pistas dessa opinião da autora quando lemos "eu ia ouvindo aquelas coisas e morrendo de vergonha de ser branco e brasileiro" (DOM, 2002, p. 59).

Rosário caracteriza o senhor da fazenda como sendo um ser inescrupuloso e malvado, um homem que passou boa parte da vida explorando e abusando dos negros escravos. Quando da época da abolição, inconformado com a perda de mão de obra que esta lhes custaria, mandou reunir todos os negros de sua posse na senzala a pretexto de falar sobre sua alforria. Após reunir a todos, mandou trancar a porta e, em seguida, atearem fogo no local, o que causou a morte de todos os escravos ali confinados. Em um ato de crueldade e tirania, o Sinhô Peçanha mandou queimar "todo mundo vivo. Para que, pelo menos, a liberdade não fosse uma festa e ele não tivesse que encarar os olhares dos pretos livres" (DOM, 2002, p. 71).

O fantasma da menina retorna com intuito de saber do paradeiro de seu irmão, também escravo e que se chamava Amaro. Seu espírito só descansará em paz após saber o que aconteceu com o irmão, se sobreviveu de alguma forma fugindo ao incêndio, pois este se encontrava no matagal próximo à senzala com amigos que ajudariam um negro em uma fuga momentos antes do acontecido. O que teria acontecido a Amaro? Sobreviveu ou morreu como ela e os outros negros? Essa era a inquietação que não permitia o descanso de Rosário:

> - Eu morri pesando no Amaro, querendo avisar a ele pra não voltar. Se fizeram isso com a gente, imagino o que não devem ter feito com ele quando agarraram meu irmão. Um menino ajudando escravo fujão... E sozinho, sem ninguém para proteger nem ajudar.
> [...]

> – Foi por isso que eu tive que vir, para que vocês me ajudassem. (DOM, 2002, p. 73).

A menina queria saber o destino do irmão e para isso pede a ajuda de Léo, Elisa, Terê e Mariano a quem incumbiu a missão de escrever um livro que narrasse sua história afim de que eventos como aquele nunca tornassem a acontecer. A missão de Mariano pode ser compreendida como a missão de todos os leitores da obra. A mensagem que ela transmite é a mensagem do pedido de Rosário, que todos conheçam a história para que ela nunca mais se repita. Mesmo considerando que a escravidão é um fato superado e que dificilmente voltará a acontecer, podemos considerar que este apelo se estende ao fim da discriminação para com os negros e seus descendentes.

As crianças se dividem em duas frentes: Terê, Léo e Elisa iniciam uma investigação no intuito de desvendar o mistério em torno do desaparecimento de Amaro e Mariano se dedica à escrita do livro com a história de Rosário. A missão da menina termina e a de Mariano inicia. o narrador revela a longa trajetória que terá pela frente na produção do livro. Num exercício de metalinguagem vai desvelando os caminhos percorridos por um escritor no processo de criação: a pesquisa, a coleta de informações, a associação entre todos os fatos. E um discurso de respeito à diversidade racial que constitui o povo brasileiro se forma.

Pouco a pouco os pequenos investigadores vão encontrando pistas que levam ao paradeiro do menino escravo. As pistas encontradas vão se juntando com informações obtidas com Dona Carlota, avó dos meninos e ganham sentido como peças de um quebra-cabeça e, assim, o mistério é revelado: Amaro é um ancestral dos irmãos Léo e Elisa. Agora que sabem o que aconteceu com Amaro, o espirito de Rosário poderá descansar em paz e Mariano, com auxilio dos amigos, põe um fim na história.

A temática da diversidade e da afro-descendência também está presente no fato de Léo e Elisa serem descendentes de Amaro, um menino negro, também escravo e irmão de Rosário que viveu ali nas terras e escapou ao cruel destino dos outros escravos que ali viveram.

É importante frisar que Mariano, o menino narrador da trama, é um menino branco, pertencente a uma classe social privilegiada, pois sua mãe é uma das proprietárias da pousada. Esse fato pode significar que ao dar “privilégio” de narração a um sujeito branco a autora silencia a voz do negro, porém acreditamos que ao fazer isso, Ana Maria Machado, pretendeu dizer que os negros que tanto sofreram com a exploração e discriminação por séculos, merecem ter sua história contada por um branco, não num tom de piedosismo, mas de reconhecimento de seu valor. Em outras palavras, cabe ao branco fornecer visibilidade ao

negro, chamando a atenção das pessoas para a temática da crueldade de que foram vítimas os negros no período de escravidão. A autora, delega ao branco, sujeito que por séculos oprimiu o negro, a missão de conscientizar a sociedade acerca da necessidade de respeito e valorização do povo negro pois os negros há muito são conscientes disso.

Ana Maria Machado em *Do outro mundo* passa a bandeira de defesa do negro para as mãos daqueles que sempre ocuparam a posição de opressor. Nessa inversão de papéis, incita uma reflexão a respeito da temática do respeito às diferenças e suscita um apelo de esperança da chegada a de um tempo em que as relações étnicos-raciais no Brasil possam ser "diferentes".

O cuidado e o jogo com a linguagem também são marcantes na obra. A brincadeira com os nomes dos personagens carregados de significados são marcas da autora que deixam pistas de sua intencionalidade no texto. Ana Maria Machado, conforme já foi mencionado em outra sessão deste trabalho, percorreu a obra de Guimarães Rosa nela "examinando a relação entre o sistema onomástico e a estruturação da narrativa em sua obra" (MACHADO, 1976, p. 23). E como o mestre ela valoriza a significação dos nomes e dela faz uso na construção dos sentidos de seus textos.

Na obra de Ana Maria nada acontece por acaso, tudo tem um sentido e um significado a ser desvendado. O nome das personagens, exerce assim, uma função na estrutura da narrativa. Dessa forma, os nomes escolhidos para designar as personagens fornecem um significado e se relacionam com seus papéis na narrativa. Por exemplo, o nome do dono da fazenda, Sinhô Peçanha, homem cruel e inescrupulosa, responsável pelo massacre que ceifou a vida de Rosário, sua mãe e outros negros, nos remete a peçonha, veneno. Rosário que nos relembra espiritualidade, oração, devoção, zelo e rosas, símbolo de beleza e pureza. Amaro que nos remete a amor, sentimento que unia os dois irmãos e que fez com que ninguém fosse capaz de desliga-los, mesmo após a morte. E Mariano, nome do narrador da história e escritor do livro que contaria a aventura vivida pelos amigos e a história de Rosário. O nome se relaciona com o nome da própria autora e num jogo de significados revela os caminhos percorridos para a escrita da narrativa.

O nome escolhido para a pousada "Pousada Mata livre" em homenagem os escravos que viveram naquelas terras e também em alusão à pequena mata verde que circundava o local e que também remete ao sonho e ideal de liberdade defendido pela autora, bem como o

nome do próprio livro: *Do outro mundo* que analogamente podemos associar à intencionalidade de semear uma nova mentalidade na sociedade brasileira.

3.4. "O mistério da ilha: Mandingas da Ilha Quilomba"

Em *O mistério da ilha: Mandigas da Ilha Quilomba* (1984), (Fig. 16) a autora mais uma vez se vale de suas observações da vida de comunidades de pescadores, como em *Do outro lado tem segredos*. Nessa narrativa, encontramos muito de sua experiência de vida no período da ditadura, seu sonho de liberdade. Seu grito de liberdade se volta mais uma vez para a realidade dos negros descendentes de africanos.

FIGURA 16: Capa do livro *O mistério da ilha*

FONTE: MACHADO, 2006

O texto é uma narrativa curta que, segundo a autora surgiu a partir de uma palavra que ela achava engraçada: mandinga, palavra de origem africana que é, segundo a autora, uma parte de nossa cultura que não costuma estar presente nos livros, sobretudo para as crianças. Sua primeira versão foi apresentada em um congresso de escritores que aconteceu na Venezuela.

O tempo na narrativa é atemporal, não há uma delimitação do período em que ocorreu ou de em quanto tempo se passou o desenrolar dos acontecimentos. O narrador é observador,

conhece a fundo a história, mas não participa dela. O espaço é a Ilha Quilomba, um paraíso imaginário, idealizado de forma a representar um quilombo, local em que a liberdade do negro era concretizada.

O enredo se desenvolve em torno de Chico, menino negro, filho do empregado da casa e de Carlos, menino branco e filho do patrão. Chico cresceu em meio ao preconceito e à atribuição de estereótipos aos negros, por isso aceita sua condição de explorado e, inicialmente, se conforma com o preconceito, aceitando-o como natural. Até esse ponto nada teria mudado com relação as histórias antigas, no entanto, com o desenrolar da trama, o quadro se inverte e uma transformação ocorre na vida da personagem. A inicial submissão e subalternidade de Chico aos caprichos do menino branco dão lugar a uma nova percepção.

No início da narrativa, Carlos é um menino rico e acostumado a ter todas as suas vontades atendidas na hora que quer. Chico é um menino negro, filho do empregado da casa de Carlos. Desperta pela manhã com o desejo de sair de barco e para isso precisa de Chico que é conhecedor das artes da navegação, porém não procura saber se o menino estar disposto a velejar ou se tem outro compromisso. O que importa para Carlos é que Chico deve obedecer a suas ordens, pois "Carlos é filho do patrão. Chico é filho do empregado. Carlos está acostumado a mandar e a ter tudo pronto e feito pelas pessoas que obedecem às suas ordens. Ele quer sair de barco e precisa de Chico que sabe manejar o veleiro e conhece o mar como ninguém. Chico prefere soltar pipa com os amigos, mas de que adianta sua vontade" (OMDIMIQ, 2006, p. 5).

Carlos (Fig.17) representa a ideologia que prega a inferioridade do negro perante o branco e, Chico, o conformismo e o sentimento de subserviência do negro que, após séculos de exploração e exclusão se conforma com sua condição e a aceita como destino por fora do sistema de opressão "Afinal de contas, assim é que eram as coisas, desde que ele se entendia por gente. O pai de Carlos pagava. O pai de Chico recebia. O pai de Carlos mandava. O pai de Chico cumpria. E, se Carlos ordenava, a pipa de Chico ficava mesmo para outro dia." (OMDIMIQ, 2006, p. 13).

FIGURA 17: Carlos, personagem branco de *O mistério da ilha: mandigas da Ilha Quilomba*

FONTE: MACHADO, 2006. p.08

Obediente às vontades do filho do patrão, Chico segue a viagem com Carlos. No caminho são surpreendidos por um acontecimento misterioso, uma estranha neblina surge repentinamente, vindo de encontro a eles e os envolve completamente,

> [...] O mar azul, encontrando o céu claro lá longe, um dia limpo, sem nuvem nenhuma... sem nuvem? E aquela ali na frente, tão perto? Seria capaz de jurar que ela tinha se formado de repente, justamente naquele instante, não estava naquela direção há pouco, tinha certeza. Tinha olhado naquela direção há pouquinho, não havia nada. (OMDIMIQ, 2006, p. 13).

Neste instante, o enredo é marcado pela presença de acontecimentos misteriosos. O fantástico se mistura com a realidade num entrelaçamento perfeito que concede um tom de misticismo à narrativa. A neblina que envolve a embarcação que conduz os meninos simboliza esse acontecimento insólito e a presença do elemento fantástico que é introduzido na história.

Completamente envoltos nessa misteriosa neblina, os meninos seguem sem saber para onde. São levados à deriva, sem destino certo, pois nada conseguiam enxergar diante de si

dada a escuridão. O narrador compara a neblina com o apagar das luzes antes de dormir. De repente a embarcação encalha e, da mesma forma misteriosa que surgiu, a neblina vai se dissipando e some completamente. Os meninos percebem que chegaram a uma misteriosa ilha a qual nunca haviam visto ou ouvido falar. Era impossível terem percorrido uma longa distancia, pois o período de neblina foi muito rápido. Sabiam que algo misterioso os envolvia, só não conseguiam distinguir o quê.

Uma série de acontecimentos insólitos se segue. O calção de Carlos some inexplicavelmente. As águas eram tão tranquilas na praia daquela ilha que seria impossível a sua força ter retirado o calção do menino.

> - Que houve com seu calção?
> - Sei lá, não vi. Devo ter perdido por aí. Vai ver, alguma onda carregou enquanto eu estava nadando.
> - Carregou como, cara, se não teve nenhuma onde grande?
> - E eu é que sei? Só sei que eu perdi meu calção e não vou andar pelado por aí. Me dá o seu.
> O tom de voz era de ordem, daquelas ordens que exigem ser cumpridas [...]. (OMDIMDIQ, 2006, p. 19).

Carlos, mais uma vez, faz uso de seu autoritarismo e, Chico, mesmo a contragosto obedece. Nota-se nas palavras do menino seu sentimento de superioridade em relação a Chico. Chico entrega sua calça cortada para Carlos e atende a outra ordem, a de subir em umas pedras e tentar avistar algum sinal de habitação na ilha. A essa ordem o menino obedece com gosto, afinal também estava curioso para conhecer o local, "[...] ele estava doido para explorar aquele lugar desconhecido, tão bonito, tão sossegado" (OMDIMDIQ, 2006, p. 19). Enquanto isso, Carlos decide descansar um pouco e procura uma sombra para deitar-se. Em poucos instantes em que cochila, Chico retorna e nota que mais uma vez o garoto está nu.

Não há uma explicação plausível para o sumiço da sua roupa pela segunda vez. O mistério continua. O menino agora quer a sunga de Chico, mas desta vez o menino não obedece. Algo começa a mudar no comportamento de Chico. O que Carlos não compreende, talvez por pirraça mesmo ou pelo fato de não querer estar nu. Ou talvez seja a o mistério da ilha que está mexendo com os sentimentos dele. Aquele lugar misterioso tem algo de incomum, há uma sensação diferente no ar. Algo além que precisa ser desvendado.

O menino Chico se conscientiza e rompe com seu estado primário "[...] Ainda por cima, ficava levando bronca de um cara que sempre tinha ouvido calado tudo que ele dizia [...]". O silêncio imposto pela submissão vai cedendo lugar à voz da identidade que ganha

intensidade a cada nova ação: “Chega, Carlos, não dá mais [...]” (MACHADO, 2006, p. 22). Essa transformação na vida de Chico representa o momento de sua conscientização de que não deve ser sempre submisso às vontades do outro. Tal transformação se consolida, quando mais adiante ele ouvirá histórias contadas por um velho da ilha acerca do tempo do cativeiro. Histórias que relatam a luta dos negros por liberdade, da resistência à escravidão, das fugas e formações dos quilombos e da esperança de dias melhores.

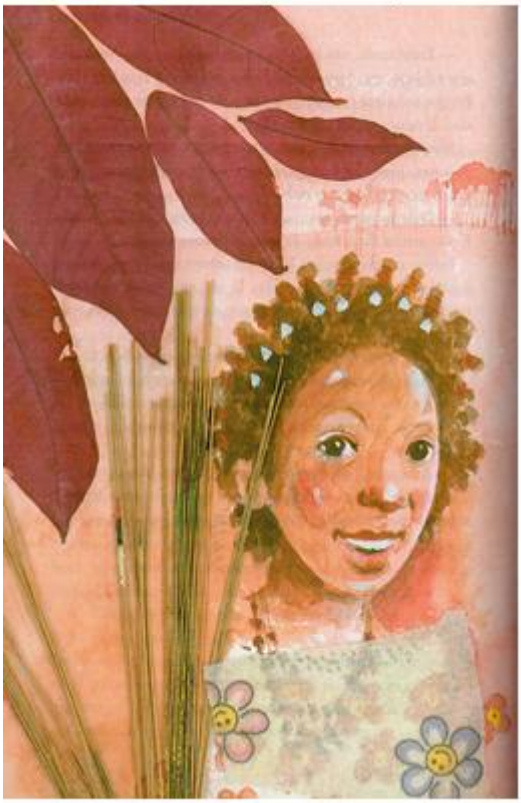
A narrativa segue e uma sequência de fatos intrigantes acontece com Carlos que acentuam ainda mais o tom de mistério. Mais uma calça que perde, as frutas que não consegue comer, um mico que toma de sua mão uma banana e uma gargalhada misteriosa que, a princípio, não consegue identificar. Porém, a onda de má sorte é apenas para ele, com o outro tudo vai bem. O menino chega a insinuar que se trata de uma ilha enfeitiçada. Será? Mas, por que o feitiço só recai sobre ele? Carlos improvisa uma tanga com um saco de estopa. A única forma que encontra para não permanecer nu. Essa peça não lhe é tirada. Mais tarde o menino descobrirá o porquê.

Uma nova personagem é apresentada, Luana, uma menina negra, com traços fenotípicos e culturais que lembram a cultura africana, cujas características são descritas pelo narrador de forma a enaltecer sua beleza,

> Uma menina que ria bonito, um sorriso branco como as flores estampadas em seu vestido comprido, fazendo contraste com a pele escura e os cabelos pretos penteados em dezenas de trancinhas enfeitadas de conchas. [...] Parecia uma princesa africana, com seu sorriso de luar em noite escura, seus colares de sementes e aquelas trancinhas todas, tantas, algumas espetadas no alto da cabeça como se fossem antenas de uma deusa marciana que de repente fosse se comunicar com os habitantes de outro planeta ou galáxia. (OMIMIQ, 2006, p. 35-36).

A caracterização física e os traços culturais de Luana (Fig. 18) são fundamentais para compreendermos a forma como a autora deseja desconstruir o padrão de beleza que é imposto pela tradição. Presenciamos uma subversão ao padrão de beleza eurocêntrico que considera como belo apenas os traços fenotípicos do branco.

FIGURA 18: Luana, personagem negra de *O mistério da ilha: mandigas da ilha Quilomba*



FONTE: MACHADO, 2006. p.34

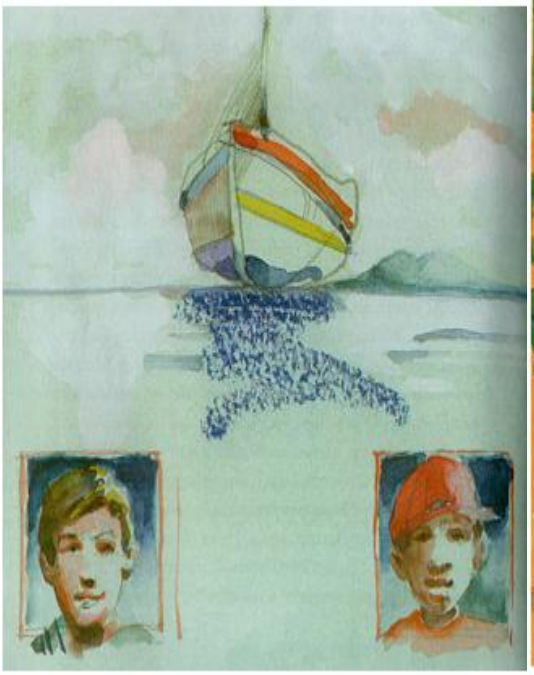
Na ilustração presente no texto e que acompanha sua descrição, observamos que o ilustrador faz uso de elementos permitem que o leitor visualize as informações fornecidas pelo texto escrito. A ilustração, dessa forma funcionou como elemento enriquecedor da obra.

Não apenas a descrição fenotípica, mas a referência a elementos da cultura africana tais como as trancinhas no cabelo, os birotes, a estamparia no vestido, os enfeites de conchas, aliada à comparação com uma princesa africana e a referência a elementos de sua religião, como a alusão a suas divindades conforme observado no trecho "[...] quando a menina falou, a voz dela parecia uma música, um canto perfumado, como das sereias ou daquela Dona Janaína, Rainha do Mar, das histórias que a avó contava" (OMDMIQ, 2006, p. 36) concedem ao discurso um tom de valorização da imagem do negro.

Também o nome Luana que pode fazer lembrar Luanda, capital de Angola, pais que, como o Brasil, foi colonizado e explorado por portugueses. O nome da personagem pode ser considerado como um recurso de evocação da cultura africana e da relação e influência desta na nossa cultura.

Com relação aos meninos, não encontramos no texto escrito, uma caracterização de suas características fenotípicas. Elas são percebidas quando observamos as ilustrações da obra. A leitura atenta das ilustrações (Fig. 19) é que nos permite traçar uma caracterização dos traços fenotípicos de Chico, conforme a que apresentamos a seguir:

FIGURA 19: Comparação dos fenótipos das personagens Carlos e Chico em *O mistério da ilha: mandigas da ilha Quilomba*



FONTE: MACHADO, 2006. p.14

FIGURA 20: Chico, personagem negro de *O mistério da ilha: mandigas da ilha Quilomba*

FONTE: MACHADO, 2006. p.26

Na ilustração que mostra a imagem de Carlos e Chico lado a lado (Fig. 19) podemos perceber claramente traços fenotípicos que nos permitem afirmar que Chico é negro. Além da cor da pele, percebemos os cabelos encaracolados, o nariz largo e os lábios grossos, traços físicos típicos desse povo. Logo, a ilustração nos revela o que o texto escrito deixa implícito e apenas sugere, pois também há pistas linguísticas que nos permitem fazer essa analogia, tais como a comparação feita por Carlos do gosto de Chico por bananas ser semelhante ao gosto dos macacos por esta fruta, conforme podemos observar na fala do menino quando Chico sugere que ele coma a banana: "- Você tem mesmo gosto de macaco, logo se vê." (OMDIMIQ, 2006, p. 31).

As características físicas dos meninos, e as diferenças entre eles, são bem mais acentuadas quando observamos em contraste as ilustrações dos mesmos.

Nesta ilustração podemos perceber claramente as diferenças entre os traços fenótipos das personagens. Carlos é branco, com traços típicos dessa etnia: a cor de sua pele é branca,

cabelos e olhos claros, nariz afilado, lábios finos. Enquanto Chico é representado com a cor da pele mais escura, o pouco que se vê de seus cabelos sugere que sejam encaracolados, seus lábios são grossos e o nariz largo.

Mais que um enfeite nas obras de literatura infantojuvenil, a ilustração, é um complemento da mensagem expressa no texto. Dessa forma, mais que importantes, elas são necessárias a esse gênero, uma vez que apoiam, afirmam e confirmam o que o texto verbal diz, o que ultrapassa a função estética, muitas vezes a elas atribuídas. No caso específico de nossa pesquisa, e seguindo as linhas de investigação da metodologia adotada, elas são imprescindíveis, uma vez que, nos permitem analisar o objeto a que nos propomos, a representação de personagens negros nas obras de Ana Maria Machado. Em específico nesta obra ora comentada, não encontramos, no texto escrito, a descrição física das personagens principais: Carlos e Chico, a leitura dessa descrição só pode ser feita a partir da observação das ilustrações.

Dessa forma, em *O mistério da ilha: Mandingas da Ilha Quilomba*, a função das ilustrações vai além do deixar o texto mais agradável e atrativo, a ilustração fala tanto ou mais que o texto. Isso implica afirmar que o ilustrador exerce um importante papel nesse gênero literário, pois o "texto escrito conta uma história recheada de imagens nas linhas e nas entrelinhas. A imagem complementa e enriquece esta história, a ponto de cada parte da imagem pode gerar diversas histórias" (LINS, 2003, p. 31), na produção de Ana Maria Machado, em especial nesta obra, percebemos o equilíbrio harmônico entre as linguagens verbal e não-verbal e o quanto esta última completa o sentido da primeira e, em muitos casos, fala mais que as palavras.

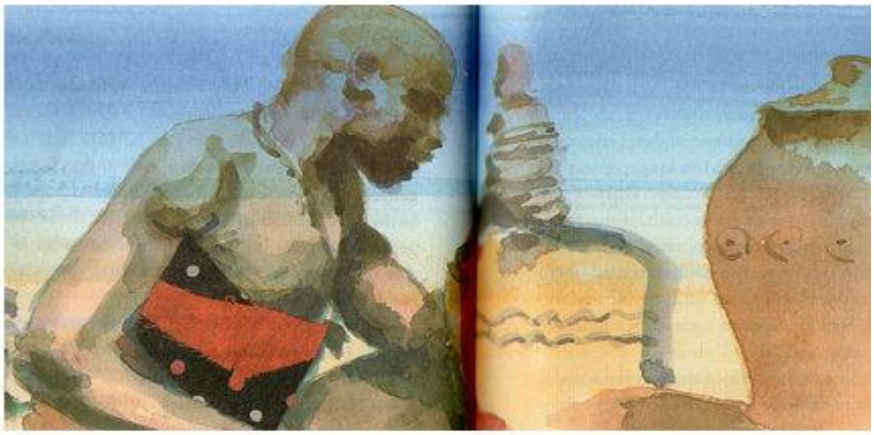
Outras ilustrações na obra nos permitem perceber a referência de elementos da cultura africana como, o artesanato, as vestimentas, o respeito à ancestralidade, a valoração dos mais velhos e sua associação com a sabedoria, traços estes que são características da cultura africana. O continente africano apresenta grande diversidade cultural, que pode ser notada em diversas formas de manifestação tal como, as vestimentas multicoloridas, o uso de diversos adereços no cabelo ou em forma de joias. O africano, em geral, preza pela moral e o respeito á igualdade de direitos e condições de vida, na comunidade em que habitam não há desigualdade, mas uma ajuda mútua, característica que podemos notar quando Luana apresenta a vila aos meninos na obra de Ana Maria Machado:

> Logo chegaram a uma clareira onde havia várias casas de palha e uma porção de gente trabalhando, várias das casas não tinham paredes, eram só umas coberturas de sapê e dava para ver bem o que o pessoal fazia.
> - São quitundos – explicou Luana.
> Num desses quitundos, umas mulheres teciam um pano de algodão. Em outro, havia homens e mulheres limpando e salgando peixe, que a criançada ia pondo para secar ao sol, em cima de umas palmas de coqueiro abertas no chão. Mais ao fundo, dois homens faziam girar uma roda que acionava uma espécie de ralador de mandioca: caía uma massa branca num cocho d'água, tinha um cesto comprido e diferente pendurado em dois paus, várias gamelas, um forno num canto com uma frigideira imensa e um pessoal mexendo um pó claro lá dentro. (OMDIMIQ, 1984, p. 39).

Na descrição feita pelo narrador, percebemos que sua atenção se volta para o trabalho, aspecto tão importante na cultura africana que a autora evoca. O trabalho aqui descrito não é um trabalho forçado, mas realizado em conjunto por um bem comum, diferente das atitudes de Carlos que a todo instante ordenava Chico a executar tarefas que iriam favorecer apenas a ele, numa alusão à exploração do negro na sociedade visto apenas como servo.

Nas ilustrações (Fig. 21) a seguir percebemos a presença das características do estilo de vida do africano:

FIGURA 21: Trabalhos realizados na aldeia



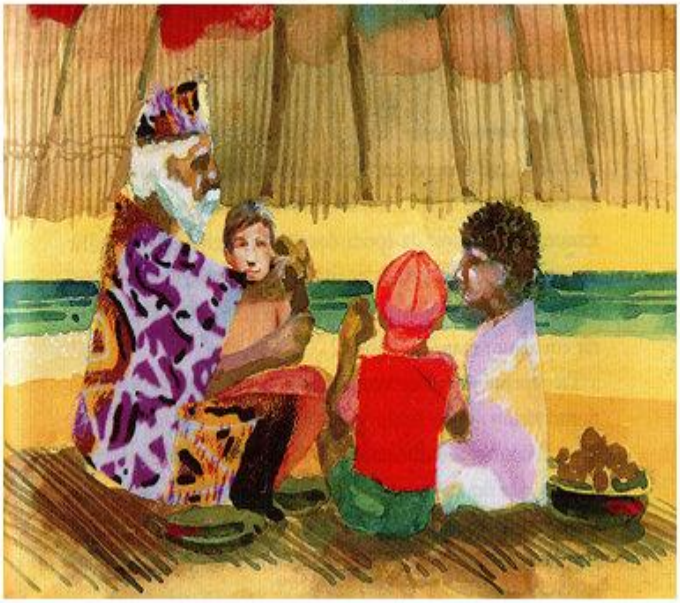
FONTE: MACHADO, 2006. p. 38-39

Luana descreve a vila como o lugar em que todos trabalham em prol de um mesmo ideal. Ninguém exerce uma função por obrigação ou porque outrem o ordenou. Sua crença é baseada na ideia de que o homem precisa respeitar a natureza, a vida e os outros homens para que não sejam punidos pelos espíritos com secas, enchentes, doenças, pestes ou a morte. Na narrativa, percebemos essa preocupação quando o avô de Luana expõe sua visão e ideal de vida para os meninos.

A base da cultura africana é a oralidade, eles não utilizavam textos e nem imagens para se basearem, mas fazem seus ritos a partir do conhecimento repassado através de

gerações antigas. Esses ritos são realizados em locais determinados, geralmente embaixo de uma árvore, bem próximo à natureza, gesto que pode simbolizar a integração dos seres vivos com a mãe terra e para a passagem da vida para a morte, conforme observamos nas ilustrações que seguem, o avó de Luana (Fig. 22) que é caracterizado como homem sábio e dotado de conhecimentos importantes atua como um oráculo que a partir de suas palavras orienta os meninos na formação de uma consciência crítica. Dessa forma, imagem do negro também é exaltada na representação desse personagem descrito como "[...] um velho majestoso, vestido em panos coloridos, enfeitado com penas de pássaro e colares de conchas" (MACHADO, 1984, p. 41).

FIGURA 22: Avô de Luana. Ênfase na oralidade em *O mistério da ilha: mandigas da ilha Quilomba*



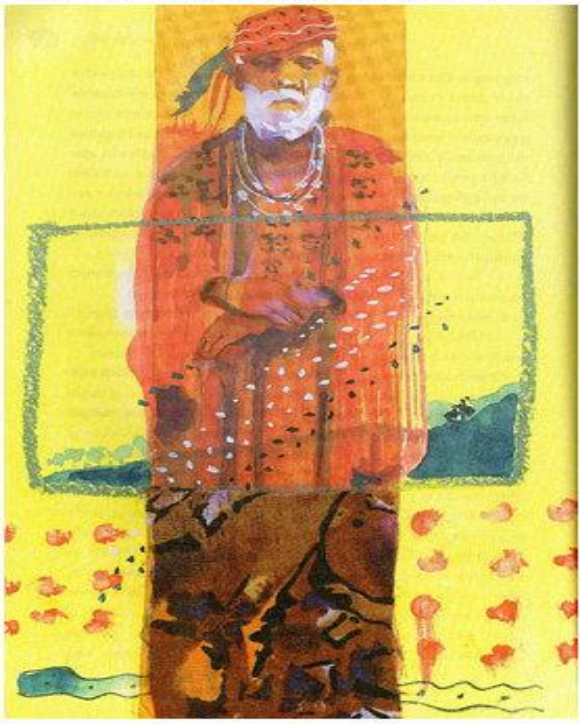
FONTE: MACHADO, 2006. p. 45

A África é um continente plural, rico em tradições, culturas e línguas e essa pluralidade é evidenciada ao observamos a figura acima, ela faz referência às diversidades de um povo, bem como a outros elementos que perpassam a cultura dele proveniente, com a relação africana com a palavra e o respeito aos mais velhos e às tradições aqui já mencionadas.

Em *O mistério da ilha: Mandingas da Ilha Quilomba*, Ana Maria Machado traz um discurso de igualdade, da importância do trabalho, do respeito ao outro e da liberdade. Sendo está última um principio muito importante e muito valorizado na narrativa. A lição aprendida pelos meninos, sobretudo Carlos, tem muito a ver com essa palavra. O ser humano será mais

feliz quando for mais livre. Quando não houver divisões e amarras de convenções que lhe impeçam o direito de ir e vir e de ser o que desejam ser, de expressar seus ideais, suas crenças, de viver sua cultura, o ser humano, independente da cor de sua pele, será realmente livre.

FIGURA 23: Avô de Luana em trajes africanos



FONTE: MACHADO, 2006. p. 42

A narrativa encerra com a descrição de uma cena que nos leva a supor que tudo que os meninos viveram não se passou de um sonho de Carlos:

> [...] Abriu os olhos com força e sentou-se. Bem à sua frente, os risquinhos do rastro do caranguejo na parede mostravam que estava acordado. Levou um susto. Caranguejo na parede? Como? Que parede era essa? Foi reconhecendo o lugar: a janela com a persiana fechada, os cartazes pregados por toda parte, a parede em frente à sua própria cama, que o irmãozinho tinha rabiscado e agora ele confundia com rastro de caranguejo ou mensagem de povos antigos. Puxa, que sonho esquisito o dessa noite! Mas agora era bom levantar. Abriu a janela. O dia estava lindo, tão lindo quanto se puder imaginar. (OMDIMIQ, 2006, p. 52).

Todas as aventuras, o suposto castigo a ele imposto, sabe-se lá por quem, foi apenas um sonho. Mas, tudo que observava lhe levava a considerar que já havia acontecido, embora não conseguisse explicar quando e como. Tudo voltara a normalidade. Ao procurar um calção para vestir em uma de suas gavetas, Carlos não encontra e "Ia gritar pela empregada, reclamando que as coisas nunca estão no lugar certo, será que ela não aprendia nunca?"

(OMDIMIQ, 2006, p. 52). Era o menino de sempre? Arrogante? Impaciente? Não. Algo estava diferente. Aquelas experiências já haviam sido vividas. Talvez tenha sido no sonho esquisito, reflete o menino.

> Nesse momento, olhou para a cadeira e viu em cima dela um saco de estopa velho. Não era possível! Estava amarrado com um nó do lado, como se fosse uma tanga improvisada, dessas de naufrago. Igual à dele, no sonho. De repente, estava lembrando. Do sonho, da Ilha Quilomba. Ia mandar Maria fazer o café depressa, para ele sair de barco. Neste momento, lembrou de Luana, da mandinga da Ilha, do tesouro dos tempos sem cativeiro. Não ia dar ordens. Foi ele mesmo até a cozinha e pôs o leite para esquentar (OMDIMIQ, 2006, p. 53).

Uma coisa era certa, aquela experiência, verdadeira ou não, real ou imaginária, havia mexido com os sentimentos de Carlos. Ele agora era uma outra pessoa. As experiências vividas na Ilha lhe fizeram refletir acerca de suas ações. O menino aprendeu a lição da liberdade, o quanto ela vale e seu real sentido. Este era o tesouro mencionado pelo avô de Luana. O tesouro que os negros encontraram na Ilha quilomba e faziam questão de preservar. O tesouro que todo de que ser humano, independentemente da cor da sua pele e de sua condição social, deve ser detentor.

Com a narrativa, a autora nos faz refletir sobre as noções de igualdade e respeito às diferenças. Compreendemos que esses conceitos são construções sociais baseadas em aspectos históricos, culturais e econômicos e que a intolerância á diferença é que leva à desigualdade e exclusão. Logo, pressupomos que a intenção da autora na narrativa ora comentadas é levar o seu leitor a uma conscientização a respeito da temática, uma vez que a mesma afirma que “a boa leitura garante a possibilidade de ascensão social e a tomada de uma parcela de poder, desenvolvendo a capacidade de ler entrelinhas e pensar pela própria cabeça” (MACHADO, 2001, p. 184), a mesma acredita que por meio da reflexão a partir do texto literário uma outra mentalidade pode se formar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegarmos ao final deste trabalho e diante de tudo que foi exposto e discutido, podemos afirmar que alcançamos nossos objetivos. Pretendíamos analisar a desconstrução do estereótipo negativo historicamente criado em torno da imagem do negro na obra de Ana Maria Machado considerando a construção fictícia das personagens negras a partir da caracterização física destas personagens por ela proposta, acreditando que a obra da referida autora rompe com a corrente tradicional da literatura em que encontrávamos uma representação estereotipada e estigmatizada do sujeito negro.

Após analisarmos as situações vividas por cada personagem criado por Ana Maria Machado, constatamos que estes se configuram como paradigmas de um novo modelo de representação do negro na literatura infantojuvenil contemporânea. Alguns aspectos encontrados nas obras da autora confirmam essa afirmação, tais como, o fato de que ao contrário do que costumávamos encontrar em obras com a presença de personagens negras, as criadas pela autora são protagonistas das narrativas; o enredo em que estão inseridas contribui para a desconstrução de estereótipos, seja por meio do enaltecimento da beleza negra como constatado em *Menina bonita do laço de fita*, pela evocação e respeito à cultura, costumes e tradições como em *Do outro lado tem segredos*, com a demonstração da heroicidade e resistência do negro em *Mandingas da Ilha Quilomba* e *Do outro mundo*, ou mesmo por meio do respeito à diversidade e as diferenças como pode ser constatado em Raul da ferrugem azul, *De olho nas penas* outras produções.

No decorrer de todo este trabalho, comentamos que Ana Maria Machado inicia suas narrativas com o tradicional “Era uma vez” inserindo seu leitor no mundo do “faz de contas”, na fantasia peculiar dos contos de fadas, conforme observamos especificamente no conto *Menina bonita do laço de fita*. Entretanto, a princesa que a autora nos apresenta não é branca, loura, com olhos azuis ou verdes, característica com que estamos acostumados a nos deparar nesse tipo de texto. A princesa é negra e tem a pele *lustrosa que nem o pelo da pantera negra quando pula na chuva* (MBLF, 2011, p. 3).

Contudo, Oliveira (2003) nos chama a atenção para a presença de uma identidade étnico-racial fragmentada, segundo a crítica não há uma homogeneidade na forma de representação da identidade da menina. A mesma não sabe por que é negra, não há uma referência concreta para sua negrura. A autora reconhece a inovação presente na obra, mas afirma que é inegável a aproximação entre os personagens tecidos no texto e o ideal de

“mestiçagem” e da “democracia racial” (OLIVEIRA, 2003, p. 9), que em sua visão seria um ponto negativo que desmerece a imagem do negro no conto, ao ponto que nega seu direito à uma identidade.

Não concordamos com a visão da autora supracitada, uma vez que não vemos a referência à mestiçagem como ponto negativo, pois é uma realidade inegável em nossa sociedade. Somos um povo formado de misturas, em nossa constituição genética e cultural há elementos das diversas etnias e culturas que passaram por aqui e deixaram seus rastros, quer seja biológicos ou culturais. Em *Menina bonita do laço de fita*, como nas demais obras aqui analisadas, identificamos uma caracterização que enaltece a imagem do negro e o coloca em patamar de igualdade com os demais personagens não brancos, presentes em seus enredos ou no enredo de outros textos.

De acordo com o que defendemos, por meio dessas comparações, Ana Maria valoriza a nossa diversidade cultural, respeita o negro e sua identidade, uma vez que toda a caracterização da personagem gira em torno da exaltação da beleza negra nesta personagem e nas outras presentes nas demais obras que apresentamos.

Em todas as caracterizações dos personagens negros presentes nas obras de Ana Maria Machado aqui analisadas, percebemos que a autora descreve seus personagens fazendo comparações destes com elementos que transmitem uma imagem positiva, no intento de realçar ou confirmar seus atributos. Observamos isso, em *Do outro lado tem segredos*, quando há a identificação de Bino com guerreiros e antigos reis da África, com o São Benedito ou com heróis que lutaram em prol do povo negro como Zumbi dos Palmares, reforçando a ideia de protagonismo negro.

Também em *Menina bonita do laço de fita*, quando encontramos a sua comparação com elementos de forte significação como, princesas e fadas, ou sua beleza associada à beleza da pantera negra, termo esse que faz referência também à beleza natural da mulher negra. Os traços físicos peculiares da raça negra também são realçados por meio dessas comparações. O texto de linguagem simples que se assemelha a uma brincadeira infantil, abre margem para uma profunda interpretação e reflexão.

O fantasma de uma menina negra, Rosário, que rompe as fronteiras do sobrenatural movida pela força do amor em busca de conhecer o destino do irmão, chama a atenção em *Do outro mundo*. Em Rosário, sua descrição e história, identificamos uma evocação ao período da escravidão no Brasil, no entanto essa evocação não intenciona levar o leitor a sentir dó do

negro, mas a refletir acerca do que impulsionou a geração de todos os estereótipos a ele atribuídos. O texto nos leva a questionar até que ponto o negro ficou livre após sua "alforria" concedida por força de leis que antecederam a abolição e mesmo após esta. Entendemos que nas entrelinhas está um discurso de denúncia das injustiças e desigualdades a que foram submetidos o negro no decorrer da história do Brasil.

No mesmo texto, temos a representação de Léo e Elisa, crianças afrodescendentes que representam a outra história do negro; uma história de conquistas e do negro que venceu por seus próprios méritos. Léo e Elisa são crianças pertencentes a uma classe social mais favorecida, escolarizados e portadores de um senso crítico, em oposição às histórias que apresentam negros em condições de miserabilidade, analfabetos e submissos ao brancos.

O mistério da ilha: Mandigas da Ilha Quilomba por meio da história de Carlos, menino rico e mimado e Chico, filho do empregado da cas, negro e pobre. A principio a condição de Chico é de submissão, no entanto, com o desenvolvimento da narrativa e à medida que vai se conscientizando, Chico se impõe e se liberta da opressão de Carlos. O cerne da mensagem do texto está na conscientização, Carlos também se conscientiza e após as experiências que supostamente vive, muda sua visão. A conscientização se dá a partir da reflexão sobre elementos importantes da cultura africana, sobretudo o trabalho.

O discurso do texto é um discurso de igualdade e de respeito ao outro. O outro que é representado pelo negro e sua cultura, muitas vezes desprezada e rejeitada. Cultura esta que é valorizada nas obras de Ana Maria Machado por meio de sua evocação. As cores, as formas, a diversidade, as tradições, os costumes, o respeito à ancestralidade são elementos que fazem alusão à cultura africana e estão presentes nas obras da autora. A própria Ana Maria Machado como contadora de histórias pode ser referenciada como um elemento dessa cultura na figura dos *griots*.

No *O canto da praça* não há a presença de personagens negros, mas em contrapartida a narrativa gira em torno de um apelo de combate à divisão e separação geradas pelas desigualdades e diferenças étnicas. Por meio de um discurso intertextual a autora constrói um discurso de igualdade e respeito às diferenças. Simão representa o poder de influência da literatura e a responsabilidade dos autores da literatura infantojuvenil em proporcionar aos jovens leitores a oportunidade de reflexão. Os jovens e as crianças que auxiliam o saltimbanco nessa jornada em busca pela paz, que só será alcançada quando houver o respeito pelo outro e

aceitação de suas individualidades, representam a consciência que é formada a partir da reflexão proporcionada pela literatura.

O Bino de *Do outro lado tem segredos*, Rosário, e os irmãos Léo e Elisa, personagens de *Do outro mundo*, bem como a mensagem expressa em *O canto da praça* evidenciam e sustentam nossa hipótese de que na produção literária infantojuvenil de Ana Maria Machado, a imagem estereotipada do negro é desconstruída e presenciamos uma ressignificação dessa imagem, agora representada de forma positivada que enaltece seu valor.

Estas e outras obras que constituem a produção literária da autora representam a inovação presente na literatura infantojuvenil brasileira na atualidade. Um movimento de renovação e reinvenção de conceitos, de rompimento com estereótipos e estigmas, de denúncia do preconceito e da discriminação racial presentes na sociedade. A produção literária da autora é símbolo dessa inovação e porque não afirmar que como Monteiro Lobato ela inaugurou uma nova vertente nesse gênero literário? Seus textos seguem um estilo que une tradição e modernidade num mesmo espaço, em um misto de rompimento e respeito para com o padrão canônico.

Os aspectos acima elencados mostram-se mais efetivos ao estendê-los às nossas experiências cotidianas. Crianças, adolescentes e jovens negros passam a reconhecer-se nas personagens e a confrontar suas experiências pessoais com as mostradas nas narrativas. Sendo que este reconhecimento se configura como algo importante para que eles possam se reconhecer como parte da sociedade e passem a resistir a práticas preconceituosas e discriminatórias com mais consciência de que estas são construções históricas e que por isso mesmo podem ser repensadas e reformuladas, dando espaço a novas concepções.

Acreditamos que ao criar personagens representantes dos grupos minoritários a autora contribui com a elevação da autoestima de crianças, adolescentes e jovens negros na medida em que estes se identificam com esses personagens identificando neles características positivas e, com a formação de uma consciência de igualdade em crianças, adolescentes e jovens não negros. Nesta perspectiva, sujeitos das duas etnias se reconhecerão em patamar de igualdade alimentando a esperança de que no futuro seja possível uma convivência pacifica entre os grupos étnicos constituintes da nossa sociedade.

Diante do exposto, defendemos que a autora faz uso do poder simbólico das palavras concedendo às suas narrativas uma função mais que de deleite, mas, sobretudo, de instrumento educativo e formador de opiniões, com vistas a “ensinar” as pessoas a se

relacionarem a partir de princípios éticos e, com isso, organizarem-se socialmente sob a ótica da igualdade.

Dessa forma, concluímos que as produções literárias que constituem o *corpus* desse estudo rompem com a corrente tradicional de pensamento literário que estigmatizava, depreciava e estereotipava a imagem do negro em nossa literatura infantojuvenil. E corroboram com a desconstrução destes em nossa sociedade, atuando como ferramenta de combate ao racismo, na medida em que apresentam imagens positivas das personagens negras.

O conteúdo presente nas entrelinhas dessas obras demonstra ser capaz de incentivar uma criança, um adolescente ou um jovem negro a sentir orgulho de pertencer ao seu grupo étnico, rompendo com a ideologia do embranquecimento e da negação das raízes. Isso não implica dizer que a produção literária de Ana Maria Machado seja marcada por uma ideologia política ou que seja representante de uma bandeira de movimento social, embora reconheçamos que nenhuma produção literária seja de todo neutra, principalmente quando a vida de seu autor seja marcada por uma trajetória de lutas políticas e pautada em princípios éticos bem definidos por seu posicionamento perante a história. A característica principal de sua produção são as múltiplas leituras que permitem e a vertente estética que a particulariza e qualifica como sendo uma das maiores escritoras do gênero infantojuvenil em nosso país.

É certo que a sociedade ainda precisa conceder mais espaço para a "voz" negra, para a denúncia do racismo, do preconceito e da descriminação contra o sujeito negro. Dessa forma, a discussão em torno da literatura infantojuvenil que apresenta personagens negras no meio acadêmico significa abrir espaço para o respeito à diversidade, pois elas são capazes de confrontar o discurso hegemônico presente na sociedade a partir dele próprio.

Dessa forma, o cuidado de Ana Maria Machado ao elaborar seus personagens e narrativas de forma a nos apresentar uma visão menos fragmentada e estereotipada do negro se revela um marco da literatura infantojuvenil contemporânea. A visão do negro como sujeito diásporico e do seu reconhecimento ancestral nos leva a compreender que, o negro representado em sua produção literária dialoga com o negro da vida real, falando com ele e de coisas dele e não um negro idealizado, com uma origem desconhecida e distante.

Somos conscientes de que não cabe a literatura a missão de exterminar o racismo, o preconceito e a discriminação racial presente na sociedade, mas por seu caráter formador, em

especifico da literatura infantojuvenil, ela pode contribuir com a formação de uma mentalidade mais consciente e aberta à aceitação das diferenças nas novas gerações.

Assim, Ana Maria Machado se torna uma *griot* dos tempos modernos ajudando seus leitores, negros, afrodescendentes ou não, a se reconhecerem como sujeitos de sua história e, ao mesmo tempo, significados e significadores neste mundo de tantos valores perdidos.

Esperamos assim, que mais discussões possam ser empreendidas em torno da temática aqui abordada e que mais obras da literatura infantojuvenil possam contribuir para a consolidação de uma sociedade mais igualitária entre as raças, em que se promove o respeito à diversidade étnico-racial.

BIBLIOGRAFIA

1. OBRAS DA AUTORA

1.1. OBRAS OBJETO DE ESTUDO

MACHADO, Ana Maria Machado. **Do outro lado tem segredos**. Ilustrações de Gerson Confort. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

_____. **Menina bonita do laço de fita**. Ilustrações de Claudius. São Paulo: Ática, 2011.

_____. **Do outro mundo**. Ilustrações de Lúcia Brandão. São Paulo: Ática, 2002.

_____, **O mistério da ilha: Mandingas da Ilha Quilomba**. Ilustrações de Zéflavio Teixeira. São Paulo: Ática, 2006.

_____. **O canto da praça**. Ilustrações de Alexandre Coelho. São Paulo: Àtica, 1984.

1.2. OUTRAS OBRAS COMENTADAS

_____. **De olho nas penas**. Ilustrações de Gonzalo Cárcamo. Rio de Janeiro: Salamandra, 1981.

_____. **Bem do seu tamanho**. Ilustrações de Gerson Confort. Rio de janeiro: EBAL, 1980.

_____. **Beto, o carneiro**. Ilustrações de Jean-Claude R. Alphen. Rio de Janeiro: Salamandra, 1990.

_____. **Bento-que-é-bento-é-o-frade**. Ilustrações de Cláudio Martins. São Paulo: Abril, 1997.

_____. **Raul da ferrugem azul**. Ilustrações de Rosana Faria. Rio de Janeiro: Moderna, 2003.

_____. **O pavão do abre-e-fecha**. 6. Ed. Ilustrações de Bruno Nunes. São Paulo: Ática, 2003.

_____. **Gente bem diferente**. Ilustrações de Fabiana de Egrejas. São Paulo; Quinteto Editorial, 2004.

1.3. ENSAIOS

_____. **Recado do nome:** leitura de Guimarães Rosa à luz do nome de seus personagens. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. **Contracorrente:** conversas sobre leitura e política. São Paulo: Ática, 1999.

_____. **Texturas:** sobre leituras e escritos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

_____. **Como e por que ler os clássicos universais desde cedo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

_____. **Ilhas do tempo:** algumas leituras. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

_____. **Balaio:** livros e leituras. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

1.4. WEB SITE OFICIAL DA AUTORA

<www.anamariamachado.com.br>

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **O estranho mundo que se mostra às crianças**. 2. ed. São Paulo: Summus, 1983.

_____. **Literatura infantil:** Gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 2004.

ATAÍDE, Vicente de Paula. **Literatura infantil & ideologia**. Curitiba: HD Livros, 1995.

BASTOS, Luciete de Cassia Souza lima. **Os fios da memória nos teares da imaginação de Ana Maria Machado:** o narrador em Do outro mundo. (Dissertação de mestrado). Belo Horizonte: UFMG, 2010.

CADERMATORI, Ligia. **O que é literatura infantil**. 2. Ed. São Paulo: Brasiliense, 2010.

CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2006.

COELHO, Nelly Novaes.. **Literatura infantil:** Teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000.

COUTINHO, Afrânio. COUTINHO, Eduardo de F. **A Literatura no Brasil**. 4. ed. São Paulo: Global, 1997. Vol. 05

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura infantil:** teoria e prática. 18. Ed. São Paulo: Ática, 2004.

DEBUS, Eliane Santana Dias. **Meninos e meninas negras na literatura infantil brasileira:** (des)velando preconceitos. Perspectiva, Florianópolis, v. 28, n. 1, 191-210, jan/jun, 2010.

_____. **A escravização africana na literatura infanto-juvenil:** lendo dois títulos. In; Currículos sem fronteiras, v. 12, n.º 1, p. 141-156, Janeiro/Abril 2012.

_____. A temática da cultura africana e afro-brasileira na literatura infantil de Júlio Emílio Braz. In COELHO, Nelly Novaes.; CUNHA, Maria Zilda da.; BASEIO, Maria Auxiliadora Fontana (orgs.) **Tecendo Literatura:** Entre vozes e olhares. São Paulo: Copyright, 2013.

FARIA, Maria Alice. **Como usar literatura infantil na sala de aula**. 4. ed. São Paulo; Contexto, 2008.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz:** Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

_____. Uma dupla inseparável: cabelo e cor da pele. In: BARBOSA, Lúciaa Maria de Assunção et al. **De preto a afro-descendente:** trajetos de pesquisa sobre as relações étnico-raciais no Brasil. São Carlos: edURSCar, 2003.

_____. **Educação e identidade negra**. In: Aletria. Minas Gerais: 2002, p. 38-47.

_____. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: Ministério da Educação (Org.). **Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal n.º 10.639/03**. Brasília: SECAD, 2005.

_____; MUNANGA, Kabengele. **O negro no Brasil de hoje**. São Paulo. Ação Educativa, 2006.

GOUVÊA, Maria Cristina Soares de. **Imagens do negro na literatura infantil brasileira:** análise historiográfica. 2005. Disponível: <http:// http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n1/a06v31n1>. Acesso em: 27 de outubro de 2015.

GRIMM, J.; GRIMM, W. **Contos e lendas dos irmãos Grimm**. São Paulo: Edgraf, 1998, v. 2.

HELD, Jacqueline. **O imaginário no poder:** as crianças e a literatura fantástica. 3. Ed. Tradução de Carlos Rizzi. São Paulo: Summus, 1990. (Novas buscas em educação v. 7).

HOFBAUER, Andreas. **Uma história de branqueamento ou o negro em questão**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

HUNT, Peter. **Crítica, Teoria e Literatura Infantil**. Tradução de Cid Knipel. Ed. Revisada. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

HUTCHEON, Linda. 1991. **Poética do pós-modernismo:** história, teoria e ficção. Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago.

JOVINO, Ione da Silva. Literatura Infanto-juvenil com personagens negros no Brasil. In: SOUZA, Florentina; LIMA, Maria Nazaré. (Orgs.) **Literatura Afro-Brasileira**. Brasília: Fundação Palmares, 2006.

LAJOLO, Marisa. **Ana Maria Machado:** seleção de textos, notas, estudos biográfico, histórico e crítico e exercícios. São Paulo: Abril educação, 1983.

_____; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira:** história e histórias. 6. ed. São Paulo: Ática, 2007.

LINS, Guto. **Livro infantil? Projeto gráfico metodologia, subjetividade**. 2. ed. São Paulo: Rosari, 2003.

LOBATO, Monteiro. **Peter Pan**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

_____. **Reinações de Narizinho**. São Paulo: Ed. Nacional, 2008.

_____. **A literatura deve dar prazer**. Rio de Janeiro: Nova Escola: a revista do professor,

MALACHIAS, Rosangela. **Cabelo bom, cabelo ruim**. Coleção percepções da diferença. Negros e brancos na escola. Vol. 4. São Paulo: NEINB, 2007.

MENDES, Iba. **Dicionário de nomes próprios:** com ênfase nos nomes bíblicos. São Paulo: PED, 2006.

OLIVEIRA, Indira Caldas Cunha. **Infâncias: um processo histórico-cultural**. In: _____ **Infâncias:** o lugar do lúdico nas tramas do trabalho infantil. Natal, 2004, 212 f. p.18-35 Dissertação (Mestre em Psicologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

OLIVEIRA, Maria Anória de Jesus. **Negros personagens nas narrativas literárias infanto-juvenis brasileiras:** 1979-1989. Dissertação (Mestrado em Educação) – Departamento de Educação da UNEB, Salvador, 2003.

PALO, Maria José; OLIVEIRA, Maria Rosa D. **Literatura infantil:** Voz de criança. São Paulo: Ática, 2011.

PINHO, Patrícia de Santana. **Reinvenções da África na Bahia**. São Paulo: Annablume, 2004.

SILVA, Ana Célia. **A discriminação do negro no livro didático**. Salvador: CEAO/CED, 1995.

_____. **As transformações da representação social do negro no livro didático e seus determinantes. 2001**, Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da UFBA, Salvador, 2001.

SILVA, Consuelo Dores. **Negro, qual é o seu nome?** Belo Horizonte: Mazza Edições, 2004.

ROSEMBERG, Fúlvia. Discriminações étnico-raciais na literatura infanto-juvenil brasileira. Revista Brasileira de Bibliteconomia. São Paulo: 1979.

_____. **Literatura infantil e ideologia**. São Paulo: Global, 1985.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil brasileira**. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

_____. **A literatura infantil na escola**. 11. ed. São Paulo: Global, 2003.